



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

JÉSSICA BEATRIZ TOLARE

**O USO DE LINGUAGEM DE INDEXAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA
DE LIVROS EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: OBSERVAÇÃO COM
PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL**

**Marília - SP
2021**

JÉSSICA BEATRIZ TOLARE

**O USO DE LINGUAGEM DE INDEXAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA
DE LIVROS EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: OBSERVAÇÃO COM
PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências,
Universidade Estadual Paulista da UNESP, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Produção e Organização da
Informação.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Mariângela Spotti Lopes Fujita.

**Marília - SP
2021**

T647u Tolare, Jessica Beatriz
O uso de linguagem de indexação na representação temática de livros em bibliotecas universitárias : observação com Protocolo Verbal Individual / Jessica Beatriz Tolare. -- Marília, 2021
125 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Mariângela Spotti Lopes Fujita

1. Linguagem de indexação. 2. Política de indexação. 3. Bibliotecas universitárias. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

USO DE LINGUAGEM DE INDEXAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DE LIVROS EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS: OBSERVAÇÃO COM PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL

Dissertação para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP - Campus de Marília, na área de concentração Produção e Organização da Informação

Membros da Banca Examinadora

Profª Drª. Mariângela Spotti Lopes Fujita (Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Marília

Profº Drº. Walter Moreira

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Marília

Drª. Roberta Cristina Dal'Evedove Tartarotti

Bibliotecária - UNICAMP

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Marília.

Marília, 25 de Fevereiro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Para chegar até aqui foi um longo caminho do qual nem imaginava ser possível. Não teria conseguido sem a ajuda de todas as pessoas que me orientaram e auxiliaram nessa jornada. Agradeço à:

Profª Mariângela, pela orientação durante todos esses anos, desde a graduação, sempre com muita paciência, atenção e ensinamentos, tanto acadêmico como pessoal.

Ao meu pai, Paulo, e ao meu irmão, Bruno, por sempre me apoiarem em todas as decisões que tomei para chegar até aqui. Tudo começou por causa de vocês e tudo é para vocês.

Ao Vinicius, pelo companheirismo e cuidado diário durante todo esse tempo, sempre me ajudando e incentivando, inclusive com as coisas mais simples do cotidiano. Obrigada por todas as conversas e por estar presente.

A Kenya, pelo trabalho profissional com as sessões de terapia, no qual me ajudaram e tem me ajudado a melhorar muito.

A Bruna, pela amizade que surgiu durante a pós, pelas conversas, trabalhos em conjunto e momentos de lazer em que ajudava a espairecer dessa correria.

Aos membros da banca, pelas sugestões, que foram essenciais para o desenvolvimento do trabalho. À Roberta, que esteve comigo desde a graduação sempre me ajudando e ensinando; ao profº Walter, por toda orientação e ensinamento.

Aos representantes discentes, professores e coordenação do PPGCI, todos os funcionários da FFC e da biblioteca por sempre estarem auxiliando e esclarecendo todas as dúvidas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Minha gratidão a todos!

Resumo: O processo de indexação em livros é feito por etapas, passando pelo exame do documento para identificação do assunto; identificação e seleção de conceitos até a tradução dos conceitos em termos representativos. Todas essas as fases são importantes e necessárias, pois o seu objetivo final está em recuperar a informação no catálogo online para sanar a necessidade do usuário. Para realizar esse procedimento, a política de indexação define e orienta como ele ocorrerá, escolhendo o tipo de linguagem de indexação a ser utilizada pela biblioteca. A linguagem de indexação, um tipo de vocabulário controlado, é utilizada na fase de tradução dos conceitos em termos representativos, em que é feita a conversão da linguagem natural ou livre identificada para uma linguagem construída artificialmente padronizada e definida e deve ser utilizada pelo usuário na busca no catálogo. Se uma indexação é feita de forma inadequada, por problemas relacionados a linguagem controlada ou por causa do próprio sistema, podem ocorrer problemas na representação da informação e, conseqüentemente, em sua recuperação. Por isso, a pesquisa possui como objetivo investigar como bibliotecas universitárias estão realizando o processo de indexação de livros e como os catalogadores recorrem à linguagem da indexação, a partir da orientação a ser seguida pela política de indexação definida pelas bibliotecas. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a técnica introspectiva do Protocolo Verbal Individual, que consiste na gravação do “Pensar Alto” do catalogador enquanto verbaliza, em voz alta, todos os procedimentos da tarefa de indexação de livros, inclusive seus pensamentos. O Protocolo Verbal Individual foi aplicado com catalogadores de uma Rede de Bibliotecas Universitárias das áreas de Ciências Humanas, Ciências Exatas e Ciências Biológicas. Os resultados obtidos da análise das transcrições dos Protocolos Verbais Individuais revelaram que dois dos catalogadores durante o processo de indexação fazem uso da política de indexação e da linguagem escolhida. Um catalogador diz seguir, mas fez algumas escolhas que vão contra a orientação definida pela política. Pode-se observar que, quase todas as bibliotecas universitárias realizam o processo de indexação, seguindo o que é definido pela política e fazendo uso da linguagem. Os catalogadores relataram preocupações quanto à linguagem e o manual, abordando questões de como será o futuro da linguagem e da necessidade de realizar atualizações dos registros que foram criados antes do desenvolvimento da linguagem de indexação e que não receberam atualizações depois de sua implantação.

Palavras-chave: Linguagem de indexação. Política de indexação. Bibliotecas universitárias.

Abstract: The indexing process in books is done in stages, going through the examination of the document to identify the subject; identification and selection of concepts to the translation of concepts into representative terms. All of these phases are important and necessary, as your ultimate goal of to retrieve the information in the online catalog to remedy the user's need. To perform this procedure, the indexing policy defines and guides how it will occur, choosing the type of indexing language to be used by the library. The indexing language, a type of controlled vocabulary, is used in the translation phase of the concepts in representative terms, in which the conversation of the identified natural or free language to artificially standardized and defined languages is made. If indexing is done inappropriately, due to problems related to controlled language or because of the system itself, problems may occur in the representation of information and, consequently, in its recovery. Therefore, the research aims to investigate how university libraries are doing the book indexing process and how catalogers resort to the language of indexing, based on the guidance to be followed by the indexing policy defined by the libraries. For the development of the research, the introspective technique of the Individual Verbal Protocol was used, which consists of recording the cataloger's "Think Aloud" while verbalizing, aloud, all the procedures of the book indexing task, including his thoughts. The Individual Verbal Protocol was applied with catalogers from university libraries in the areas of Human Sciences, Exact Sciences and Biological Sciences. The results obtained from the analysis of the transcripts of the Individual Verbal Protocols revealed that two of the catalogers during the indexing process make use of the indexing policy and the chosen language. A cataloger say he does, but he made some choices that go against the policy's guidelines. It can be seen that almost all university libraries carry out the indexing process, following what is defined by the policy and using the language. The catalogers reported concerns about the language and the manual, addressing questions about what the future of the language will look like and the need to perform updates to the records that were created before the development of the indexing language and that did not receive updates after its implementation.

Keywords: Indexing language. Indexing policy. University libraries.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sistematização da pesquisa relacionando os objetivos com os capítulos	17
Quadro 2: Etapas para elaboração e construção do tesouro	30
Quadro 3: Tipos de termos do tesouro e abreviaturas	35
Quadro 4: Notações para a transcrição do Protocolo Verbal Individual	59
Quadro 5: Categorias de análise	61
Quadro 6: Trechos das transcrições da categoria 1 – Análise e exploração do livro para identificação de conceitos	64
Quadro 7: Trechos das transcrições da categoria 2 – Identificação e seleção de conceitos	67
Quadro 8: Trechos das transcrições da categoria 3 – Representação de conceitos por termos	69
Quadro 9: Trechos das transcrições da categoria 4.1 – O processo de indexação antes da implantação da linguagem de indexação	71
Quadro 10: Trechos das transcrições da categoria 4.2 – O processo de indexação depois da implantação da linguagem de indexação	73
Quadro 11: Trechos das transcrições da categoria 5 – O uso do manual de indexação e da política de indexação	75
Quadro 12: Trechos das transcrições da categoria 6 – Uso de bases de dados e outros vocabulários controlados	77

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1: Complexidade estrutural aumentada dos vocabulários controlados	28
Figura 2: Exemplo de relações hierárquicas no tesouro	32
Figura 3: Exemplo de relação associativa	33
Figura 4: Exemplo de relação de equivalência	34
Figura 5: Modelo de sistema cognitivo humano	53
Figura 6: Método de análise do Protocolo Verbal Individual	58
Gráfico 1: Resultados a partir dos termos “linguagem de indexação” com e sem aspas nas bases de dados nacionais	45
Gráfico 2: Resultados a partir dos termos “linguagem de indexação” com e sem aspas nas bases de dados internacionais	46
Gráfico 3: Resultados a partir dos termos “linguagem de indexação” AND “biblioteca universitária”	47
Gráfico 4: Resultados a partir dos termos “política de indexação” AND “biblioteca universitária”	48
Gráfico 5: resultados a partir dos termos “tesouro” e “thesaurus”	48
Gráfico 6: resultados a partir das buscas nos anais do ENANCIB	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas
- ANSI**– *American National Standards Institute*
- BDTD** – Biblioteca digital de teses e dissertações
- BN** – Biblioteca Nacional
- BRAPCI** – Base de dados em Ciência da Informação
- EMTREE** – *Embase Subject Headings*
- ENANCIB** – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
- ER** – Entrevista retrospectiva
- FAAC** – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
- FC** – Faculdade de Ciências
- FCA** – Faculdade de Ciências Agrônomicas
- FCLar** – Faculdade de Ciências de Letras de Araraquara
- FE** – Faculdade de Engenharia
- GEOBASE** – Sistema Integrado de Bases Geoespaciais do Estado do Espírito Santo
- ICT** – Instituto de Ciência e Tecnologia
- ISO** – *International Organization for Standardization*
- LC** – *Library of Congress*
- LCSH** – *Library of Congress Subject Headings*
- LISA** – *Library & Information Science Abstracts*
- MeSH** – *Medical Subject Headings*
- NISO** - *National Information Standards Organization*
- PV** – Protocolo Verbal
- PVI** – Protocolo Verbal Individual
- SNBP** – Sistema Nacional de Biblioteca Públicas
- TTI** - Tratamento Temático da Informação
- UNISIST** – *United Nations International Scientific Information System*
- UNESP** – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
- UNICAMP** – Universidade de Campinas
- USP** – Universidade de São Paulo
- VOCAUSP** – Vocabulário Controlado da Universidade de São Paulo
- WOS** – *Web of Science*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Contextualização do problema	12
1.2 Proposição	14
1.3 Objetivos	14
1.4 Justificativa	15
1.5 Sistemática da dissertação	15
2. A LINGUAGEM DE INDEXAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DE LIVROS	18
3. O USO DA LINGUAGEM DE INDEXAÇÃO PELA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DURANTE O PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA	36
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	62
5.1 Resultados e discussão da aplicação do Protocolo Verbal	63
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE A – Modelo de e-mail de contato	95
APÊNDICE B – Modelo de autorização de coleta de dados	96
APÊNDICE C – Transcrição da coleta de dados da Biblioteca A	97
APÊNDICE D – Transcrição da entrevista retrospectiva da Biblioteca A	100
APÊNDICE E – Transcrição da coleta de dados da Biblioteca B	106
APÊNDICE F – Transcrição da entrevista retrospectiva da Biblioteca B	110
APÊNDICE G – Transcrição da coleta de dados da Biblioteca C	117
APÊNDICE H – Transcrição da entrevista retrospectiva da Biblioteca C	120
ANEXO A – Instruções aos sujeitos (familiarização sobre a técnica do “Pensar Alto” ou Protocolo Verbal)	124

1. INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido na linha de pesquisa “Produção e Organização da Informação”, contendo, como tema, a linguagem de indexação no processo de indexação de livros, cuja delimitação consiste no uso da linguagem pelas bibliotecas universitárias.

Ele surgiu oriundo de estudos realizados no projeto de pesquisa intitulado “Política de indexação em bibliotecas” e no projeto nomeado “Linguagem de indexação para bibliotecas na perspectiva da política de indexação”¹. A partir deles, desenvolveu-se a pesquisa de Iniciação Científica e o Trabalho de Conclusão de Curso denominado “Política de indexação em bibliotecas públicas”. Concluiu-se que a maioria das bibliotecas analisadas não possuem política de indexação implementada e nem manual de procedimentos, conseqüentemente, não utilizam linguagem de indexação. A falta de política e de linguagem de indexação pode gerar problemas na representação do livro, no catálogo da biblioteca e na recuperação das informações pelo usuário.

A política de indexação permite definir uma diretriz a ser seguida pelo bibliotecário catalogador, auxiliando nesses empecilhos que aparecem durante o processo de indexação. A política de indexação e a linguagem de indexação conseguem padronizar ações e, assim, melhorar o trabalho do bibliotecário e o sistema do catálogo da biblioteca para o usuário (FUJITA; SANTOS, 2016; TOLARE, 2018; CRUZ, 2019; TOLARE; ALVES; FUJITA, 2019).

Para o desenvolvimento do trabalho, foi empregado como universo da pesquisa a biblioteca universitária, que, segundo Cruz (2019), é responsável pela organização da informação e faz uso de recursos para lidar com os materiais bibliográficos, mediante a análise e a representação da informação.

A biblioteca universitária está sempre vinculada a uma unidade do ensino superior, podendo ser uma instituição pública ou privada. Ela possui o intuito de em apoiar os objetivos da instituição, especificamente, as atividades de ensino, pesquisa e extensão por meio do seu serviço e do seu acervo, atendendo docentes, pesquisadores, funcionários, discentes e a comunidade acadêmica em geral (SNBP, S. d.).

¹ Projetos criados e orientados pela Prof.^a Dr.^a Mariângela Spotti Lopes Fujita, durante o período de 2010 a 2018 (FUJITA, 2010; FUJITA, 2015).

Sua necessidade está em sistematizar processos e condutas de indexação. Nessa tarefa, depende de uma política elaborada em consenso por catalogadores, para o planejamento, elaboração e implantação dos procedimentos, técnicas, normas e manual da política de indexação, com o objetivo de disponibilizar orientações gerais e específicas, no intuito de organizar e recuperar a informação (FUJITA; FAVATO; ZANIBONI; FAGUNDES, 2016, p. 23).

A política de indexação é adotada, durante a indexação, definindo como será concretizado o tratamento temático da informação. A indexação é a identificação do teor do documento. Nesse processo, é analisado o seu conteúdo e são atribuídos termos que devem representar, da melhor maneira possível, o assunto. O seu objetivo é auxiliar o usuário, no momento da busca no catálogo, visando a uma boa recuperação da informação pesquisada.

Para isso, há necessidade em se estabelecer política de indexação para orientação ao processo de indexação, pois, segundo Dias e Naves (2007, p. 31), é

imprescindível na orientação da atividade do indexador. Contendo uma política bem definida, tendo em vista o perfil de seus usuários, o sistema de recuperação de informação apresenta maiores chances de eficácia no alcance de seus objetivos.

Fujita (2003, p. 102) explica que a política de indexação deve estar inserida em dois contextos que se complementam. O primeiro é o contexto físico do trabalho do catalogador: essa fase está relacionada com o conhecimento sobre o sistema de informação e a própria biblioteca. O segundo está alocado com o contexto sociocognitivo que influenciará no trabalho do catalogador: essa etapa envolve diretamente a política de indexação, as regras e os procedimentos do manual de indexação, a linguagem documentária para a representação dos livros e a mediação da linguagem de indexação feita pelo catalogador e os interesses de busca do próprio usuário.

1.1 Contextualização do problema

Segundo Fujita e Gil Leiva (2010), o uso inadequado da política de indexação reflete diretamente, quando o bibliotecário utiliza a linguagem de indexação, da mesma forma que a linguagem de indexação possui influência para a política de indexação, pois

é ela que permitirá definir a efetividade do desempenho do sistema de recuperação, na biblioteca.

Cruz (2019) elaborou uma pesquisa que consistiu em verificar como a linguagem de indexação era usada nas bibliotecas universitárias no Brasil. De acordo com sua investigação, 39 bibliotecas declararam empregar uma linguagem de indexação, representando 84% da amostragem, enquanto 7 não fazem uso de nenhum tipo de linguagem, gerando 15,2% da amostra. A autora explica que, das 39 bibliotecas, 20 não disponibilizaram a linguagem de indexação para o usuário no catálogo, correspondendo a 52,6% das bibliotecas, enquanto 47,4% a disponibilizaram, para consulta do usuário.

Em seu estudo, Cruz (2019) obteve os resultados concernentes ao manual de política de indexação: 25 bibliotecas (54,3%) apresentam uma política de indexação documentada, enquanto 21 bibliotecas (45,7%) não possuem nenhum documento. Dessas bibliotecas que responderam não possuir um manual, 17 bibliotecas (81%) pretendem elaborar um manual de política de indexação, enquanto 4 bibliotecas (19%) não têm interesse em desenvolver. Das 25 bibliotecas que revelam linguagem de indexação definida, 22 bibliotecas (88%) incluem orientações sobre o uso da linguagem.

A investigação de Fujita e Santos (2016) sobre política de indexação em bibliotecas, na Região Sudeste, entre 2010 e 2014, obteve como resultado a existência da política de indexação nas bibliotecas, em três estágios de desenvolvimento e formalização da política de indexação, denominados estágio completo, parcialmente completo e incompleto com deficiências.

Tolare, Alves e Fujita (2019) compararam os dois estudos realizados no período de 2010 a 2014 e 2015 a 2018, tendo constatado que houve mudanças e diferenças nos níveis de desenvolvimento e formalização da política de indexação. No estágio completo, entre 2015 e 2018, 29% das bibliotecas representaram a amostragem, apresentando aumento, quando relacionado com o período de 2010 a 2014, o qual atingiu apenas 10% das bibliotecas. No estágio parcialmente completo, entre 2010 a 2014, as bibliotecas representavam 69% da amostra e, em 2015 a 2018, passaram a corresponder a 14,7%, uma diminuição significativa. E, no estágio incompleto, as bibliotecas alcançaram 55,9%, no período de 2015 a 2018, ultrapassando 2010 a 2014, que representaram 20,5% das bibliotecas da amostra.

Dessa forma, coloca-se o questionamento acerca de por que houve um aumento preocupante de bibliotecas em estágio incompleto de política de indexação, que caracteriza o seguinte problema: quais são as dificuldades encontradas nos procedimentos de aplicação de política de indexação formalizadas em bibliotecas universitárias, quanto ao uso de linguagem de indexação para a indexação de livros?

1.2 Proposição

Nessa perspectiva, propõe-se analisar como as bibliotecas universitárias, as quais possuem uma linguagem de indexação e uma política de indexação implantada, têm realizado o processo de indexação, empregando a linguagem, o manual e a política disponibilizada, observando as dificuldades e os problemas que ocorrem durante os procedimentos, com o intuito de obter um entendimento das causas e consequências que levam as bibliotecas a não desenvolverem uma linguagem e uma política. Para isso, é necessário analisar como se deu o processo de criação, desenvolvimento e implantação da linguagem, antes, durante e depois, para as bibliotecas.

1.3 Objetivos

A pesquisa tem como o objetivo geral contribuir com os estudos sobre a utilização da linguagem de indexação, durante o processo de indexação implementado nas bibliotecas universitárias, visando a compreender como os procedimentos são concretizados, para que o acervo seja organizado e atenda às necessidades dos bibliotecários, do sistema da biblioteca e dos próprios usuários.

A pesquisa possui, como objetivos específicos:

- realizar estudo teórico sobre o uso de linguagem de indexação, no processo de indexação de livros em bibliotecas universitárias;
- observar e analisar os procedimentos e dificuldades de bibliotecas universitárias, no momento do emprego da linguagem de indexação, no decorrer da indexação de livros;

1.4 Justificativa

No contexto de estudos sobre organização, representação e recuperação do conhecimento, é necessário, segundo Arboit (2017), que haja entendimento dos contextos de produção, organização e uso da informação, justamente por serem determinantes para o desenvolvimento do processo de indexação e da própria biblioteca.

Por isso, é importante pesquisar, observar e analisar como as bibliotecas universitárias realizam o processo de indexação, utilizando uma linguagem construída e tendo disponibilizado uma política de indexação definida, pois a biblioteca universitária atende a um público-alvo muito específico, oferecendo conhecimento em diferentes áreas e contribuindo para a formação do profissional, seja ela acadêmica ou não.

Para observação e análise das ações dos catalogadores, ao fazer a indexação de livros interagir com o sistema e usar a linguagem de indexação, foi empregada a técnica introspectiva do Protocolo Verbal Individual, como procedimento metodológico.

1.5 Sistemática da Dissertação

A estruturação da pesquisa começa a partir da Introdução, a qual apresenta os pontos essenciais, como a contextualização do tema e do problema, a proposição do estudo, a sua importância, objetivos e justificativa.

Na seção 2, é exposta a fundamentação teórica, resultado do levantamento da literatura publicada sobre linguagem de indexação, no processo de indexação de livros, vocabulário controlado, tesouro e política de indexação, que permitiu examinar discussões e reflexões a propósito dos assuntos para desenvolvimento do estudo empírico.

A metodologia do estudo empírico, com abordagem cognitiva da técnica introspectiva do Protocolo Verbal Individual, é descrita e caracterizada na seção 3. Incluíram-se os aspectos necessários para o desenvolvimento do estudo empírico com o Protocolo Verbal Individual, quais sejam, o universo de pesquisa e sua caracterização, perfil dos participantes, definição da tarefa, objetos do processo de indexação etc.

Os resultados da pesquisa desenvolvem-se na seção 4 e foram obtidos a partir da aplicação das coletas de dados efetuadas nas bibliotecas. É possível observar, nessa seção, a análise feita através da coleta de dados obtidos por meio do método do Protocolo Verbal

Individual sobre como os catalogadores realizam o processo de indexação, usando a linguagem, levantando discussões a respeito dos procedimentos registrados.

A partir dos resultados, na seção 5, são feitas as considerações baseadas em todo o desenvolvimento do estudo e os seus resultados. Essa seção reúne as conclusões finais sobre o processo de indexação realizado pelo bibliotecário catalogador das bibliotecas analisadas.

No Quadro 1, tem-se a sistematização da pesquisa, em que são mostrados os relacionamentos entre a estrutura da pesquisa e em que capítulos estão alocadas. Nesse sentido, é possível observar onde cada fragmento da pesquisa, como a proposta, problema, objetivos gerais e específicos, está se desenvolvendo dentro do estudo.

Quadro 1: Sistematização da pesquisa, relacionando os objetivos com os capítulos

SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA	
ESTRUTURA	DELIMITAÇÃO
Problema	Quais as dificuldades e os procedimentos do uso da linguagem de indexação, na indexação de livros por catalogadores em bibliotecas universitárias?
Proposta	Investigar e analisar como os catalogadores utilizam a linguagem de indexação, durante o processo de indexação de livros.
Objetivo Geral	Contribuir com estudos sobre o emprego da linguagem de indexação, durante o processo de indexação realizado em bibliotecas universitárias, visando a compreender como os procedimentos são efetuados, para que o acervo seja organizado e atenda às necessidades dos bibliotecários, sistema da biblioteca e dos usuários.
Capítulo 2	Objetivo específico 1: Proceder ao estudo teórico acerca da linguagem de indexação, no processo de indexação de livros. Fazer levantamento bibliográfico da literatura publicada sobre assunto, ressaltando os autores essenciais e levantando discussões, de forma a colaborar para o entendimento de a importância das bibliotecas usarem uma linguagem de indexação e uma política de indexação definida. Título do capítulo: A linguagem de indexação na representação temática de livros.
Capítulo 3	Objetivo específico 1 e 2: Desenvolver estudo teórico sobre o uso da linguagem de indexação pela biblioteca universitária observando o processo de indexação em diferentes estudos de variados autores. Título do capítulo: O uso da linguagem de indexação pela biblioteca universitária durante o processo de representação temática
Capítulo 4	Objetivo específico 2: Analisar os procedimentos e dificuldades de uma biblioteca no momento do uso da linguagem de indexação, durante a indexação de um livro, observando os problemas, as causas e as consequências para as bibliotecas que utilizam uma política e uma linguagem, através do método do Protocolo Verbal Individual. Título do capítulo: Procedimentos metodológicos.
Capítulo 5	Objetivo específico 2: Analisar os procedimentos e dificuldades de uma biblioteca, no momento do uso da linguagem de indexação, durante a indexação de um livro, examinando os problemas, as causas e as consequências para as bibliotecas que adotam uma política e uma linguagem, por meio do método do Protocolo Verbal Individual. Título do capítulo: Resultados e discussão.
Considerações Finais	Fazer as considerações finais, com base na discussão levantada entre os aspectos teóricos e a análise dos dados. Título do capítulo: Considerações finais.

Fonte: Elaborado pela autora

2. A LINGUAGEM DE INDEXAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA DE LIVROS

Esta seção possui o objetivo de realizar um estudo teórico sobre a linguagem de indexação, no processo de indexação de livros. Por isso, a literatura levantada desenvolve-se acerca da linguagem de indexação, no processo de indexação de livros, seguindo como formalização a política de indexação. Nesta seção, também é discutido o uso do instrumento auxiliar de indexação denominado tesouro, ressaltando-se os principais pontos essenciais sobre o assunto.

A seção se inicia com o tratamento da informação e a indexação, abordando, de forma introdutória, os procedimentos necessários para organizar a informação, dentro das unidades de informação, visando à sua recuperação posterior, no catálogo *online*. Depois, segue-se o foco principal do trabalho, em que é abordada a literatura sobre linguagem de indexação, cujo objetivo é controlar o vocabulário na busca por assunto. E, completando a fundamentação teórica, discorre-se sobre o tesouro, um tipo de linguagem de indexação e instrumento de auxílio, no processo de representação e recuperação da informação.

Para que a informação seja acessada com sucesso, é preciso organizá-la. Essa organização da informação compreende atividades e operações nas quais a informação passa por um tratamento até chegar à sua disponibilização. A fim de que o processo de organização da informação seja bem-sucedido, é necessário conhecimento teórico e metodológico do profissional responsável (FUJITA, 2003; CHOWHURY, 2004).

Dentro das unidades de informação, especificamente na biblioteca, existem dois tipos de tratamento da informação: o primeiro consiste no tratamento descritivo da informação, referente à catalogação, que tem como intuito realizar a descrição física do material, como título, autor, editora, paginação etc.; o segundo processo é constituído pelo Tratamento Temático da Informação (TTI), abordando o assunto do documento, com a finalidade de realizar sua representação e recuperação, no catálogo *online*.

O desenvolvimento do TTI ocorreu a partir da fundamentação em Smit (1986, p. 12), em que é afirmado: “reunir e organizar para achar”, com o objetivo de agrupar a informação, de maneira organizada, para encontrá-la depois. É um processo que, segundo Guinchat e Menou (1994), demanda um grande esforço mental, especialmente, por parte do catalogador, pois é necessário que a abrangência do documento seja compreendida,

consistindo na descrição bibliográfica, descrição do conteúdo, armazenamento e pesquisa.

Ao longo dos anos, o TTI possibilitou originar três correntes teóricas de abordagem: a *subject cataloguing*, a *analyse documentaire* e a *indexing* (GUIMARÃES; FERREIRA; FREITAS, 2012).

De acordo com Guimarães (2008, p. 82-83), a *subject cataloguing* (catalogação de assunto) é oriunda da linha teórica norte-americana, possui influência da Escola de Chicago e tem como princípios diretos a catalogação alfabética de Cutter e os cabeçalhos de assunto da *Library of Congress* (LC), apresentando ênfase no catálogo enquanto produto do tratamento da informação em biblioteca. Guimarães (2008, p. 82-83) também explica que a *analyse documentaire* (análise documentária) deriva da corrente teórica francesa e tem como foco a identificação e seleção de conceitos, almejando a sua representação e recuperação posterior.

A *indexing* (indexação), de origem inglesa, abrange a construção e a utilização de linguagens de indexação em bibliotecas tradicionais, centros de documentação especializados e universo editorial, tendo uma preocupação de natureza mais teórica com a sua construção e a sua implantação. Ela ganhou forças por causa do aumento de publicações científicas, gerando uma necessidade em criar mecanismos de controle bibliográfico e em organizar documentos por assuntos, surgindo, principalmente, em centros específicos (SILVA; FUJITA, 2004; GUIMARÃES, 2008, p. 82).

Vieira (1988) considera a indexação como uma técnica de análise de conteúdo, a qual condensa uma informação significativa do documento, por meio da atribuição de termos, criando uma intermediação entre o usuário e o documento. Por sua vez, Tartarotti (2014, p. 64) ressalta que o ato de realizar a indexação não deve ser visto apenas como um fazer técnico. É necessário desenvolvê-la como um processo intelectual, que depende do acervo, do contexto e da comunidade inserida.

Das normas nacionais e internacionais existentes que definem o conceito de indexação, a *United Nations International Scientific System* (UNISIST, 1981); a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 1992) e a *American National Standards Institute/National Information Standards* (ANSI/NISO, 2010); a mais recente é a norma da *International Organization for Standardization* (ISO) 25.964-1 (2011, p. 5), a qual considera a indexação como uma análise intelectual do assunto de um documento,

com o objetivo de identificar conceitos representados, a fim de possibilitar a recuperação da informação.

Para que a indexação consiga ser concretizada adequadamente, é necessário passar por processos, em que será firmado o elo criado entre o catalogador e o usuário, com o intuito de possibilitar o acesso à informação. Cada linha teórica segue uma quantidade de fases, para efetuar os procedimentos. Mesmo com essa divergência entre a quantidade do número de etapas, o processo de indexação, a partir da literatura (VAN SLYPE, 1977; CHAUMIER, 1988; FUJITA, 2003; LANCASTER, 2004; RUBI, 2009) e as normas publicadas (ABNT, 1992; ANSI/NISO, 2010) consistem basicamente em três estágios:

- **Exame do documento e estabelecimento do assunto de seu conteúdo**

Essa etapa consiste no conhecimento e no exame do conteúdo do documento, através da leitura documentária, permitindo conhecer o assunto do documento e favorecendo, desse modo, a identificação e a seleção dos principais conceitos do documento (FUJITA, 2017).

A leitura documentária, conhecida também como leitura técnica ou leitura do indexador, se caracteriza por ser um tipo de leitura racional e rápida, na qual o leitor técnico tem como objetivo a extração do conteúdo informativo do texto, tendo em vista a preocupação de que seja recuperado posteriormente por um leitor.

De sorte a realizar o exame do documento da forma mais rápida possível, é preciso adotar estratégias de leituras, economizando o tempo do indexador. Cintra (1987, p. 30) define essas estratégias como “esquemas” armazenados na memória do indexador, auxiliando na interpretação e compreensão do texto.

Cavalcanti (1978, p. 53) apresenta algumas estratégias, mostrando partes do documento onde o indexador poderá encontrar as informações essenciais: série à qual pertence o texto; título; subtítulo; resumo; sumário; introdução; prefácio; conclusões; anexo; índices de documentos; títulos de capítulos; parágrafos iniciais e finais dos capítulos; títulos das seções; notas explicativas. Muitas dessas informações podem ser encontradas na folha de rosto, enquanto, para outras, será necessário examinar com mais cuidado o documento.

Durante a leitura, a análise de assunto se subdivide nas etapas de identificação e seleção de conceitos, de modo que, devido à experiência do catalogador, este acaba realizando o processo de forma automática e ao mesmo tempo.

- **Identificação dos conceitos presentes no assunto**

A identificação e seleção de conceitos ocorre após o exame do documento e, muitas vezes, de maneira simultânea. Nessa fase, de acordo com Dias e Naves (2007, p. 9), o indexador precisa ler o documento, com o intuito de realizar a extração “dos conceitos que traduzam a essência do documento”, sendo visto com a finalidade de expressar o conteúdo do documento.

Nesse momento, o indexador deverá seguir uma abordagem sistemática, por meio de questionamentos, para poder identificar quais são os conceitos essenciais na descrição do assunto (ABNT, 1992).

A abordagem sistemática é um questionamento que o indexador realiza para si mesmo, objetivando extrair os conceitos, enquanto estiver analisando o texto. Entretanto, nem a literatura publicada e nem a norma ABNT (1992) esclarece se essa abordagem significa um método de identificação de conceitos e nem se os procedimentos estão definidos (FUJITA, 2013).

- **Tradução desses conceitos nos termos de uma linguagem de indexação**

Essa etapa consiste em traduzir os conceitos do documento para os termos definidos pela linguagem de indexação, os quais empregam instrumentos para padronizar, a fim de auxiliar o trabalho do catalogador, no processo de indexação.

Vieira (1988) explica que os instrumentos auxiliares são usados como forma de padronizar a linguagem controlada adotada pelo sistema, no processo de indexação. Os instrumentos auxiliares considerados são os tesouros, as listas de cabeçalhos de assunto e as listas de termos controlados.

A necessidade em se valer dos instrumentos auxiliares para a padronização da linguagem, segundo Fujita (2003) e Dias e Naves (2007), parte dos problemas relacionados à subjetividade e inconsistências, observados na indexação. Os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, as experiências do catalogador e o ambiente em que ele atua podem influenciar as suas escolhas, no decorrer da indexação.

Mai (2000, p. 270) aponta que, “se os documentos são representados pobremente ou inadequadamente, a qualidade da busca será igualmente deficiente”. Esse processo é intermediado pela indexação, cujo objetivo está em descrever o conteúdo dos

documentos, de acordo com o seu assunto, possibilitando retirar elementos que os representam, a fim de obter uma síntese, que se traduzirá em termos padronizados, sendo esse um modo de obter qualidade e rapidez na recuperação, acesso e apropriação da informação, contribuindo para que o usuário possa melhor localizar a informação desejada (CHAUMIER, 1988; LANCASTER, 1993; PINTO, 2001; GUIMARÃES; FERREIRA; FREITAS, 2012).

Para Chaumier (1988, p. 63) uma indexação “inadequada ou insuficiente pode responder por 90% das causas essenciais para a aparição de ‘ruídos’ ou de ‘silêncios’ em uma pesquisa”. O autor enfatiza que “ruídos” são os documentos recuperados e que não são pertinentes à busca realizada. E “silêncio” denomina a ausência de documentos pertinentes associados à busca.

Por isso, é necessário que a indexação possua uma qualidade adequada. A UNISIST (1981, p. 92) e Gomes (1989, p. 166) explicam que a qualidade da indexação depende de dois fatores: o primeiro corresponde à qualificação do indexador e à sua imparcialidade, devido ao desafio de indexar para os sistemas de recuperação da informação, por não existir uma única leitura do documento, podendo variar de indexador para indexador. O segundo fator consiste nos instrumentos de indexação.

A qualidade da indexação é considerada um aspecto importante e decisivo, na representação e recuperação da informação. Existem variáveis que interferem e contribuem para a qualidade, como a especificidade e a exaustividade. A especificidade está ligada com a precisão, em que é definido o quanto a indexação será específica, no momento da atribuição de termos, enquanto a exaustividade significa que a quantidade de termos tem que ser suficiente para descrever o conteúdo mais relevante do texto; dessa forma, quanto mais documentos recuperados, maior será a sua exaustividade na recuperação da informação (FOSKET, 1973; ABNT, 1992; RUBI, 2009).

A indexação é um processo complexo e exige atenção e cuidado do catalogador. Para que ocorra de modo coerente e eficiente, realizando uma representação da informação adequada e obtendo uma recuperação dos materiais consistentes, é necessário que haja o estabelecimento de uma política de indexação, a qual definirá todos os procedimentos a serem seguidos pelo catalogador.

A política de indexação é desenvolvida para definir decisões administrativas e estabelecer como serão feitos todos os processos da indexação, sendo imprescindível para

o funcionamento da biblioteca. Ela norteará o catalogador, contribuindo para que seu trabalho seja feito de forma mais racional e objetiva, evitando, assim, problemas relacionados à subjetividade. Nesse sentido, possui a função de padronizar o processo, firmando uma linguagem que controlará o vocabulário utilizado pelo sistema, efetuando uma representação e recuperação da informação adequada e eficaz.

A política de indexação permite definir, da melhor maneira possível, as diretrizes que o bibliotecário vai seguir, dentro da biblioteca, no processamento de catalogação e indexação do livro. Ela estabelece o tipo de linguagem que será adotada pela biblioteca, de sorte a auxiliar o catalogador, no processo de indexação, o usuário, na busca, e a recuperação, no catálogo *online*. A linguagem deve ser escolhida por meio de estudos de avaliação quanto ao seu uso, na representação e na recuperação, pois afeta o desempenho do sistema de recuperação de informação, principalmente na estratégia de busca.

Ela pode ser dividida em duas tipologias: a linguagem natural e a linguagem controlada. A linguagem natural serve para identificar a linguagem que o ser humano usa, em seu cotidiano, para expressar opiniões ou sentimentos. Ela pode estar presente no documento e não possui um vocabulário restrito ou específico, permitindo a liberdade do uso e, por isso, podem ocorrer especificidades do idioma, como ambiguidade, sinonímia, homonímia, polissemia etc., que serão esclarecidas, quando inseridas em um contexto, porém, afetam o desempenho da indexação, quando isoladas do contexto. Diferentemente da linguagem natural, a linguagem controlada possui um vocabulário específico, com o objetivo de padronizar o vocabulário, dentro de determinado assunto (SVENONIUS, 2000; CRUZ, 2019).

Uma linguagem controlada é uma linguagem de indexação, também conhecida como linguagem documentária, dotada de vocabulário controlado utilizado por bibliotecário para o TTI. Segundo Fujita e Gil Leiva (2010), é responsável por assegurar o controle de vocabulário de assuntos gerais e específicos, dependendo do contexto no qual está inserida. Para o desenvolvimento do trabalho, foi escolhido empregar, igualmente, os termos linguagem, linguagem controlada e vocabulário controlado, para se referir à linguagem de indexação.

Ao longo dos anos, muitos autores desenvolveram e têm desenvolvido trabalhos e pesquisas a propósito da temática linguagem de indexação. Dentre as definições apontadas por eles, algumas foram destacadas para explicar seu significado, a começar por Macgregor e McCulloch (2006), que a consideram um conjunto de termos de

indexação, os quais, a partir de sua ordenação e combinação preestabelecida, podem afetar a especificidade e a exaustividade da linguagem e, conseqüentemente, a indexação de assuntos.

Já Silva e Brito (2018, p. 96) definem a linguagem de indexação como um “conjunto de termos padronizados, que representam um conceito da linguagem natural, com vistas a uma maior padronização dos sistemas de indexação”, assemelhando-se com a definição anterior.

Das normas existentes, a norma internacional ANSI/NISO Z39.19 (2010, p. 6) é a mais recente e atualizada, mesmo já se tendo passado mais de dez anos de sua publicação. Ela explica que a linguagem de indexação é

um vocabulário controlado ou um sistema de classificação com regras para sua aplicação. Uma linguagem de indexação é utilizada para a representação dos conceitos tratados nos documentos [objeto de conteúdo] e para a recuperação de tais documentos [objetos de conteúdo] de um armazenamento de informações e de sistema de recuperação.

A linguagem de indexação é considerada um componente-chave para os sistemas de informação, sobretudo quando a informação é profissional ou acadêmica, devido a ser um contexto associado com informações complexas e de alta qualidade. Por isso, ela precisa ser extensa, de sorte a conseguir dar conta de qualquer conhecimento, especialmente para ciências humanas, em face da possibilidade de o tema ser estudado a partir de uma variedade de perspectivas diferentes (VÁLLEZ *et al.*, 2015; GOLUB *et al.*, 2020).

Em um sistema de informação, segundo Cintra *et al.* (2002), o uso da linguagem de indexação ocorre em dois momentos: o primeiro consiste na entrada, no momento em que se insere no sistema, realizando a representação da informação mediada pelo controle definido da linguagem. O segundo momento corresponde à saída do sistema, quando o usuário faz a busca pela informação, expressando sua necessidade e utilizando os termos do vocabulário controlado.

A contribuição com esse sistema de informação se dá pela representação do conteúdo dos documentos, através de uma linguagem construída artificialmente e controlada. A recuperação da informação acontece, quando há compatibilidade entre a

representação da necessidade de busca e a representação do conteúdo temático dos documentos (GIL URDICIAIN, 2004; GUIM, 2016).

O seu principal objetivo está em realizar uma representação consistente do conteúdo temático dos documentos, favorecendo a compatibilidade da linguagem utilizada no sistema, facilitando a sua recuperação com relevância e precisão.

Segundo Moura, Silva e Amorim (2002, p. 4), a linguagem de indexação possui vocabulário e sintaxe própria, tendo como função recuperar documentos relevantes por grandes áreas do conhecimento e sobre um assunto específico, possibilitando a conversão dos termos de indexação em diferentes linguagens; auxiliar na escolha do termo adequado para a estratégia de busca; representar o assunto de maneira consistente e permitir a compatibilidade e diálogo entre a linguagem do indexador e a do usuário.

A norma ANSI/NISO z.39.19 (2010, p. 11) remete aos propósitos do vocabulário controlado, conhecido como linguagem de indexação: o primeiro é a tradução, pela qual a linguagem natural é convertida em um vocabulário empregado para melhorar a indexação; o segundo é a consistência, que almeja uniformizar os formatos e a atribuição dos descritores; o terceiro é a indicação de relacionamentos entre os descritores; o quarto consiste na rotulação e navegação, fornecendo hierarquias consistentes para ajudar os usuários a localizar conteúdo; o quinto abarca a recuperação da informação, com o objetivo de auxiliar os usuários na localização do conteúdo.

Vállez *et al.* (2015) complementam, abordando a norma ISO 25.964 (2011, p. 6, tradução nossa), ressaltando que a lista de propósitos deveria ser expandida com a implementação da interoperabilidade, pois, de acordo com a norma citada, possui a “capacidade de dois ou mais sistemas ou componentes para trocar informações e usar as informações que foram trocadas”. A norma preconiza que os vocabulários podem suportar a interoperabilidade, facilitando o acesso do usuário às informações de diversas plataformas padronizadas e criando, dessa forma, um sistema unificado.

A linguagem de indexação, conforme Gil Urdiciain (2004), Cruz, Santos e Fujita (2016), é construída por um conjunto de regras preestabelecidas em nível sintático, semântico e pragmático, baseando-se em teorias e metodologias oriundas da terminologia, da linguística textual, da semântica estrutural e da sintaxe, tendo como princípio realizar o controle terminológico e aperfeiçoar o acesso à informação.

A fim de se efetivar a sua construção, é necessário, segundo Lancaster (1993), que se passe por processos. O autor elenca alguns passos a serem seguidos para elaborar uma linguagem de indexação, como gerar o vocabulário controlado empírico, com base em um conjunto representativo de documento, modificar e extrair de um vocabulário já existente e reunir termos de diferentes fontes especializadas, dicionários, glossários, índices etc.

Para que a linguagem de indexação dê forma ao conteúdo, é preciso determinar certas qualidades, como funcionar como código inteligível e fonte para interpretação do sentido, caracterizar-se como metalinguagem e incorporar o usuário como integrante do processo (CINTRA *et al.*, 2002; CRUZ; SANTOS; FUJITA, 2016).

A necessidade de estabelecer uma linguagem está em garantir a qualidade da indexação na representação dos documentos no catálogo *online* e na recuperação da informação pelos usuários. A permissão de efetuar mudanças e alterações em sua terminologia e adição de novos termos permite gerar uma consistência na linguagem, agindo de acordo com as necessidades do usuário e dos novos materiais que chegam à biblioteca (ABNT, 1992).

Ménard (2010) explica em seu estudo que a linguagem de indexação pode apresentar fragilidades, no sentido de que os conceitos podem ser representados por termos de forma artificial, sem serem aprofundados, devido à há falta de conhecimento sobre o assunto por parte do catalogador. A autora explica que esse empecilho está na inclusão de termos novos e a obsolescência deles, neologismos e na manutenção e atualização do vocabulário controlado.

Barité (2000, p. 7) explica que a linguagem de indexação implica o recurso a determinadas categorias, para estruturar seu modo de organização e apresentação dos termos relacionados na ferramenta, sendo necessário utilizar métodos adequados para fazer a transferência dos assuntos abordados nos documentos e seus conceitos para a linguagem de indexação.

Para Moura, Silva e Amorim (2002, p. 4-5), existe uma complexidade no desenvolvimento da linguagem de indexação, pois esta requer compreensão de variáveis que influenciam o processo. As autoras assinalam que essa complexidade se deve ao fato de que é tomado como princípio a garantia literária, a qual ocorre quando um vocabulário controlado é capaz de representar conceitos que realmente se encontram na literatura de

assunto. Por isso, esse princípio tende a inibir algumas interfaces da busca, entre os usuários e os sistemas de informação, como, por exemplo, o usuário iniciante, que não possui domínio geral dos assuntos e das categorias em que eles estão; e os profissionais, pois as categorias de assunto ainda não foram inseridas no documento.

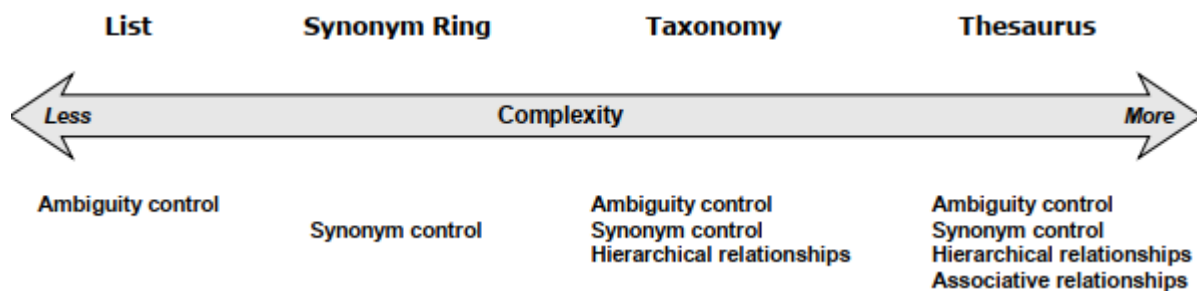
A linguagem de indexação exhibe tipologias em níveis de complexidade e diferentes tipos de estruturas, usados para organizar as informações, no processo de indexação. Essas ferramentas “sintetizam as tomadas de decisão já planejadas ou, ainda, atuam como um registro do trabalho executado, objetivando melhor aproveitamento de tempo na descrição” (FUJITA; CRUZ; PATRÍCIO, 2017, p. 5).

Lara (2004, p. 232) explica que a linguagem de indexação é composta como um conjunto de diferentes tipos de instrumentos especializados no tratamento da informação, sendo utilizada para organizar e facilitar o acesso, a transferência e a recuperação da informação. Para realizar o controle do vocabulário, segundo Pedraza-Jiménez *et al.* (2009) e Vález *et al.* (2015), pode-se recorrer aos tesouros, taxonomias, ontologias e listas de autoridades, desenvolvidos e utilizados de acordo com as necessidades da biblioteca.

Um dos tipos de linguagem constantemente adotado por bibliotecas, especialmente universitárias, é o tesouro, uma forma de garantir a qualidade da indexação, por meio do controle do vocabulário. Ele permite que o catalogador padronize a atribuição de termos, os quais são definidos pela linguagem e representarão adequadamente o livro. O tesouro também pode ser disponibilizado para o usuário, com o intuito de ajudá-lo na busca, mostrando, a partir da sua pesquisa, quais os termos mais adequados para o que ele está procurando. Assim, o uso do tesouro como uma linguagem de indexação assegura uma recuperação adequada ao que foi pesquisado.

A Figura 1 apresenta alguns tipos de linguagem de indexação, que, a partir da norma ANSI/NISO z39.19-2005 (2010, p. 101), são caracterizados pela complexidade nos processos de controle de vocabulários.

Figura 1: *Increasing structural complexity of controlled vocabularies*



Fonte: ANSI/NISO z39.19-2005 (2010, p. 101)

A Figura 1 mostra a complexidade da estrutura dos vocabulários controlados, sendo possível observar que há pelo menos um processo de controle do vocabulário em cada tipo. É perceptível que, quanto mais processos existem, maior é a complexidade para se controlar o vocabulário. O tesouro é, portanto, um tipo de linguagem de indexação e possui uma das maiores complexidades, abordando as relações hierárquicas e associativas e os controles de ambiguidades e sinônimos.

O tesouro teve origem na necessidade de se organizar os materiais especializados. Até os tempos atuais, existe uma grande produção de informações e conhecimentos muito específicos e, por isso, precisa haver ordem e organização para serem encontrados (ARAÚJO *et. al.*, 2018). O termo foi cunhado originalmente por Peter Mark Roget, em 1852, que o publicou como um dicionário analógico. Diferente do alfabético, esse dicionário era organizado em função das ideias que ele exprime, apresentando palavras que deveriam ser encontradas pelas ideias que poderiam expressar.

No contexto da Ciência da Informação, o termo foi apresentado, segundo Arano (2005), em 1957, em um trabalho feito por Helen Brownson, membro da *American National Science Foundation*, para a *Dorking Conference on Classification*. De acordo com a pesquisadora, o termo foi usado com o intuito de analisar os problemas associados à tradução de conceitos e relações entre eles, a fim de criar uma linguagem com maior precisão, sem ambiguidades e que facilitasse a recuperação da informação.

Na literatura, o tesouro é considerado, por Sales e Café (2009, p. 102), como um

vocabulário formado por termos-descritores semanticamente relacionados e atuam como instrumentos de controle terminológico. Eles possuem a função de representar o conhecimento através da determinação dos assuntos dos documentos e das solicitações da busca.

Já para Castro e Oliveira (2016), o tesauro constitui uma lista de termos que representam, de maneira normalizada, voltando-se para documentos de uma área do conhecimento. Os termos que são utilizados no tesauro possuem um significado que estabelece o tipo de relações.

Para Fujita, Cruz e Patrício (2017, p. 6-7), o tesauro é um tipo de linguagem de indexação de vocabulário controlado e uma “ferramenta com o intuito de facilitar processos de recuperação da informação, tendo como principal característica a de estabelecer relações entre os termos que o compõem.”

A norma ISO 25.964-1 (2011, p. 12) define o tesauro como um vocabulário controlado e estruturado, no qual os conceitos são representados por termos, organizados de maneira que as relações entre os conceitos sejam explicitadas. Ainda na visão da norma, o objetivo está em orientar o indexador e o usuário para selecionar o termo indicado para representar um determinado assunto. Por isso, um tesauro é otimizado para a navegabilidade humana e a cobertura terminológica de um domínio.

Campos (2001, p. 119) ressalta que existe preocupação com a precisão dos termos da linguagem de indexação, porque, por estarem em um ambiente de recuperação da informação, eles devem ser submetidos a controles terminológicos rígidos, possibilitando a precisão na busca e recuperação. Para a autora, o tesauro deve servir como instrumento de auxílio em sistemas que fazem uso de um termo ou mais, apresentando relações entre eles.

O objetivo do tesauro está em assegurar o controle do vocabulário e dar assistência ao usuário, pesquisador, indexador ou qualquer outra pessoa que recorra ao catálogo para a pesquisa. Ele pode identificar, através dos termos do tesauro, termos alternativos, que auxiliam a descrever a informação contida no documento, de forma mais adequada (JESUS, 2012).

O tesauro é formado, segundo Boccato (2011, p. 184) e Fujita, Cruz e Patrício (2017), por estruturas conceituais complexas de relações semânticas, as quais ajudam o usuário a acessar e a associar os termos, a partir dos descritores, sanando a sua necessidade. Ele possibilita estabelecer as relações entre os termos empregados. Os termos escolhidos para a representação são conhecidos como termos preferidos e os outros termos, que ajudam a compreender o tema, são conhecidos como não preferidos.

Segundo Maculan (2015, p. 130), na literatura é possível encontrar metodologias utilizadas para a construção do tesauro (CAMPOS, 2001; CINTRA *et al.*, 2002; DODEBEI, 2002; VAN DER LAAN, 2002; CAMPOS; GOMES, 2004; CERVANTES, 2009; ISO 25964-1, 2011), no qual possibilitou na construção do Quadro 2, em que é apresentado as etapas do processo de elaboração e construção do tesauro.

Quadro 2: Etapas para elaboração e construção do tesauro:

PROCESSO DE ELABORAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO TESAURO	
Fase inicial	<ul style="list-style-type: none"> - Definição da equipe de trabalho; - Planejamento geral do tesauro, incluindo sua delimitação; - Determinação dos objetivos e recorte temático a ser trabalhado; - Seleção do público-alvo; - Levantamento das principais fontes de terminologia, envolvendo especialistas, para a criação do vocabulário controlado, linguagem de indexação etc. <p>(CAMPOS; GOMES, 2004; CINTRA <i>et al.</i>, 2002; DODEBEI, 2002; VAN DER LAAN, 2002)</p>
Fase de desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração da estrutura conceitual, com a escolha de critérios de modelagem; - Compilação de termos que representam conceitos no domínio modelado; - Elaboração de um glossário de definições; - Seleção de descritores (preferidos e não-preferidos) com avaliação; - Criação de classes básicas ou facetas; - Organização dos descritores em um mapa conceitual; - Estabelecimento das relações semânticas entre conceitos e termos. <p>(CAMPOS, 2001; CAMPOS; GOMES, 2004; CERVANTES, 2009, CINTRA <i>et al.</i>, 2002; DODEBEI, 2002; ISO 25964-1, 2011)</p>
Fase da edição	<ul style="list-style-type: none"> - Montagem da estrutura conceitual e suas relações; - Escolha do <i>software</i> para gerenciamento das etapas de construção do tesauro; - Determinação dos símbolos que expressam as relações; - Elaboração de notas de escopo para orientar quanto ao sentido e uso de descritores; - Escolha da forma de apresentação. <p>(CAMPOS; GOMES, 2004; CERVANTES, 2009; CINTRA <i>et al.</i>, 2002; DODEBEI, 2002; ISO 25964-1, 2011; VAN DER LAAN, 2002)</p>

Fonte: Elaborado pela autora

É possível observar, no Quadro 2, que existem etapas a serem consideradas na construção de um tesauro: a fase inicial, que abarca desde a definição da equipe de

trabalho, planejamento, definição do projeto e do público-alvo, pesquisa sobre terminologia e controle de vocabulário, ambos essenciais para o desenvolvimento do tesouro. A segunda fase consiste no desenvolvimento em si, desde elaborar a estrutura conceitual, passando por compilação de termos e elaboração de um glossário até seleção de descritores, criação de classes e estabelecimento das relações semânticas. A última fase é a da edição, momento em que a estrutura conceitual é montada juntamente com as suas relações, escolha do *software*, determinação dos símbolos para expressarem as relações e a escolha da forma de apresentação.

O tesouro possui uma parte sistemática e uma parte alfabética. Na parte sistemática, os termos são apresentados em facetas, subdivididos em classes e subclasses, sendo que as facetas adquiridas foram: construção, estrutura, elementos de construção, material, propriedade, fenômeno, processo, métodos e técnicas, equipamento, grandeza, profissões e ocupações, ramos da ciência e documentos. Na parte alfabética, foram estabelecidos três tipos de relações entre os conceitos os seus símbolos e siglas (ISO 25.964-1, 2011).

Conforme Cintra *et al.* (1994, p. 31-33), o tesouro é composto por três tipos diferentes de relações entre os termos: relação hierárquica, relação associativa e relação de equivalência.

Relações Hierárquicas (TG/TE): segundo a norma ISO 25.964-1 (2011, p. 5), a relação ocorre entre um par de conceitos, no qual um tem um escopo dentro do outro. Dessa maneira, nessa categoria, os termos se relacionam horizontalmente e são apresentados em classes. Nesse tipo de tesouro, é permitido aprofundar de termos gerais para mais específicos. Eles são caracterizados por Termos Gerais (TG) e Termos Específicos (TE), como indicado no exemplo da Figura 2.

Figura 2: Exemplo relações hierárquicas no tesauro

Fonte: Unesp (2021)

A Figura 2 mostra como exemplo de relação hierárquica o termo “Biblioteca”. Dele, derivam outros termos mais específicos, subdividindo-se em categorias que pertencem a uma classe maior. Nesse caso, o termo “Bibliotecas” é considerado pelo Tesauro UNESP como termo geral; a partir dele, outras bibliotecas foram colocadas como termos específicos, como, por exemplo, o termo “Bibliotecas especializadas”, as quais geraram outros termos específicos, elencados como “Bibliotecas de Direito”, “Bibliotecas de música”, entre outros. Cervantes (2009, p. 54) explicita que pode ser uma relação entre espécie e gênero, constituindo uma classe, de modo a evidenciar que a “informação tem a sua existência atrelada aos sistemas de significado e que a operação, nesse universo, é fundamental para a sua identificação, análise, tratamento e disseminação.”

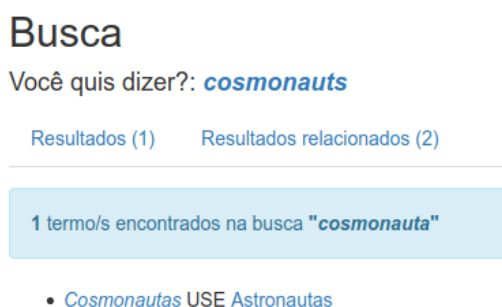
Relações Associativas (TR): exhibe relações por associações e que não são hierarquizadas. Essa categoria possui como intuito relacionar termos definidos pelo tesauro com o termo utilizado na busca pelo usuário (ISO 25.964-1, 2011, p. 4).

Figura 3: Exemplo de relação associativa.

Fonte: Unesp (2021)

Ainda empregando o exemplo do termo “Bibliotecas”, na Figura 3, pode-se observar os termos que possuem relação com o termo geral e são denominados termos relacionados ou associados. Nesse caso, os termos ligados a “Bibliotecas” colocados no tesouro, são “Arquivos”, “Bibliotecários”, “Educação” e “*Libraries*”, apontando que, de alguma forma e em algum grau, há relações entre os dois termos. Logo, pode conduzir o usuário para outros interesses, a partir do termo geral.

- *Relações de Equivalências (USE/UP/UP+)*: nessa categoria são estabelecidas as remissivas, definindo-se o conjunto de termos ou descritores, não-termos ou não-descritores. Ela possui a função de encaminhar o usuário para os termos preferidos, com base nos termos usados na pesquisa. Os relacionamentos de equivalência ocorrem entre dois termos, em um tesouro, os quais representam o mesmo conceito (ISO 25.964-1, 2011, p. 4).

Figura 4: Exemplo da relação de equivalência

Fonte: Unesp (2020)

Na Figura 4, tem-se o termo de pesquisa “Cosmonauta”, que possui o mesmo significado que Astronauta. Durante a Guerra Fria, a Rússia o criou para competir com o termo “Astronauta”, utilizado, na época, pelo Estados Unidos. Atualmente, é o único país que ainda o emprega, a fim de se referir a pessoa que viaja para o espaço, justamente por terem perdido a Guerra Fria e o termo não ter-se consolidado (ELER, 2019). O tesauro Unesp usa uma linguagem de indexação que toma o termo “Cosmonauta” como obsoleto e, por isso, sugere que o usuário pesquise, usando no lugar o termo atualizado “Astronauta”.

A Linguagem Unesp possui esse termo, porque a linguagem utilizada pela instituição é oriunda da *Library of Congress*, nos Estados Unidos, que mantém o termo devido a necessidade de mostrar soberania até mesmo em seu vocabulário controlado, deixando nítido que a linguagem é detentora de poder.

De acordo com Boccato e Biscalchin (2014, p. 238), o tesauro pode ser dividido em dois tipos: os monolíngues, compostos por apenas uma única língua; e os multilíngues, que abrangem mais de um idioma. Por outro lado, eles são caracterizados por Marroni (2006) como macrotesauros e microtesauros. Os macrotesauros são constituídos por uma temática mais geral e ampla, possuindo conceitos em níveis mais genéricos e com um nível de especificidade baixo, enquanto os microtesauros delimitam campos mais específicos ou de apenas um único assunto, com alto nível de especificidade.

Cada termo composto no tesauro representa um conceito da linguagem natural. E para cada termo representado há uma sigla apresentada antes, a fim de mostrar a sua relação e associação com o termo pesquisado. O Quadro 2 focaliza as siglas e os significados dos tipos de termos que compõem um tesauro.

Quadro 3: Tipos de termos do Tesauro e abreviaturas

TIPOS DE TERMOS	SIGLA
Descritor preferido: termo escolhido para representar um conceito no Tesauro que é mais amplo do que aquele em questão.	USE <i>USE</i>
Não descritor/ não preferido: termo não preferido representa o mesmo conceito que o termo preferido, mas não é autorizado para uso da representação conceitual, sendo considerado apenas um ponto de entrada em um tesauro.	UP: usado para UP+: usado em conexão com outro termo. <i>UF: used for</i>
Nota explicativa/escopo: esclarece ou define os limites semânticos de um conceito, conforme é usado no vocabulário estruturado. - A nota de escopo é empregada para restringir o conceito a apenas um significado e, quando necessário, se refere a outros conceitos que estão incluídos ou excluídos do escopo do conceito que está sendo esclarecido.	NE <i>SN: scope note</i>
Termo Genérico: indica que há relação hierárquica entre termos com relação de gênero-espécie. O descritor representa o conceito com um termo mais abrangente.	TG: termo genérico <i>BT: broader term</i>
Termo Genérico Maior: o termo que segue é o nome da classe mais ampla à qual pertence o conceito específico, usado também, às vezes, na seção alfabética de um tesauro. Termo Genérico Partitivo: o termo que segue representa o todo em relação à parte.	TGM/ BTG: <i>Broader Term (Generic)</i> TGP/ BTP: <i>Broader term (partitive)</i>
Termo Específico: indica termos que estão subordinados ao termo genérico na cadeia hierárquica.	TE: termo relacionado <i>NT: narrower term</i>
Termo Específico Partitivo: termo que segue representando a parte em relação ao todo.	NTP: <i>Narrower term (partitive)</i>
Termo Relacionado: termo preferido que representa um conceito que tem relação associativa com aquele em questão.	TR: termo relacionado <i>RT: related term</i>
Categoria: grupo abrangente ao qual o descritor pertence	CAT

Fonte: Cervantes (2004, p. 50); ISO 25.964 (2011, p. 2)

No Quadro 3, é possível observar os tipos de termos que compõem o tesauro e o significado das siglas atribuídas. Cada campo possui uma função importante para a sua estrutura, que realiza a ligação entre os termos, instaurando os tipos de relacionamentos.

A seção 3, a seguir, discorre acerca do uso da linguagem de indexação na representação documentária de livros, tendo como base a formalização da política de indexação em bibliotecas universitárias.

3. O USO DA LINGUAGEM DE INDEXAÇÃO PELA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DURANTE O PROCESSO DE REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA

Cada biblioteca possui sua própria especificidade e seu público-alvo, que a torna quem ela é e qual serviço vai oferecer. Quando se trata de uma biblioteca universitária, seu objetivo é atender à instituição à qual está vinculada, especificamente os alunos, professores, funcionários, pesquisadores e, às vezes, a comunidade local. Por isso, ela oferece um tipo de informação e atendimento de cunho muito específico e, conseqüentemente, precisa ter uma organização adequada e própria dessas informações, para torná-las acessíveis, tanto no acervo *online* quanto no físico.

A biblioteca universitária possui a função de armazenar, organizar e possibilitar o acesso, estando presente na evolução do processo de socialização do conhecimento desenvolvido pela universidade, ao longo do tempo, pois é considerada um sistema de informação inserido em um contexto acadêmico, cujo intuito envolve o desenvolvimento educacional, social, político e econômico da sociedade (FUJITA, 2005).

Tartarotti (2014, p. 56) assinala que a introdução de novas tecnologias de informação em bibliotecas universitárias “alterou significativamente as formas de produção, armazenamento, processamento e disseminação da informação”, permitindo o favorecimento e a agilização dos processos de informação.

Esse contexto requer um sistema de representação e recuperação da informação eficaz e, em função do emprego intensivo de informações com características comuns e como forma de assegurar esse processo, devem ser feitas a elaboração e a implantação da linguagem de indexação. A linguagem de indexação atua nos sistemas de informação, orientando o catalogador sobre quais os melhores termos para a representação de um assunto, da mesma maneira como auxilia os usuários na elaboração das estratégias de buscas por informações no sistema (MOURA; SILVA; AMORIM, 2002, p. 4; WHITE, 2013; TEJEDA-LORENT *et al.*, 2014 e VÁLLEZ *et al.*, 2015).

A linguagem de indexação, segundo Fujita *et al.* (2018, p. 224), funciona como um “código comutativo entre as diferentes perspectivas linguísticas envolvidas no sistema documental: usuário, indexador e sistema, sendo os principais componentes para obter representação e recuperação da informação adequada.”

Durante o processo de indexação, o catalogador escolhe os conceitos que acredita que mais representarão o assunto da obra. Depois, a linguagem de indexação estabelecida é consultada, verificando se há compatibilidade entre o conceito escolhido pelo catalogador e o termo que representará, dentro do catálogo. Pode acontecer que o conceito escolhido seja igual ao termo definido, mas também existe a possibilidade de que não haja, sendo necessário encontrar outro termo para adequar ao vocabulário controlado. Às vezes, por ser um conceito novo e importante, é preciso incluir na linguagem, desse modo, atualizando de acordo com a realidade inserida.

Quando se trata de uma rede de bibliotecas que dispõem do mesmo sistema, mas não possui uma diretriz para ser seguida, podem ocorrer problemas devido à falta de padronização, pois cada biblioteca acaba fazendo o processo de indexação de uma forma diferente. Por compartilharem os mesmos registros, muitas informações podem se perder, pois não há uma comunicação entre as bibliotecas; é como se cada uma das bibliotecas “falasse a própria língua”.

A padronização de uma política de indexação e a implantação de uma linguagem de indexação permite delinear como os procedimentos devem ser seguidos em conjunto com um sistema de qualidade e com um catalogador capacitado para desenvolver a função, com o objetivo de auxiliar em seu trabalho, mas não garantindo que todos os problemas sejam resolvidos.

Com o intuito de verificar como as bibliotecas universitárias realizam o processo de indexação, fazendo especialmente o uso da linguagem de indexação, a seguir, estão relatados alguns trabalhos em que analisaram a linguagem de indexação em bibliotecas universitárias, utilizando o contexto da política de indexação, o papel do indexador, do usuário e do próprio vocabulário controlado, a fim de observar as possíveis causas de uma representação e recuperação da informação ineficaz e inadequada,

Ménard (2010, p. 436, tradução nossa) desenvolveu um trabalho em que efetuou a comparação entre dois vocabulários de indexação, na recuperação de imagens. A autora conclui que a análise dos termos de indexação demonstrou que ambas as abordagens de indexação, com vocabulário controlado e não controlado, são inerentemente diferentes uma da outra. Entretanto, em termos de linguagem de indexação, a análise dos termos confirma que as características das abordagens são bastante semelhantes, dentro da mesma indexação, independentemente da linguagem adotada. Segundo a autora, se existirem diferenças, são manifestadas mais na abordagem da indexação, utilizando

vocabulário não controlado. Dependendo das circunstâncias, as duas abordagens podem coexistir, ressaltando-se que a linguagem não controlada não deve necessariamente ser considerada como uma alternativa ou uma solução para substituir a indexação que emprega linguagem controlada. Os resultados obtidos sugeriram que os sistemas de informação podem, em um futuro próximo, se beneficiar do uso combinado do vocabulário controlado e não controlado, recorrendo, por exemplo, à indexação colaborativa por parte dos usuários e por parte de pesquisadores no assunto.

Tartarotti (2014, p. 225) fez uma investigação, em sua dissertação acerca da atuação profissional no TTI, e observou que o catálogo com as bases de dados de áreas científicas especializadas permite a visibilidade informacional das bibliotecas universitárias, ressaltando que a determinação de assunto, nesses sistemas, envolve a subjetividade e bom senso profissional, tendo em vista que o catalogador de assunto/indexador geralmente não é especialista na área científica especializada em que atua, por isso, é responsabilidade dele determinar de forma precisa o conteúdo do documento. A autora ressalta que esse processo pressupõe um nível elevado de complexidade, porque existem problemas relacionados à terminologia do documento e da própria área e influência direta dos profissionais que o executam, como aspectos lógicos, cognitivos e linguísticos da leitura e da própria política de indexação, ocorrendo devido às circunstâncias e variáveis, leitor-indexador, texto e contexto.

No trabalho desenvolvido por Cruz, Fujita e Santos (2017, p. 222) sobre linguagem de indexação em biblioteca universitária, chegou-se à conclusão de que muitas instituições oferecem uma variedade de cursos e, com isso, a cobertura de assuntos da biblioteca é abrangente. Por isso, foi recomendado pelas autoras investir na construção de uma linguagem de indexação, já que a “linguagem em consonância com a política de indexação trabalharia em função do sistema em questão ao buscar uma padronização ainda mais consistente”. Mesmo assim, as autoras constataram a necessidade de se realizar a manutenção da linguagem, devido à constante evolução das ciências, em conjunto com o conhecimento humano registrado nos livros, periódicos, trabalhos acadêmicos, entre outros, assim como para que a representação de assuntos possa ser adequada e específica aos objetivos e à realidade da biblioteca, observando a capacidade do *software* de gestão de linguagem em inserir novos termos, ou a retirada dos que não serão mais utilizados.

Sunny e Angadi (2017) fizeram trabalho que observou, em estudos de avaliação publicados na língua inglesa e indexados nas bases de dados da LISA e Scopus, a eficácia de tesouros na recuperação da informação em Sistemas de Informação digital. De acordo com os autores, um tesouro pode melhorar a eficácia da recuperação, se os documentos forem pré-indexados e se a busca for processada com os termos do tesouro. O estudo percebeu que a eficácia da recuperação também pode ser melhorada com a aplicação do tesouro por meio de outras técnicas, como modelo vetorial ou medida de similaridade de Jaccard, para classificar os resultados.

Em 2019, Fujita *et al.* (2019, p. 219) desenvolveram um estudo analítico sobre linguagens de indexação em bibliotecas universitárias, com a aplicação de questionários. Os resultados obtidos revelaram novos cenários, com avanços, problemas e lacunas no uso da linguagem pela biblioteca universitária. Um dos desafios está relacionado ao problema de falta de compreensão pelos profissionais que efetuam a mediação da linguagem de indexação na representação e recuperação da informação. Desse modo, foram realizadas buscas na interface de 24 bibliotecas, na tentativa de verificar a especificidade na representação, porém, não obtiveram o alcance da representatividade na estratégia de busca pelo usuário na recuperação, mostrando que nenhuma das bibliotecas analisadas, nesse aspecto, disponibilizam algum tipo de linguagem para consulta dos usuários. Foi levantada a hipótese da complexidade que seria, para o usuário, consultar mais de uma linguagem para elaborar sua estratégia de busca.

Ainda no trabalho de Fujita *et al.* (2019, p. 220), nota-se que houve também um avanço considerável em 20 bibliotecas (um terço do total de 60 bibliotecas da amostra), as quais desenvolveram linguagem própria, enquanto 10 bibliotecas revelaram pretensão em construir. As autoras consideram esse dado relevante, pois demonstra uma “tendência da gestão do tratamento temático com política de indexação que define ações equilibradas entre a representação e a recuperação da informação”. Já a lacuna evidenciada pelas autoras está relacionada a esse avanço, porque diz respeito ao desconhecimento de *softwares* de gestão e manutenção de linguagens de indexação e à possibilidade de construção compartilhada de linguagens de indexação pela interoperabilidade. O único *software* relatado foi o TemaTres, por apenas uma biblioteca, o qual dispõe de dispositivos que facilitam o seu uso articulado aos *softwares* de gestão de bibliotecas.

Golub *et al.* (2020, p. 1210, tradução nossa) procederam a um estudo sobre a indexação de assunto em humanidades e fazendo a comparação entre o repositório de uma

universidade pública na Suécia e um serviço bibliográfico internacional. O estudo apontou que os objetivos bibliográficos fixados para garantir o acesso do assunto para artigos de periódicos em humanidades não são adequadamente suportados no repositório da universidade e na Scopus, considerada pelos autores como o maior banco de dados de resumos e citação comercial do mundo.

Ainda de acordo com os autores, as políticas de indexação nos dois serviços parecem não atender às necessidades dos acadêmicos de humanidades para termos na indexação de assunto. Foi constatado que nenhum vocabulário controlado é utilizado no repositório da universidade pública da Suécia, em virtude, segundo os autores, do fato de que as categorias do repositório se destinam principalmente à análise estatística e não à recuperação, enquanto, na Scopus, há o impedimento da recuperação eficaz, por meio da omissão de seus vocabulários controlados. Os resultados também indicaram que existe a falta de mapeamento entre os vocabulários, produzindo duplicadas, tornando os usuários incapazes de usar termos de um vocabulário em todos os recursos.

Nessa perspectiva, Golub *et al.* (2020, p. 1210, tradução nossa) citam um trabalho de East (2007), que analisou dez bancos de dados individuais, na área de humanidades, concluindo que não forneciam nenhum tipo de vocabulário controlado para a área. O estudo de East (2007) afirmou que apenas uma pequena parte de todos os artigos do estudo tem termos de vocabulário controlado atribuídos no Scopus; aqueles que usam termos de indexação o fazem confiando em vocabulários controlados fora da área de humanidades, como EMTREE, MeSH e GEOBASE.

O trabalho desenvolvido por Golub *et al.* (2020, p. 1211, tradução nossa) concluiu que as palavras-chave incluídas pelo autor, no momento de depositar uma dissertação ou tese no repositório, são complementares às palavras-chave do vocabulário controlado, em virtude de os autores não serem treinados para esse processo de indexação e nem receber diretrizes de como implementar o processo. Para sanar esse problema, Golub *et al.* (2020, p. 1211 tradução nossa) sugerem o fornecimento de treinamento e orientações para os autores, com o intuito de aprimorar e agilizar o processo.

Através dos trabalhos relatados, foi possível observar que fazer uso da política de indexação não é suficiente para sanar todos os problemas envolvendo a indexação. É preciso a combinação de multifatores, de maneira a garantir uma representação e recuperação da informação adequada e eficaz, como o indexador, a qualidade da

linguagem de indexação, o instrumento utilizado, o sistema e o próprio contexto da biblioteca.

Para desenvolvimento da atual pesquisa, adotou-se como base os trabalhos de Reis (2012) e de Cruz (2019). Ambos foram essenciais para a criação das categorias de análise apresentadas na metodologia.

A pesquisa de Reis (2012) teve como objetivo investigar o indexador, enquanto leitor profissional, através das suas experiências adquiridas com a profissão dentro das bibliotecas e o uso que faz da estrutura textual, durante a catalogação. Utilizando a técnica do Protocolo Verbal como método, a autora obteve como resultado, por meio da observação, quais partes da estrutura textual dos livros científicos são mais consultadas por bibliotecários, nas bibliotecas universitárias analisadas. Isso possibilitou na contribuição para a elaboração do “Modelo de ensino de leitura documentária para análise de assunto de livros científicos”, metodologia que foi aprimorada, com base no “Modelo de leitura documentária para indexação de artigos científicos” e “Modelo de leitura documentária para indexação na catalogação de assuntos de livros em bibliotecas.”

O trabalho de Cruz (2019) pretendeu investigar a aplicação da linguagem de indexação em bibliotecas universitárias brasileiras, através da perspectiva do uso das ferramentas do controle de vocabulário. Como método, a autora aplicou questionários, através do *Google Form*, em bibliotecas universitárias brasileiras e comparou os resultados com os do estudo de Fujita *et al.* (2019), no qual os autores fizeram um estudo semelhante.

A autora verificou que todas as bibliotecas universitárias possuem profissionais dedicados à tarefa de realizar a indexação e que 84,8% utilizam a linguagem de indexação no TTI, mas, quando não encontram o termo na linguagem empregada, as bibliotecas usam a linguagem natural, podendo acarretar inconsistências no catálogo da biblioteca e disparidades, na recuperação da informação. Ela constatou que metade das bibliotecas disponibiliza a linguagem de indexação no catálogo aos usuários e possui uma política de indexação documentada. (CRUZ, 2019). Desse modo, ela pôde contribuir para os estudos da área de organização e representação da informação, especificamente no controle de vocabulário, percebendo que mesmo as bibliotecas que não têm uma política de indexação documentada possuem a intenção de elaborar, mostrando ciência da importância de o processo ser documentado e adotado, em um manual de indexação.

A próxima seção aborda os procedimentos metodológicos. Os métodos foram escolhidos de acordo com a necessidade do desenvolvimento do trabalho e o que era mais adequado para ele, de forma que pudessem obter resultados consistentes para serem analisados.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Almeida Júnior (1995, p. 99) ressalta que os métodos em uma pesquisa são considerados caminhos para orientar e seguir, nos trabalhos acadêmicos, de modo a se obter mais conhecimento e para uma “incorporação rica de informações, a fim de que, no domínio desse conhecimento, possa pensar globalmente a realidade e analisá-la com rigor e crítica.”

A pesquisa é classificada como exploratória, descritiva e de cunho qualitativo. Gaio, Carvalho e Simões (2008, p. 151) explicam que a pesquisa qualitativa significa “analisar dados que envolve uma interpretação complexa dos fenômenos humanos e sociais, transcendendo a manipulação de variáveis ou tratamento experimental”. Segundo Jung (2003), a pesquisa exploratória é a coleta de dados e informações sobre um fenômeno de interesse, inspirando ou sugerindo uma hipótese explicativa. De acordo com Gil (2002), ela tem como objetivo aprimorar ideias. Por isso, seu planejamento é flexível, podendo ser considerados diversos aspectos relacionados com o tema. A pesquisa exploratória envolve, na maioria das vezes, levantamento bibliográfico, entrevistas com profissionais e análise de exemplos que auxiliem na compreensão. A pesquisa descritiva, conforme Rudio (2003), se caracteriza por descobrir e observar fenômenos, com o intuito de descrevê-los, classificá-los e interpretá-los. Seu interesse principal está em conhecer a realidade, sem interferir ou modificar, em um primeiro momento. Esse tipo de pesquisa é fundamental para que ocorram possíveis mudanças e transformações internas e externas.

A pesquisa é qualitativa, porque utilizou a técnica introspectiva de Protocolo Verbal Individual, para observar e analisar como os indexadores estão usando a linguagem de indexação na representação documentária, durante o processo de indexação de livros em bibliotecas universitárias que compõem a Rede de Bibliotecas da Unesp. É exploratória, porque realiza análise da literatura publicada e análise das coletas de dados introspectivos do Protocolo Verbal Individual, os quais dependem de uma análise do conteúdo dos pensamentos dos participantes, enquanto expressam verbalmente os processos mentais da tarefa de indexação de livros. É descritiva, porque explica, com base nos resultados da análise das transcrições dos Protocolos Verbais Individuais, como é implementado o processo de indexação e o uso da linguagem de indexação, bem como as diferenças, problemas e dificuldades das bibliotecas, que fazem parte de uma mesma rede, em realizar a indexação.

O desenvolvimento da pesquisa foi dividido em duas fases: a primeira desenvolveu a pesquisa bibliográfica, fazendo um levantamento da literatura sobre linguagem de indexação em bibliotecas universitárias. A segunda fase consistiu na aplicação de coleta de dados com o Protocolo Verbal Individual (PVI) e a análise dos dados obtidos.

FASE 1: BUSCA E RECUPERAÇÃO DE TRABALHOS EM BASES DE DADOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

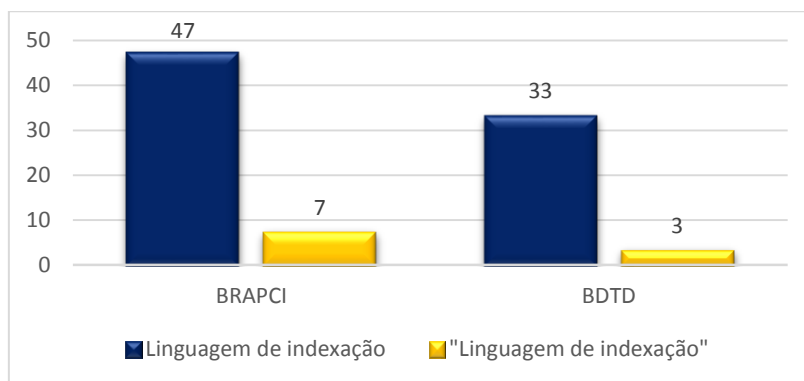
No âmbito do atual trabalho, a pesquisa exploratória está, também, presente na revisão de literatura, apresentada na fundamentação teórica, com o objetivo de ressaltar e levantar as discussões dos principais autores.

A Fase 1 consistiu em realizar o aprofundamento teórico e, para isso, foram efetuadas buscas em bases de dados digitais nacionais e internacionais, com o intuito de recuperar trabalhos, artigos, dissertações, trabalhos de conclusão de curso e teses, os quais serviram como base teórica para o desenvolvimento deste texto.

As bases de dados selecionadas foram: Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); *Library & Information Science Abstracts* (LISA); *Web of Science* (WoS) e *Scopus*. Nas bases de dados nacionais, foram utilizados os seguintes termos, para a busca em português: “linguagem de indexação” com e sem aspas; “linguagem de indexação” AND “biblioteca universitária”; “política de indexação” AND “biblioteca universitária”; tesaurus. Nas bases de dados internacionais, foram usados termos em inglês: “*indexing language*” com e sem aspas; “*indexing language*” AND “*university library*”; “*indexing policy*” AND “*university library*” e “*thesaurus*”. Para auxiliar nas buscas, foram adotados os operadores booleanos. Os anos de publicação foram delimitados entre 2015 e 2020.

Para a compreensão da quantidade de trabalhos recuperados, abaixo são indicados os resultados das buscas realizadas e as suas variações.

Gráfico 1: Resultados a partir dos termos “linguagem de indexação” com e sem aspas, nas bases de dados nacionais



Fonte: Elaborado pela autora

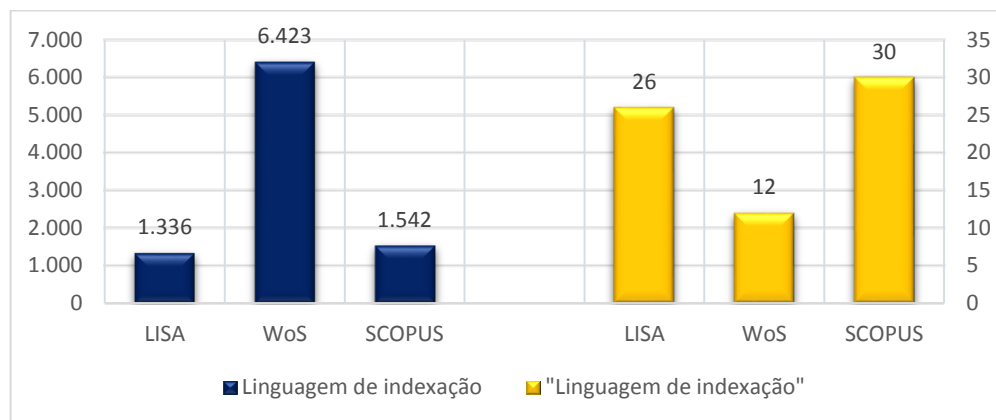
No Gráfico 1, estão os resultados da busca feita a partir do termo composto “linguagem de indexação” em bases de dados nacionais. Observa-se que há diferença na recuperação de trabalhos, quando pesquisado com aspas e sem aspas.

Os trabalhos recuperados com base na busca com o termo “linguagem de indexação”, sem aspas, apresentaram na BRAPCI um total de 47 trabalhos recuperados, observando-se que apenas 14 trabalhos realmente possuem relevância para a pesquisa. Por sua vez, na BDTD, foram recuperados 33 trabalhos, apenas dois dos quais foram considerados pertinentes para esta pesquisa.

Quando pesquisado o mesmo termo com aspas, pode-se notar algumas diferenças. Na BRAPCI, foram recuperados apenas 7 trabalhos, sendo somente 3 considerados relevantes, de acordo com a temática da pesquisa. A BDTD recuperou apenas 3 trabalhos, sendo somente 2 trabalhos significativos.

Dessa forma, pode-se perceber a influência que um buscador possui, quando utilizados termos compostos corretamente e a recuperação desses trabalhos.

Gráfico 2: Resultados a partir dos termos “linguagem de indexação” com e sem aspas, nas bases de dados internacionais



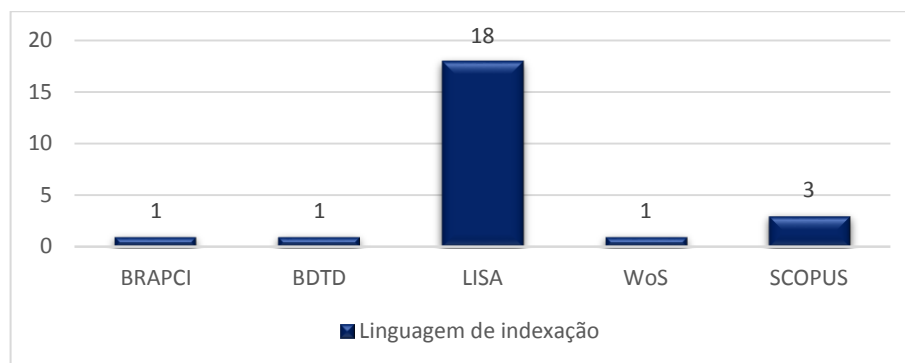
Fonte: Elaborado pela autora

O Gráfico 2 apresenta os resultados das buscas em bases de dados internacionais, utilizando o termo “*indexing language*” sem aspas, para observar a recuperação dos trabalhos. No catálogo da LISA, foram recuperados 1.336 resultados, um número consideravelmente alto. Na base de dados WoS, foram recuperados 6.423 resultados, um número maior do que na base anterior. Na *Scopus*, foram recuperados 1.542 trabalhos. Por constituírem uma quantidade alta de trabalhos recuperados, ficou inviável conferir todos os trabalhos, de sorte a encontrar os mais significativos para as pesquisas.

Quando a busca é feita com o uso de aspas, os resultados acabam sendo diferentes. Na base da LISA, foram recuperados 26 trabalhos, sendo 5 realmente relevantes, enquanto, na WoS, foram encontrados 12 trabalhos, 4 dos quais estão de acordo com a temática da pesquisa. Na *Scopus*, foram encontrados 30 trabalhos, 9 com importância para esta investigação.

Ficou nítida a discrepância dos trabalhos recuperados, quando a busca é feita com aspas e sem aspas. Por isso, quanto mais precisa for a busca, maior será a chance de encontrar os trabalhos que realmente serão relevantes.

Gráfico 3: Resultados a partir dos termos “linguagem de indexação” AND “biblioteca universitária”



Fonte: Elaborado pela autora

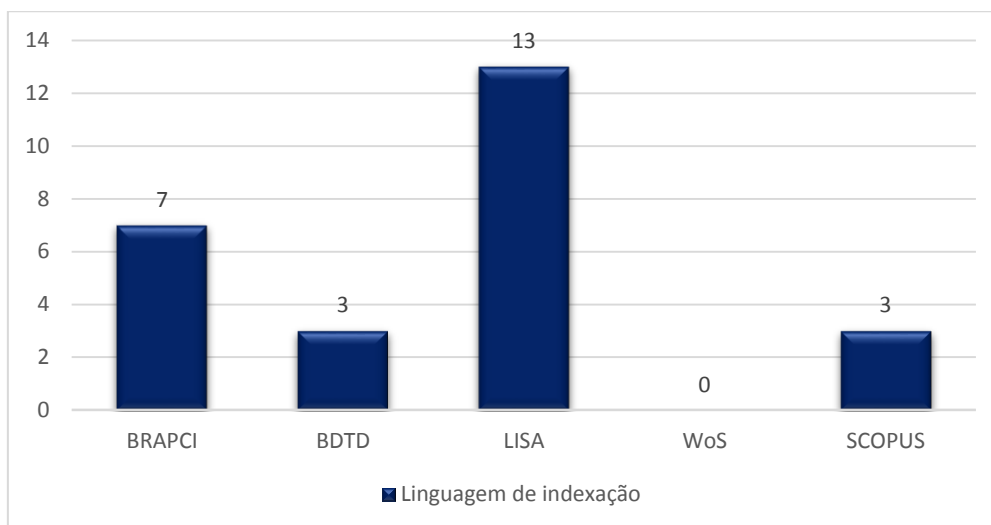
O Gráfico 3 mostra os resultados de buscas avançadas, combinando dois termos compostos, em bases de dados nacionais e internacionais. Nas bases de dados nacionais, a busca empregou os termos “linguagem de indexação” AND “biblioteca universitária”, ao passo que, nas internacionais, foram utilizados os termos “*indexing language*” AND “*university library*”.

Pode-se perceber que, na base de dados da BRAPCI, BDTD e WoS, foram recuperados apenas um trabalho em cada, enquanto, na base da LISA, foram recuperados 18 trabalhos, sendo 4 importantes. Na base da *Scopus*, foram recuperados 3 trabalhos, sendo todos essenciais.

O Gráfico 4 reúne os resultados da busca feita com os termos compostos “política de indexação” AND “biblioteca universitária”, nas bases de dados nacionais, e “*indexing policy*” AND “*university library*”, nas bases internacionais.

Na BRAPCI, foram recuperados 7 trabalhos, dos quais 5 podem ser tomados como pertinentes para a pesquisa. Na BDTD, foram recuperados 3 trabalhos, todos eles considerados essenciais. A LISA recuperou 13 trabalhos, mas somente um foi considerado relevante. Infelizmente, a WoS não recuperou nenhum trabalho, em nenhum idioma. A *Scopus* recuperou 3 trabalhos e todos eles são importantes para a pesquisa.

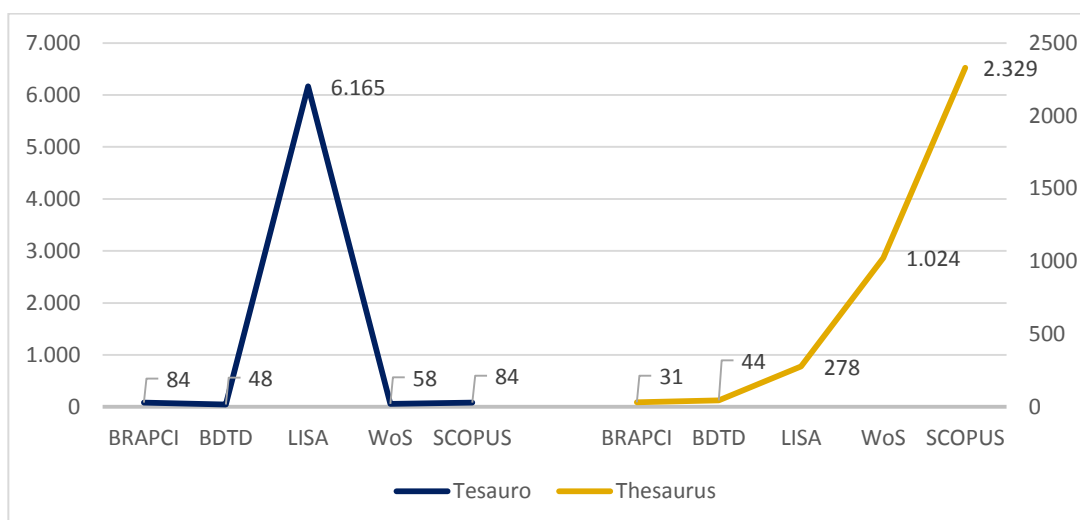
Gráfico 4: Resultados a partir dos termos “política de indexação” AND “biblioteca universitária”



Fonte: Elaborado pela autora

O Gráfico 5 traz os resultados da busca pelos termos “tesauro” e “thesaurus”. Com o termo “tesauro”, foram recuperados, na base da BRAPCI, 84 trabalhos; na BDTD, foram encontrados 48 trabalhos, enquanto, na LISA, 278 resultados; na WoS, recuperaram-se 58 resultados e, na *Scopus*, 84 resultados.

Gráfico 5: Resultados a partir dos termos “tesauro” e “thesaurus”



Fonte: Elaborado pela autora

Quando feita a busca com o termo “thesaurus”, é visível a diferença de resultados em comparação com o termo “tesauro”. Na BRAPCI, foram encontrados 31 trabalhos e, na BDTD, obtiveram-se 44 resultados, sendo apenas 3 relevantes. A busca na LISA recuperou 6.165 trabalhos, um número consideravelmente alto; na WoS, encontraram-se 1.024 resultados, enquanto, na *Scopus*, obtiveram-se 2.329 resultados.

Na análise dos dados da busca e recuperação nas bases, é possível observar, pelos gráficos, que há uma grande discrepância de resultados entre as bases de dados nacionais e internacionais, variando conforme os termos colocados na busca.

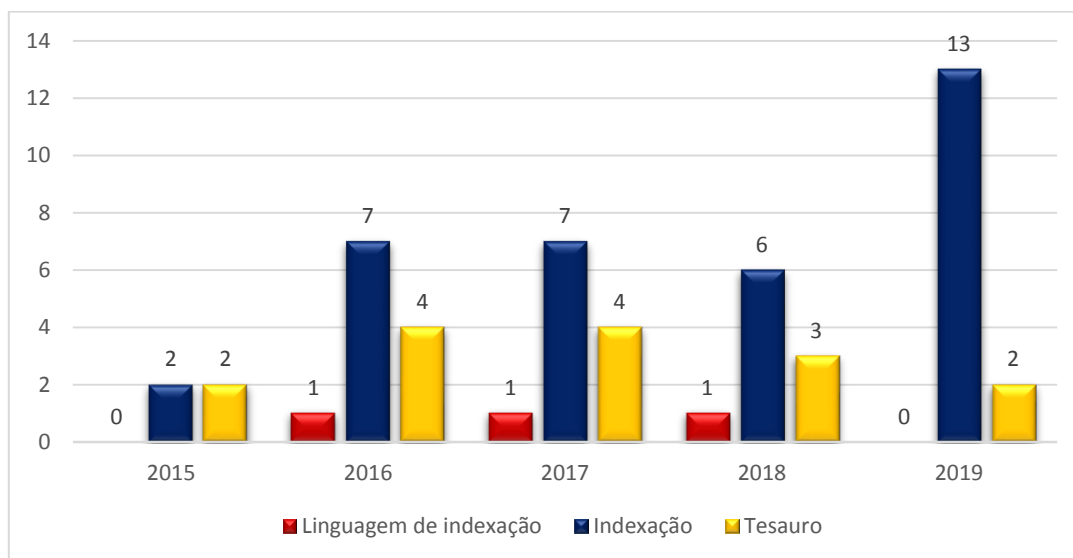
Pode-se verificar, também, que aparecem muitos trabalhos repetidos na mesma base. Foi possível notar que existem bases de dados que recuperaram os mesmos trabalhos depositados em outras bases, deixando um questionamento a respeito dos critérios para armazenamento dos trabalhos e da possibilidade de existir interoperabilidade dos dados entre as bases de dados.

Há uma diferença grande nos dados coletados nas bases de dados, principalmente quando não há filtração ou nenhum tipo de delineamento nas buscas. Um exemplo claro é a diferença entre a busca feita com a linguagem de indexação com aspas e sem aspas.

Houve muitos trabalhos recuperados que não possuem nenhum tipo de relação com o tema pesquisado, de outras áreas com temáticas completamente diferentes, levantando mais um questionamento acerca dos critérios do processo de indexação das bases de dados, sobretudo a sua busca e recuperação de informações.

Na BDTD, quando feita a busca pelo termo “tesauro”, a própria biblioteca digital sugeriu o termo “restauro” como busca alternativa. O termo alternativo sugerido pela base não possui nenhum tipo de relação com o termo usado na pesquisa.

O Gráfico 6 expõe os resultados da busca nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), no período de 2015-2019. No ano de 2020, não ocorreu o evento, por conta da pandemia Covid-19, impossibilitando obter dados do ano citado. A busca nos Anais dos eventos foi feita em trabalhos cujos temas fossem: indexação; linguagem de indexação e tesauro.

Gráfico 6: Resultados a partir da busca nos anais do ENANCIB

Fonte: Elaborado pela autora

Em 2015, não se obteve nenhum trabalho com o tema linguagem de indexação, entretanto, foram encontrados 2 trabalhos que abordam a indexação em algum aspecto e 2 trabalhos que focalizam o tesouro. Em 2016, houve 2 trabalhos com o tema linguagens documentárias e 9 trabalhos que abordaram indexação, enquanto, em 2017, houve um único trabalho sobre linguagens documentárias, 7 que trataram sobre indexação e 4 sobre tesouros.

Em 2018, também houve apenas um único trabalho sobre linguagem documentária, 6 que abarcaram indexação e 3 sobre tesouro. E, em 2019, encontraram-se 13 trabalhos sobre indexação e 2 sobre tesouro, especificamente.

Analisando-se os trabalhos, um por um, pôde-se notar que a barra de busca disponível para procurar os trabalhos nos Anais não é muito eficiente, pois, quando feita a busca utilizando o termo “indexação”, não conseguiu recuperar nenhum trabalho sobre o assunto, mas, quando se olha a lista de trabalhos, integralmente, trabalho por trabalho, é possível encontrar as pesquisas que abordam a temática, deixando um questionamento sobre a qualidade do buscador e da indexação realizada nesses *sites*.

FASE 2: COLETA DE DADOS COM O PROTOCOLO VERBAL INDIVIDUAL (PVI) E A ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

A segunda fase do desenvolvimento da pesquisa consistiu na aplicação da coleta de dados, adotando-se o método do PVI. Existem outros tipos de Protocolos Verbais e, para desenvolvimento do trabalho, foi escolhido o individual, devido à sua aplicação individual e específica para com os catalogadores.

Nessa etapa, a pesquisa descritiva é caracterizada pela observação ocorrida durante a aplicação do Protocolo Verbal Individual com catalogadores de bibliotecas. E a pesquisa qualitativa se encaixa, especificamente, na análise de dados obtidos em função da aplicação do Protocolo Verbal Individual nas bibliotecas, que é apresentada nos resultados, sendo necessária uma análise cuidadosa e interpretativa das coletas dos dados, levando-se em conta o catalogador e o seu ambiente de trabalho.

Com a observação da introspecção do catalogador, no decorrer da realização da tarefa de indexação, foi possível analisar como o processo de indexação ocorre, dentro das bibliotecas universitárias, observando-se como a linguagem de indexação é utilizada, durante os procedimentos, as suas dificuldades, problemas, diferenças e semelhanças.

O Protocolo Verbal Individual (PVI), também conhecido como “Pensar Alto” (*Think Aloud*), possui origem nos estudos em Psicologia Cognitiva, baseando-se no uso da introspecção para “observação, obtenção e descrição de estruturas do conteúdo de experiências conscientes dos sujeitos, com foco em descoberta das semelhanças do comportamento humano” (TARTAROTTI; DAL’EVEDOVE; FUJITA, 2016, p. 43).

Segundo Cavalcanti e Zanotto (1994), os protocolos verbais foram introduzidos na pesquisa qualitativa por meio da Psicologia, em 1980, e, desde então, sua validade na revelação de processos mentais tem sido questionada, por estes não serem “quantitativamente” representados. Entretanto, a validade qualitativa de uma amostra de Protocolos Verbais Individuais é representada pelos resultados de observação de processos cognitivos individuais a propósito da realização de uma determinada tarefa por um indivíduo qualificado para a amostra, como, por exemplo, indexadores proficientes em um determinado período de tempo.

O Protocolo Verbal Individual é um procedimento que promove acesso direto ao processo mental decorrente das atividades executadas por um indivíduo que realiza leitura para concretizar uma tarefa. Por essa razão, é considerada a técnica do “pensar alto”, como uma técnica introspectiva. Outras técnicas que revelam o resultado do procedimento após a sua realização são de natureza retrospectiva (FUJITA; CERVANTES, 2005). Dessa forma, pode-se sustentar que o PVI é uma técnica adequada para a coleta de dados com os bibliotecários indexadores, porque possibilita a observação de suas estratégias e comportamento, durante o processo de indexação de livros.

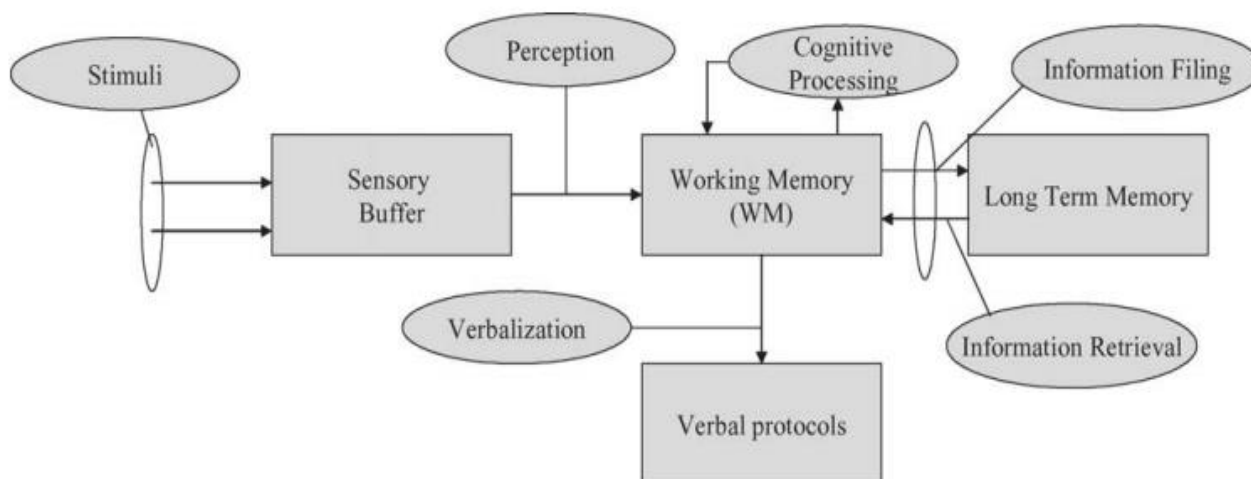
Cervantes (2004, p. 86) define o PVI como “uma técnica introspectiva de coleta de dados, que consiste na verbalização dos sujeitos”. O método preconiza que a pessoa responsável pela catalogação e indexação explicita todos os procedimentos que estão fazendo em tempo real e em voz alta. Por isso, segundo Redigolo (2010), essa técnica é considerada exaustiva e proporciona uma visão ampla sobre a análise dos assuntos.

Para aplicar o Protocolo Verbal Individual, é necessário preparar e executar um conjunto de procedimentos sistematizados e divididos em anteriores à aplicação, durante a aplicação e após a aplicação, adaptados de Nardi (1999) e Tartarotti (2014).

Fujita (2009) explica que essa técnica revela a introspecção do leitor, de maneira natural, obtendo vantagens em relação a outros tipos de técnicas. Trata-se de uma técnica que fornece acesso direto ao processo mental de leitura, enquanto está sendo realizado pelo leitor. As outras técnicas apenas ocorrem após o processo de leitura.

Há diferentes formas em que os relatos verbais podem ser obtidos. Para haver entendimento, é necessário observar um modelo do sistema cognitivo humano (Figura 1), o qual aponta, de modo simples, como é implementado o processo de comunicação verbal resultante do Protocolo Verbal Individual (VAN SOMEREN; BARNARD; SANDBERG, 1994).

Jaspers *et al.* (2004) propuseram um modelo (Figura 5) que envolve o processo da análise do Protocolo Verbal Individual.

Figura 5 – Modelo de sistema cognitivo humano

Fonte: Jaspers *et al.* (2004)

Jasper *et al.* (2004) assinalam que esse processo é considerado como uma fonte única de informações sobre os processos cognitivos. Ele tem a capacidade de gerar dados diretos sobre os processos de pensamento contínuo, no decorrer do desempenho de uma tarefa. Reis *et al.* (2013) acrescentam que esse método consiste em a) coletar, de uma forma sistemática, o Protocolo Verbal Individual “*think aloud*”; b) analisar os protocolos, a fim de obter um modelo de processo cognitivo que ocorre na solução de um problema. Esses protocolos são usados como dados para análise e interpretação, de sorte que haja compreensão de como o profissional está desempenhando suas funções e realizando suas tarefas (JASPERS *et al.*, 2004; REIS *et al.*, 2013).

Ressalte-se que o Protocolo Verbal Individual promove o acesso direto ao pensamento do participante, durante a tarefa, e se propõe analisar esse pensamento transcrito exatamente do modo como foi realizado, durante a tarefa. Portanto, tem a vantagem sobre as outras técnicas de coletas de dados, de não ser meramente quantitativo nem de discutir dados que não foram gravados. Para isso, as transcrições dos protocolos verbais podem ser examinadas nos Apêndices de C a H.

Os protocolos verbais podem ser caracterizados em quatro tipos: retrospectão, concorrente, introspecção e diálogo (VAN SOMEREN; BARNARD; SANDBERG, 1994).

Verbalização retrospectiva ou retrospectão: o profissional resolve um problema e é questionado sobre o seu processo de pensamento, após a sua realização. Van Somenren, Barnard e Sandberg (1994) consideram esse processo difícil, devido à

possibilidade de haver dificuldade em lembrar exatamente o que aconteceu, durante a aplicação do protocolo; pode também causar acuo no sujeito, devido à gravação do PVI. Mesmo assim, esse método permite que ele apresente os processos com mais coerência e inteligência do que se estivesse executando a tarefa sem a presença de um pesquisador.

Verbalização concorrente: essa categoria é composta pelos protocolos *talk aloud*, os quais se caracterizam pela verbalização, quando a memória já está na forma verbal e de curto prazo e pode ser assim verbalizada rapidamente, e *think aloud*, atinente ao método de pedir a um indivíduo que pense em voz alta, enquanto resolve alguma tarefa, quando os relatos do processo cognitivo são verbalizados diretamente (REIS; LÖBLER; BOLZAN, 2013). Ericsson e Simon (1993) afirmam que o processo cognitivo não se modifica, através desses relatos verbais, e que a tarefa dirigida nos processos cognitivos determina quais informações são foco de atenção e verbalizadas.

Introspecção: o sujeito é instruído a relatar seus pensamentos, não após a realização da tarefa, mas em pontos intermediários que escolhe.

Diálogos: podem ser gravados em áudio ou vídeo, e os protocolos podem ser usados como dados verbais em relação ao processo. Nesse método, os dados são diferentes dos relatos verbais individuais.

O Protocolo Verbal Individual foi proposto por Ericsson e Simon, em 1987, sendo considerado a base para a elaboração do Protocolo Verbal em Grupo e o Protocolo Verbal Interativo (ERICSSON; SIMON; 1987; FUJITA, 2009).

O Protocolo Verbal em Grupo tem como intuito coletar dados oriundos da interação entre indivíduos participantes, com o objetivo de construir possíveis significados, impressões, e levantar indagações e conhecimentos sobre um determinado fenômeno em discussão. A aplicação em grupo possibilita apresentar abordagens individuais, permitindo obter-se uma visão abrangente do tema em questão (TARTAROTTI; DAL'EVEDOVE; FUJITA, 2016).

O Protocolo Verbal Interativo, segundo Tartarotti, Dal'Evedove e Fujita (2016, p. 42), pressupõe a participação interativa do pesquisador experiente. Nesse caso, o objetivo é instigar o sujeito aprendiz, para que este seja motivado e atinja níveis mais satisfatórios de compreensão, ao longo da atividade proposta.

O Protocolo Verbal Individual possui etapas que ocorrem antes, durante e depois de sua aplicação. Para realizar o procedimento, foi necessário seguir essas fases:

Procedimentos anteriores à aplicação do Protocolo Verbal Individual

a) **Definição do universo da pesquisa:** a amostra de 3 bibliotecas da Rede de Bibliotecas da Unesp foi definida por utilizarem linguagem de indexação² constantemente atualizada, conforme Manual de Política de Indexação atualizado (FUJITA *et al.*, 2017). Segundo Fujita (2016), a política de indexação foi implantada na Rede de Bibliotecas da Unesp em abril de 2012, já existia a linguagem do Bibliodata com uma grande quantidade de registros e, a partir dela e da elaboração da Linguagem Unesp foi implantado o Tesouro Unesp. Esclarecemos ainda que cada biblioteca representa uma área de conhecimento, conforme descrito abaixo:

- Biblioteca da Faculdade de Ciências Agrônômicas, na fazenda do Lageado, câmpus de Botucatu (Área de conhecimento: Ciências Agrárias)

Segundo o *site* da biblioteca da FCA¹, o seu começo ocorreu em 1991, localizada na Fazenda Experimental Lageado, uma antiga Fazenda de Café de Botucatu. Atende aos cursos: Engenharia Agrônômica, Engenharia Florestal e Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia.

- Biblioteca do Instituto de Ciências e Tecnologia, do câmpus de Bauru; (Área de conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas)

A Biblioteca teve seu início em 1967. Ela tem por objetivo, de acordo com o seu *site*², suporte informacional à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), à Faculdade de Ciências (FC) e à Faculdade de Engenharia (FE), atendendo ao corpo docente, aos discentes e servidores técnico-administrativos, assim como à Administração Geral e Colégio Técnico Industrial, vinculado à Faculdade de Engenharia.

- Biblioteca de Ciências e Letras, do câmpus de Araraquara (Área de conhecimento: Ciências Humanas e Sociais)

Conforme o *site* da biblioteca da Unesp, a FCLar teve início em 1959, sob o nome de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada como Instituto Isolado Superior do Estado de São Paulo. Em 1973, o instituto e a biblioteca são transferidos para o Câmpus Universitário. A criação da Unesp, em 1976 (Lei Estadual nº 952), resultou na reformulação e no fechamento de cursos e remanejamento de professores. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi dividida em duas unidades universitárias: o Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação e o Instituto de Química. Em novembro de 1986, foi inaugurado o atual prédio da Biblioteca, quando o acervo atendia ao Instituto de Letras, Ciências Sociais e a Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Com a aprovação do Estatuto da Unesp, em 1989, a Faculdade passou a se chamar Faculdade de Ciências e Letras. Em julho de 1994, a Biblioteca é desmembrada: no piso superior, a Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, e, no piso inferior, a Biblioteca da

² Tesouro Unesp: <https://www.biblioteca.unesp.br/tesouro/vocab/index.php>

Faculdade de Ciências Farmacêuticas. A Biblioteca da FCLAr possui o maior acervo de livros da Rede de Bibliotecas da Unesp.

b) Seleção dos indexadores: a aplicação da técnica do Protocolo Verbal Individual se deu com 3 bibliotecários indexadores proficientes, antes e depois da implantação da política de indexação e do Tesouro Unesp. Todos os catalogadores exercem a função há mais de dez anos, possuindo muita experiência em realizar os procedimentos. A bibliotecária da Biblioteca da FCLAr trabalha há 13 anos, desde 2008; a bibliotecária da Biblioteca do ICT trabalha há 10 anos; e a bibliotecária da Biblioteca do FCA trabalha há 12 anos, todas especificamente na função de catalogação e indexação.

Foi possível obter 3 protocolos verbais individuais, os quais poderão ser considerados suficientemente representativos, de acordo com Cavalcanti e Zanoto (1994), dos procedimentos mentais de indexação com uso de linguagem de indexação e conforme Manual de Política de Indexação da Rede de Bibliotecas da Unesp.

A aplicação foi feita de forma *online*, pela plataforma do *Skype*, devido à quarentena observada por causa da pandemia de Covid-19, no país, havendo a necessidade de distanciamento social.

Devido a esta circunstância em particular, foi necessário adaptar o método do Protocolo Verbal Individual, gerando o Protocolo Verbal Individual *online*. A vantagem de se utilizar a técnica dessa forma é que poupa o tempo de deslocamento e a gravação ocorre não apenas do áudio, mas da imagem do sujeito também, possibilitando realizar uma observação e análise um pouco mais minuciosa e detalhada. Diferente do Protocolo Verbal Individual presencial, no qual é gerado apenas o áudio, podendo ocorrer de o pesquisador esquecer detalhes da observação.

Apesar disso, existe a desvantagem de não estar no local físico, podendo correr o risco de prejudicar a coleta a partir do mal funcionamento da internet de ambas as partes (pesquisador e sujeito) e de ter dúvidas de como o sujeito está realmente se portando, podendo transparecer para a câmera apenas uma atuação e não a realidade de fato.

c) Definição da tarefa: realizar a indexação com livro não indexado, selecionado pelo catalogador no catálogo de cada biblioteca universitária, para observar o uso da linguagem de indexação, durante o processo de indexação de livros, por meio do Protocolo Verbal Individual.

Dissertação ou tese poderão ser selecionadas, caso não se tenha livro sem indexação, uma vez que o objetivo é analisar como o catalogador utiliza a linguagem de indexação, no processo de indexação.

d) Seleção do texto-base: os livros que não passaram pelo processo de catalogação e indexação anterior foram escolhidos pelos próprios bibliotecários e indexados, durante a coleta de dados.

e) Conversa informal com os catalogadores: foi feito um primeiro contato por *e-mail* com a direção da Biblioteca (Apêndice A) e o responsável pelo setor, para se obter a autorização da coleta de dados, para ser submetida ao Comitê de Ética.

A aplicação do PVI foi agendada com os catalogadores. Antes da aplicação, foram mencionados os objetivos da pesquisa, para cada catalogador. O catalogador foi identificado e representado apenas pelo nome da biblioteca universitária em que trabalha, mantendo-se, assim, o anonimato.

f) Familiarização dos catalogadores com a técnica do Protocolo Verbal Individual: os indexadores foram apresentados inicialmente à técnica do Protocolo Verbal Individual e seus procedimentos. Toma-se essa providência, a fim de se instruir os indexadores sobre como devem proceder, durante a aplicação do Protocolo Verbal Individual, em “Instruções aos sujeitos”, adaptado de Nardi (1993). Foi esclarecido aos indexadores que é preciso sempre verbalizar, em voz alta, durante a indexação, esquecendo a presença da pesquisadora, cuja função é apenas de lembrar e controlar o gravador.

Procedimentos durante a aplicação do Protocolo Verbal Individual

a) Gravação do “pensar alto” dos indexadores: a gravação da verbalização dos indexadores foi efetuada através dos programas *Skype e Google Meet*, por causa da aplicação realizada via *online*.

b) Observação: considerado um tipo de coleta de dados; a partir dele, é possível obter determinados aspectos da realidade em que está sendo aplicada. Segundo Lakatos e Marconi (1996, p. 79), a observação ajuda o pesquisador a “identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não tem consciência, mas que orientam seu comportamento.”

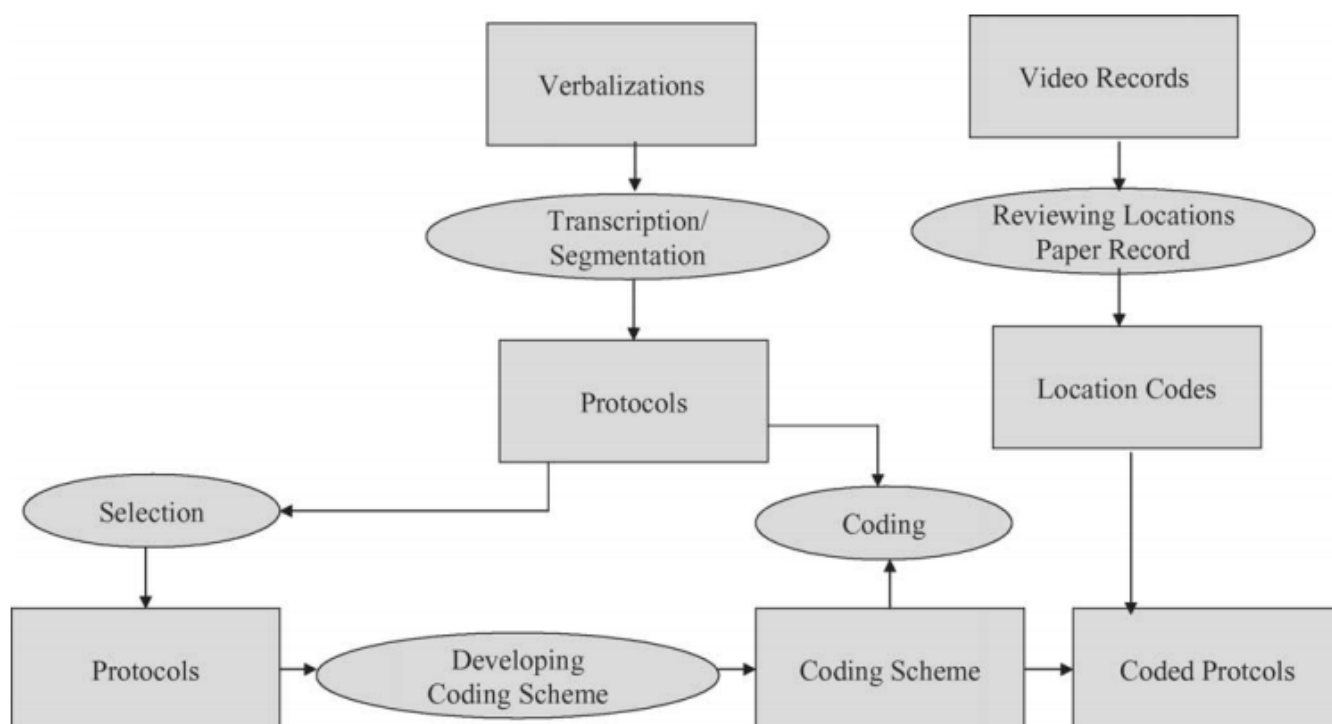
Procedimentos após a aplicação do Protocolo Verbal Individual e de análise dos dados coletados

a) **Entrevista retrospectiva:** processo importante para contextualizar e esclarecer dúvidas sobre o ambiente da biblioteca e aprofundar as informações que não ficaram claras, durante a aplicação do Protocolo Verbal Individual.

b) **Transcrição literal das gravações das falas dos indexadores:** a gravação de cada Protocolo Verbal Individual permitiu a transcrição literal das falas dos indexadores, com a preservação das identidades e sinalização com códigos para cada biblioteca.

Jaspers *et al.* (2004) propuseram um processo que envolve o procedimento da análise do PVI, na aplicação da coleta de dados (Figura 6).

Figura 6 – Método de análise do Protocolo Verbal Individual (*Think Aloud*)



Fonte: Jaspers *et al.* (2004)

De acordo com Ericsson e Simon (1993), é necessário gravar a verbalização dos sujeitos, durante a realização da tarefa. Ademais, é preciso transcrever de forma mais autêntica possível, para que se obtenham dados válidos e confiáveis que representem o processo investigado.

Cavalcanti (1989, adaptado por Tartarotti, 2014) elaborou um quadro (Quadro 3) com notações que devem ser seguidas, durante a transcrição do Protocolo Verbal Individual.

Quadro 4– Notações para a transcrição do Protocolo Verbal Individual

<i>Itálico</i>	Vocalização do sujeito
.....	Pausas curtas
...~	Pausas longas
/	Autointerrupção de um pensamento
((FR))	Vocalização e risos ao mesmo tempo pelo sujeito
((RM))	Tom de ironia do sujeito
((RI))	Riso do sujeito
(→→→)	Aceleração do ritmo da leitura do texto-base
(~~~)	Desaceleração da leitura
{ }	Inclusão nas transcrições, de descrições de gestos significativos do sujeito ou comentários analíticos do pesquisador
(←)	Releitura a trechos do texto
(→)	Trecho do texto-base “saltado” (ignorado) na leitura
[...]	Trecho do texto-base vocalizado pelo sujeito, durante o Protocolo Verbal Individual
MAIÚSCULO	Termos identificados pelo sujeito, durante o Protocolo Verbal Individual
NEGRITO MAIÚSCULO	Descritores digitados/pesquisados e de relevância para o sujeito
NEGRITO MAIÚSCULO SUBLINHADO	Termos finais atribuídos ao documento pelo sujeito
“...”	Trecho de instruções do sistema de recuperação da informação para o tratamento documental do material
<u>Sublinhado</u>	Trecho de material do sistema de apoio (obra de referência) utilizado para compreensão do conteúdo documental pelo sujeito ou definição do termo, no sistema recuperação da informação
(...)	Omissão de trecho não relevante na transcrição

Fonte: Tartarotti (2014, p. 359, adaptado de Cavalcanti, 1989)

c) Leitura detalhada para a construção de categorias de análise: a leitura das transcrições dos Protocolos Verbais foi realizada, para identificar categorias de análise dos dados.

d) Construção das categorias de análise: a leitura das transcrições, a discussão da bibliografia e a recorrência aos estudos de Reis (2012) e Cruz (2019) possibilitaram a

criação de categorias para a análise, como o uso da linguagem de indexação, no momento de executar a indexação de livros. A escolha dos trabalhos se deu devido à semelhança com esta pesquisa, servindo como base para o desenvolvimento das categorias de análise. O trabalho de Cruz (2019) aborda especificamente a linguagem de indexação em bibliotecas universitárias, em nível nacional, enquanto o trabalho de Reis (2012) trata sobre a catalogação de assuntos de livros, especificamente quanto à importância que a leitura documentária possui, para o processo de indexação. Dessa forma, ambas se tornaram importantes para o desenvolvimento desta investigação.

Para o desenvolvimento desse estudo também foram criadas duas categorias de própria autoria: o uso da linguagem de indexação antes e depois da sua elaboração e implantação. Ambas são consideradas essenciais para observar como os procedimentos eram realizados, como foram desenvolvidos e como as bibliotecas universitárias passaram a fazer esse processo depois de sua implantação.

Quadro 5: Categorias de análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE
<p>Categoria 1: Análise e exploração do livro para identificação de conceitos (leitura documentária): nessa categoria, o catalogador utiliza o método de leitura técnica, conhecida como leitura documentária, para encontrar as informações essenciais e necessárias para realizar a catalogação e a indexação (REIS, 2012; CRUZ, 2019).</p>
<p>Categoria 2: Identificação e seleção de conceitos: no processo da leitura documentária, o catalogador identifica os conceitos e seleciona os que melhor representam o livro (REIS, 2012; CRUZ, 2019).</p>
<p>Categoria 3: Representação de conceitos por termos (tradução): baseada nos estudos de Reis (2012 e Cruz (2019), essa categoria visa, após a identificação e a seleção de conceitos, a permitir que o catalogador escolha os que melhor representa o livro e os traduza para uma linguagem artificialmente construída, conhecida como linguagem de indexação. Nesse processo, são escolhidos termos para representar os conceitos.</p>
<p>Categoria 4: Utilização da linguagem de indexação: construída para padronizar o sistema da biblioteca e tornar melhor a representação dos termos e a recuperação das informações para o usuário. No caso da Unesp, há o processo de antes da linguagem de indexação ser implantada e o após a linguagem ser construída e implantada (CRUZ, 2019).</p>
<p>Categoria 4.1: Antes da implantação da linguagem de indexação: período em que não se usava a linguagem de indexação criada para a Rede de Bibliotecas da Unesp. Era empregado o Bibliodata.</p>
<p>Categoria 4.2: Depois da implantação da linguagem de indexação: para melhorar os sistemas de bibliotecas da Unesp, foi criado um vocabulário controlado, conhecido como linguagem de indexação. Ela é uma linguagem artificialmente construída, a qual possui como intuito padronizar o sistema das bibliotecas. Dessa maneira, pode melhorar a representação dos livros nos catálogos e, por consequência, a sua recuperação posterior.</p>
<p>Categoria 5: Uso do manual de indexação: essa categoria foi baseada nas pesquisas de Cruz (2019) e almeja observar, no processo de catalogação e indexação, em conjunto com o sistema utilizado, há uma grande quantidade de processos e regras a seguir. Devido à grande quantidade de procedimentos, muitas diretrizes e regras podem passar despercebidas, por isso, a necessidade de consultar o manual de indexação que define os passos a serem seguidos.</p>
<p>Categoria 6: Emprego de bases de dados e outros vocabulários controlados: consultar outras bases de dados pode ajudar o catalogador, no processo de catalogação e indexação. Pode tirar dúvidas a respeito da representação do livro (CRUZ, 2019).</p>

Fonte: Elaborado pela autora

e) Retorno aos dados, para retirar trechos que exemplifiquem cada categoria de análise: os protocolos verbais foram lidos novamente e foram retirados trechos, para serem usados como exemplos de cada categoria de análise.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, são discutidos os resultados das análises das coletas de dados na Biblioteca de Ciências e Letras, no câmpus de Araraquara, na Biblioteca do Instituto de Ciências e Tecnologia, no câmpus de Bauru e na Biblioteca da Faculdade de Ciências Agrônômicas, na Fazenda do Lageado, câmpus de Botucatu. Todas as bibliotecas analisadas fazem parte de da Rede de Bibliotecas Universitárias da Unesp, trabalhando com o tipo de catalogação cooperativa. Nessa catalogação, é possível compartilhar registros com todas as bibliotecas que fazem parte da rede.

Como um modo de simplificar, para ficar mais fácil o entendimento dos nomes das bibliotecas a que se refere, durante a análise, as bibliotecas receberam as letras A, B e C. O uso das siglas ocorreu devido à necessidade de manter o anonimato das bibliotecas.

A rede de bibliotecas desenvolveu, nos últimos dez anos, uma política de indexação e implantou uma linguagem de indexação, criando o Tesauro Unesp. A elaboração da política deu origem ao “Manual de política de indexação para as bibliotecas universitárias da Unesp” (FUJITA, 2017, p. 22), que define as diretrizes que o bibliotecário deve seguir, no processo de catalogação e de indexação. Com base no Manual de Indexação, foi elaborada uma linguagem de indexação, sendo possível estabelecer um padrão para os catalogadores seguirem e usarem um vocabulário controlado, diminuindo os problemas na busca e recuperação de informações no catálogo *online*.

Apesar de as bibliotecas fazerem parte de uma mesma rede e serem semelhantes, cada uma possui suas próprias especificidades. Cada biblioteca analisada é voltada para uma área específica, por isso, acaba lidando com o tratamento da informação de diferentes maneiras, embora todas utilizem a mesma linguagem de indexação e a mesma política.

Com a análise, verificou-se que os usuários de cada biblioteca utilizam e consultam o catálogo, de formas diferentes. Os usuários da biblioteca do ICT apresentam, segundo a catalogadora, maior autonomia na busca, chegando à biblioteca com as informações que já desejam procurar. Nas outras duas bibliotecas, os usuários precisam de mais ajuda para encontrar o que desejam, chegando mesmo ao ponto de não saberem o que procuram.

Todas as bibliotecas possuem catalogadores formados na profissão e que receberam capacitações e treinamentos e atualizações, quando necessário. Assim, estão aptos a exercer a função no cargo no qual estão.

As catalogadoras das bibliotecas A e C têm a função específica de catalogar livros, enquanto a catalogadora da biblioteca B é supervisora da seção e responsável por revisar os registros feitos pelos outros catalogadores.

5.1 Resultados e discussão da aplicação do Protocolo Verbal

Com as transcrições, pôde-se proceder a uma análise, mediante a aplicação das categorias de análise. As transcrições completas dos Protocolos Verbais estão nos Apêndices C, E e G. Por sua vez, as transcrições das entrevistas também estão completas nos apêndices D, F e H. Nas análises dos dados, foram utilizadas as transcrições das entrevistas retrospectivas, como forma de complementar as análises das transcrições geradas pelos Protocolos Verbais, a fim de esclarecer pontos importantes.

Com as categorias previamente determinadas, conforme Quadro 4, foi possível realizar a análise das transcrições e verificar como os catalogadores concretizam o processo de indexação, dentro das bibliotecas universitárias, observando, especificamente, o uso da linguagem de indexação e outros aspectos essenciais para a indexação do livro.

<p>Categoria 1 - Análise e exploração do livro para identificação de conceitos (Leitura Documentária)</p>
--

O uso de procedimentos nessa categoria está relacionado com a leitura documentária, processo em que o catalogador analisa o livro, com a finalidade de encontrar termos que representam o assunto do livro da melhor maneira possível. Esse tipo de informação é normalmente encontrado nas partes internas e externas, pré-textuais e textuais, como a capa, a folha de rosto, o prefácio, o sumário, a introdução, a orelha do livro, a contracapa e outros lugares que o catalogador julgar necessário examinar. Para análise dos dados, foram empregados trechos das coletas de dados do PV.

O Quadro 6 apresenta trechos transcritos de três coletas de dados aplicadas nas bibliotecas universitárias da Rede Unesp. Os assuntos desses trechos são relacionados ao momento em que o catalogador analisa e explora o livro, com o intuito de encontrar o seu assunto.

Quadro 6: Trechos das transcrições da Categoria 1 – Análise e exploração do livro para identificação de conceitos (Leitura Documentária)

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (UNESP)	TRECHOS DA TRANSCRIÇÃO DAS COLETAS DE DADOS DO PV
Biblioteca A	<p><i>[...] então, eu já vi aqui tanto pelo nome da autora quanto pelas informações que tem aqui na orelha, onde ela vive e em que língua ela escreve.</i></p> <p><i>[...] tanto de acordo com o que está escrito aqui na primeira orelha, a história principal ... [...]</i></p> <p><i>[...] na capa ele tem um extrato muito pequeno, deixa eu dar uma olhadinha e ver o primeiro capítulo pra ver se eu consigo ter mais informações a respeito.</i></p> <p><i>[...] eu aplico sim o que a gente aprendeu ou que a gente é instruído a fazer que é a leitura técnica. Tem livros que ajudam e tem livros que não. Esse aqui, por exemplo, ele ajuda em certo sentido, porque o primeiro capítulo é bem pequeno, você consegue ali bater o olho e ler, mas tem uns que as coisas são muito escondidas. Aqui tem a facilidade de na orelha falar quem é a autora, onde ela vive, o que é o trabalho dela, o que ela lançou, o que ela não lançou, tem um pequeno resumo aqui nessa primeira orelha, mas quando o livro em si não ajuda muito, a saída que a gente tem é ir pra internet e procurar em sites de resenha, na Amazon, Livraria Cultura, porque é do interesse deles que as pessoas saibam a história do livro.</i></p>
Biblioteca B	<p><i>Tô olhando as informações do livro: autor, título {som de folha sendo passada, a editora, o ano, essa é uma terceira edição, segunda reimpressão desse material, então geralmente, eu faço primeiro a parte técnica, vamos dizer assim, a parte mais específica [...]</i></p> <p><i>O nome da página de rosto está escrito de um jeito e aqui atrás está escrito de outro, mas, de qualquer forma, é essa autora aqui.</i></p> <p><i>Eu tenho a informação tanto na capa quanto na ficha catalográfica que essa é uma terceira edição.</i></p> <p><i>Então ele tem filósofo por filósofo, eu vejo por um sumário, vários filósofos começando na Grécia Antiga. [...]</i></p>
Biblioteca C	<p><i>A princípio a gente olha na folha de rosto, eu olho a folha de rosto, no título, nos livros que tem ficha catalográfica eu costumo dar uma olhada, mas a gente nem sempre pode confiar, porque, às vezes, as fichas são totalmente diferentes do que devia ser. O sumário é uma parte que eu olho para ver os assuntos que são tratados. Nesse aqui não tem sumário. Esse aqui é bem antiquinho, é, tem um prefácio, então, no lugar do sumário eu olharia o prefácio falando, vendo sobre o que trata o livro.</i></p> <p><i>Se não fosse suficiente, eu poderia dar uma olhada nos capítulos, nos títulos dos capítulos. Então, tô vendo aqui que trata na primeira página.</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora

No Quadro 6, a catalogadora da biblioteca A fez a catalogação e a indexação de um livro de literatura de ficção, intitulado “A retornada”, de Donatella Pietrantonio. Esse tipo de literatura não é tão comum em bibliotecas universitárias, pois o seu acervo possui

literatura especializada, devido aos cursos das universidades e às necessidades dos usuários, professores e pesquisadores. Mesmo assim, há bibliotecas que reúnem um pequeno acervo reservado para a literatura de ficção; geralmente, as bibliotecas que possuem os cursos de Letras possuem um acervo mais vasto em literatura de ficção, em razão dos estudos acadêmicos envolvendo os livros. Para encontrar as informações a catalogadora consultou, primeiramente, a orelha do livro, pois, dependendo do livro, isso poderia facilitar para encontrar a informação. Ela olhou a capa e a primeira folha, que deu a entender se tratar da folha de rosto. Nesse caso, ela achou necessário consultar o primeiro capítulo, pois era curto, mas disse que há livros que não ajudam nesse aspecto. Ela comentou que se considerava uma leitora “voraz”, por ter o hábito de ler muito, e que isso a ajudava na hora de encontrar a informação no livro. Ela consegue saber onde localizar.

Por fim, quando não é possível encontrar essas informações no livro, ela recorre à internet. Quando a catalogadora fala em leitura técnica, ela está se referindo à leitura documentária, momento em que são aplicadas estratégias de leituras armazenadas na memória do catalogador, auxiliando na interpretação e compreensão do texto (CINTRA, 1987, p. 30). A catalogadora procurou as informações em partes do livro, as quais, segundo Cavalcanti (1978, p. 53), são consideradas essenciais para decifrar o seu assunto, como informações colocadas na folha de rosto, a exemplo de título e autor. Para ter certeza do assunto, a catalogadora foi mais a fundo, lendo o primeiro capítulo.

A catalogadora da biblioteca B realizou a catalogação do livro “50 grandes filósofos: da Grécia Antiga ao século XX”, de Diane Collisson, um livro específico da área de Filosofia. Para efetivar o processo, foi consultada a folha de rosto, a capa e a contracapa do livro. A catalogadora analisou o sumário, que era dividido pelos nomes dos filósofos e, nesse caso, não era tão essencial para essa catalogação. Devido à falta de informações sobre a autora e sobre o livro, incluindo sinopse e resumo, foi necessário consultar a internet, especificamente, o *site* da editora e outras bases de dados, como a LC e a BN.

Na biblioteca C, a catalogadora fez a catalogação do livro “Manual da cultura do tomate”, de Euclides Biggi, uma obra específica da área de Agronomia. A catalogadora consultou a folha de rosto, a ficha catalográfica (mas ressaltou a falta de confiabilidade dela) e o sumário. Nesse caso, havia o prefácio e, por isso, este foi consultado. Ela alega que, se não fosse suficiente, consultaria os capítulos e títulos dos capítulos.

Todas as catalogadoras procuraram as informações em locais do livro essenciais e importantes. Os lugares onde a catalogadora da biblioteca A e C encontraram as informações condizem com a primeira etapa da análise, no processo de indexação (VAN SLYPE, 1977; CHAUMIER, 1988; FUJITA, 2007; 2013; LANCASTER, 2004; RUBI, 2017), quando é realizada a análise, através da leitura documentária, ensejando que ela encontrasse os assuntos que irão representar melhor o conteúdo do livro. Essa etapa é essencial, porque, se o catalogador não prestar atenção ou se descuidar, não há como encontrar as informações necessárias, acarretando problemas para representar o livro.

Infelizmente, o livro empregado pela catalogadora da biblioteca B não apresentava informações suficientes sobre a autora e a sinopse para realizar a análise adequadamente. Por isso, ela recorreu à internet para a consulta. Depois de procurar nas bases de dados da BN e da LC, ela precisou consultar a editora do livro, sendo que esse foi o suficiente para conseguir analisar. Cavalcanti (1978, p. 53) explica que, dependendo do livro e das informações disponibilizadas nele, será preciso que ele seja examinado com mais cuidado e atenção, sendo o que a catalogadora da biblioteca B fez, procurando em sumários, títulos de capítulos e, quando não encontrada nenhuma informação precisa, recorrendo às páginas informativas da internet.

Categoria 2 - Identificação e seleção de conceitos

A identificação e a seleção de conceitos são os resultados finais da leitura documentária. Nessa fase, o catalogador encontra as informações sobre os assuntos e escolhe aquelas que considera mais importantes, para representar o livro. Os trechos foram retirados do PV.

O Quadro 7 mostra os trechos das coletas de dados, no momento em que as catalogadoras encontram os termos e os escolhem, indicando a segunda fase do processo de indexação: a identificação e a seleção dos conceitos.

Quadro 7: Trechos das transcrições para Categoria 2 – Identificação e seleção de conceitos

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (UNESP)	TRECHOS DA TRANSCRIÇÃO DAS COLETAS DE DADOS DO PV
Biblioteca A	<p><i>[...] agora vou colocar qual é o gênero, não é teatro e não é poesia, então é uma PROSA ... ITALIANA. Deixa eu checar aqui, tudo bem que eu já sei, mas é sempre bom chegar / LITERATURA ITALIANA.</i></p> <p><i>Vamos ver se é uma obra biográfica ou se é simplesmente uma ficção. Pelas informações que tem no livro, se trata de uma ficção mesmo. Então vou colocar um 650 aqui: FICÇÃO ITALIANA.</i></p> <p><i>Então acho que eu não vou colocar LARES ADOTIVOS não, mas PAIS E FILHOS, eu acho que é um assunto interessante, sempre lembrando de colocar FICÇÃO.</i></p>
Biblioteca B	<p><i>Acho que já vou colocar FILOSOFIA. Tem FILÓSOFOS; FILÓSOFOS - ALEMANHA, não, BIOGRAFIA. Como ele não tá especificando por país e eu também não vou especificar, mas vou acrescentar que tem aspectos biográficos aqui na obra e eu vou precisar dizer o período, porque é importante e está abrangendo desde a antiguidade até agora.</i></p>
Biblioteca C	<p><i>Então, eu creio que eu posso colocar nessa descrição aqui CULTURA DO TOMATE, mas também posso colocar TOMATE - DOENÇAS E PRAGAS, que é um descritor que a gente usa no padrão, né, pra recuperar o assunto e basicamente isso.</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora

A catalogação promovida pela Biblioteca A, no Quadro 7, foi de um livro de ficção cujo assunto central era drama familiar envolvendo a adoção e a devolução de uma adolescente para a sua família biológica. A catalogadora conseguiu encontrar termos que representassem o conceito do livro, como PROSA ITALIANA, LITERATURA ITALIANA, FICÇÃO ITALIANA e PAIS E FILHOS. Na fala da catalogadora, pôde-se destacar um trecho interessante, segundo o qual, por se tratar de um livro de literatura de ficção, era preciso sempre especificar em todos os termos que se tratava de ficção, pois, por exemplo, por se referir a adoção, um usuário pode pesquisar sobre o assunto e encontrar esse livro. Se ele estivesse buscando algo envolvendo leis e direitos sobre o tema, esse livro não atenderia às suas necessidades.

Por isso, a importância em sempre deixar claro que se trata de ficção. O objetivo dessa fase é identificar e selecionar conceitos que representem a essência do documento (DIAS; NAVES, 2007, p. 9), como a catalogadora da biblioteca A fez, sendo possível realizar devido às estratégias de leituras, apontadas por Cavalcanti (1978, p. 53), mesmo assim, nesse caso, é preciso especificar o tipo de literatura o qual o assunto abarca, explicitando-se sua condição de livro ficcional.

O livro catalogado pela biblioteca B trata sobre 50 filósofos, ao longo de séculos, começando pela Grécia Antiga e chegando até o século XX, ressaltando a vida deles e os seus estudos, de forma mais abrangente. Os conceitos que a catalogadora encontrou e escolheu são adequados e sucintos para representar o livro, como FILOSOFIA e FILÓSOFOS - BIOGRAFIA. A catalogadora assinalou que, se o livro abordasse uma quantidade menor de filósofos, ela conseguiria fazer entrada de assunto para esses autores. Devido à grande quantidade abordada no livro e por não tratarem, de forma tão específica, acabou se tornando inviável fazer esse processo, de sorte que a catalogadora da biblioteca B utilizou a abordagem sistemática, nesse processo, fazendo autoquestionamentos, com o objetivo de encontrar e definir os conceitos essenciais do livro (ABNT, 1992; FUJITA, 2013).

Na catalogação implementada pela biblioteca C, o tema abordado é o cultivo do tomate, como ele é plantado e como deve ser tratado e colhido. Como já existiam outras edições do livro, na biblioteca, o a catalogadora optou por duplicar o registro e verificar os assuntos. Ela percebeu que havia necessidade de atualizar os assuntos, pois se tratava de uma catalogação anterior à implantação da linguagem de indexação. Os conceitos encontrados e escolhidos, a partir da leitura documentária, foram CULTURA DO TOMATE e TOMATE - DOENÇAS E PRAGAS. Os conceitos são básicos e adequados, conseguem explicar o tema do livro em poucas palavras. O último escolhido só foi encontrado com a leitura do prefácio. A catalogadora ressalta que prefere deixar a quantidade de termos menores que a estabelecida pelo manual, do que colocar termos que não condizem com o assunto tratado, apenas para ocupar espaço.

É necessário observar que essa decisão não condiz com a definição da política de indexação, indo contra o que foi estabelecido pela diretriz. Mai (2000, p. 270) explica que, assim como nesse caso, se um documento é representado de forma inadequada ou pobremente de termos, a sua qualidade será, da mesma maneira, deficiente, afetando e sendo decisivo na representação e recuperação da informação.

Categoria 3 - Representação de conceitos por termos (Tradução)

A fase de tradução consiste em transformar os conceitos escolhidos e retirados do livro em termos representativos. Para isso, é utilizada a linguagem de indexação estabelecida, no caso, o Tesouro Unesp. Assim, é possível obter-se um controle nos

termos atribuídos pelos bibliotecários. A análise de dados consistiu em retirar trechos do PV.

O Quadro 8 focaliza os termos escolhidos e traduzidos pelas catalogadoras, através da linguagem de indexação.

Quadro 8: Trechos das transcrições da Categoria 3 - Representação de conceitos por termos

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (UNESP)	TRECHOS DA TRANSCRIÇÃO DAS COLETAS DE DADOS DO PV
Biblioteca A	<p><i>[...] vou deixar ADOÇÃO, mas eu preciso esclarecer para o meu usuário que ADOÇÃO aqui não é, o livro não tá tratando dos processos jurídicos, de Direito.</i></p> <p><i>Deixa eu colocar um assunto geral aqui RELAÇÕES_HUMANAS, porque tem tanto a relação dela com a família anterior, com a família que a criou, como a família de sangue e que tipo de relação que foi estabelecida entre a família dela biológica e a família que levou ela e porque será que quiseram devolver a garota.</i></p> <p><i>Então, eu acho que esse último que eu vou colocar isso aqui PAIS E ADOLESCENTES pra deixar um pouco mais marcado qual a fase da vida que a garota tá passando interessante.</i></p>
Biblioteca B	<p><i>Então eu tenho 'FILOSOFIA' e o período cronológico que está abrangendo. 'FILOSOFIA - BIOGRAFIA', 'FILOSOFIA - HISTÓRIA', Bom, aqui tá o registro pronto. Ele segue as regras que a gente tem dos três assuntos. O período da filosofia, tem a parte biográfica dos autores e ele tá falando da história da filosofia. Então, esse livro aqui como é bem restrito, ele é muito específico, eu não conseguiria. Até daria pra ver assuntos mais específicos, mas eu penso que não seja o caso, porque a ideia dele não é ser específico, é ter essa visão geral que coloca no início da obra, é uma visão geral para alguém que está começando o curso de filosofia, tá começando a estudar filosofia pra ter uma visão geral de todos os filósofos principais desse período, porque é um período muito extenso.</i></p>
Biblioteca C	<p><i>O campo 650 pode ser repetido várias vezes, né. Então eu vou colocar de novo. TOMATE e o subcabecalho que é o X DOENÇAS E PRAGAS, pra confirmar se esse termo é autorizado no nosso tesouro eu vou teclar F3, ele vai aparecer lá TOMATE - DOENÇAS E PRAGAS.</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora

Pode-se perceber, no Quadro 8, que a catalogadora A fez uso da linguagem de indexação, pois um dos termos escolhidos foi PAIS E FILHOS e, com o uso do controle de vocabulário, se tornou PAIS E ADOLESCENTES. Ela ainda ressalta a questão de deixar explícito que se trata de ficção, para evitar problemas de ambiguidade.

A necessidade de se traduzir os conceitos em termos, empregando uma linguagem de indexação, está relacionada com o fato de se padronizar o vocabulário dentro de um

determinado, a fim de evitar especificidades da linguagem natural, que afetariam um catálogo *online*, principalmente na busca e recuperação de informações (SVENONIUS, 2000; CRUZ, 2019). Por isso, a catalogadora da biblioteca A enfatiza, mais de uma vez, a necessidade de se especificar que se trata de literatura ficcional.

No trecho destacado no Quadro 8 na biblioteca B, é possível perceber que a catalogadora usa a linguagem de indexação para fazer a tradução dos termos. Ela explica por que ela resolveu escolher esses termos e o que cada subcategoria da Filosofia representa, indo ao encontro do estabelecido pela linguagem de indexação, que é responsável por assegurar o controle de vocabulário de assuntos gerais e específicos (FUJITA; GIL LEIVA, 2010).

Na biblioteca C, a catalogadora se vale de termos escolhidos iguais aos que foram traduzidos pela linguagem de indexação, coincidindo com os termos autorizados para uso pelo vocabulário controlado. No entanto, ela optou por deixar com um termo a menos, em vez de colocar um termo que não condiz com o assunto principal do livro, indo contra a diretriz definida pela política de indexação e contra o apresentado por Cavalcanti (1978, p. 53), para quem é necessário examinar o livro com mais atenção, cuidado, recorrendo a outros meios para encontrar informações. A falta de termos representativos adequados pode gerar uma indexação deficiente, afetando tanto a representação quanto a recuperação da informação (MAI, 2000, p. 270).

A etapa de tradução consiste em verificar se os conceitos selecionados possuem termos iguais aos autorizados em uma linguagem de indexação, no caso, o tesouro, para uso na indexação. Caso não estejam autorizados, é necessário que o catalogador use termos autorizados equivalentes e similares aos conceitos escolhidos. As catalogadoras conseguiram realizar esse processo de tradução, utilizando a linguagem para deixar mais adequado para a representação. Mesmo assim, houve algumas ações que podem prejudicar o processo de indexação, durante a busca e a recuperação da informação. Por isso, é necessário seguir a diretriz estabelecida pela política de indexação e fazer uso da linguagem de indexação, de modo a padronizar e resolver problemas de subjetividade e inconsistências encontrados na busca e recuperação das informações (FUJITA, 2003; DIAS; NAVES, 2007).

Categoria 4 - Uso da linguagem de indexação

No uso da linguagem de indexação possui como intuito de realizar a tradução dos conceitos em termos representativos. Para poder realizar essa conversão é necessário utilizar um instrumento auxiliar, como a linguagem de indexação.

A rede de bibliotecas da Unesp passou por uma reformulação, nos últimos dez anos. Foi elaborada uma política de indexação e estabelecida uma linguagem de indexação. Antes, as bibliotecas empregavam os registros do *Bibliodata*, no qual cooperavam. Depois da implantação da política de indexação, as bibliotecas passaram a ser apenas cooperativas entre elas e principiaram a construir o Tesouro Unesp.

Por isso, essa categoria é dividida em antes e depois da implantação do Tesouro Unesp, para visualizar as mudanças ocorridas com a definição da política e da linguagem de indexação.

Categoria 4.1 - Antes da implantação da linguagem de indexação

Para analisar os dados, foram usados trechos das transcrições retiradas das entrevistas retrospectivas, usada para complementar o Protocolo Verbal.

O Quadro 9 apresenta trechos, retirados da ER, de como era a indexação e a linguagem de indexação, quando a rede de bibliotecas da Unesp usava o *Bibliodata*.

Quadro 9: Trechos das transcrições para a Categoria 4.1 sobre o processo de indexação antes da implantação da linguagem de indexação

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (UNESP)	TRECHOS DA TRANSCRIÇÃO DAS COLETAS DE DADOS DO ER
Biblioteca A	<i>Quando eu cheguei aqui, o que a gente era instruído a fazer: como a gente operava com Bibliodata tanto na questão de importar os registros, a linguagem que a gente utilizava era a do Bibliodata só que aí tinha sempre aquela exceçãozinha, aquela saidinha e qual era: AH, quando não existir, você coloca um campo 690 e aí nesse campo 690, você escrevia o que vinha a cabeça. A instrução era assim como a maioria dos termos que a gente usa, claro, tem termos que não tem como você restringir a uma palavra só, tem coisa ali que são expressões, mas começou a chegar em um ponto que as pessoas escreviam frases no 690.</i>
Biblioteca B	<i>Nós tínhamos muitos registros com assuntos repetidos e isso eu tenho visto agora que eu faço correção de registros de autoridade, às vezes a gente vai corrigir um registro e ele tem, é o mesmo termo com nome diferente ou, às vezes, o mesmo nome com a diferença de plural ou singular, então ele ficava muito repetido.</i>

<p>Biblioteca da FCA</p>	<p><i>Quando ele tava sendo formado, a gente não tinha essa autonomia de criar os termos, nós tínhamos que submeter esse termo a análise pelo grupo de catalogação, falar mais ou menos de onde que a gente tirou, qual que é a obra que apresentou esse assunto. Eles consultavam a LC {Library of Congress} e outros tesouros, tesouro da USP {VOCAUSP}, porque o nosso {tesouro} foi baseado no da USP, né, e aí eles aprovavam esse termo pra que eu usasse.</i></p> <p><i>E o problema que eu vejo são essas outras catalogações mais antigas que, na verdade, teriam que ser revisadas, né, porque tem muito catalogação com o campo 640, que não era autorizado e as pessoas colocavam frases.</i></p>
---------------------------------	---

Fonte: Elaborado pela autora

No Quadro 9, na Biblioteca A, a catalogadora alegou que havia um campo que era usado livremente para colocar termos que não faziam parte do vocabulário controlado. Porém, chegou-se a um determinado momento, quando tudo saiu de controle e os catalogadores começaram a usar o campo para escrever frases, ao invés dos termos representativos. A catalogadora C relatou o mesmo problema e a falta de autonomia para poder criar um termo novo. Ainda existem registros antigos, da época em que se utilizava o *Bibliodata* e que ainda não foram arrumados. Mesmo sendo difícil se saber, por haver muitos registros, a falta de atualização desses registros antigos pode estar gerando problemas para o usuário, na busca e recuperação da informação. A catalogadora B abordou a repetitividade dos termos, nos registros, como sinônimos e palavras no singular e no plural.

Os problemas elencados pelas catalogadoras são oriundos da linguagem natural e ocorrem devido à falta de controle de vocabulário. Apesar de esse tipo de linguagem possibilitar uma aproximação mais fidedigna, há muitas especificidades que afetam a qualidade da indexação e o desempenho do catálogo *online*. Por isso, existe a necessidade de se adotar uma linguagem de indexação, pois esta permite realizar mudanças e alterações na terminologia, fazendo gerar uma consistência na linguagem e garantindo a qualidade da indexação (ABNT, 1992).

A escolha de uma linguagem de indexação, o desenvolvimento e a elaboração de um sistema conciso e adequado, em conjunto com um catalogador capacitado, são importantes para a biblioteca, porque asseguram o controle do vocabulário de assuntos gerais e assuntos específicos, evitando a ambiguidade e outros problemas subjetivos relacionados à representação e à recuperação da informação (NOVELLINO, 1998; FUJITA; GIL LEIVA, 2010).

Categoria 4.2 - Depois da implantação da linguagem de indexação
--

O Quadro 10 reúne trechos sobre a opinião das catalogadoras, depois da implantação da linguagem de indexação.

Quadro 10: Trechos das transcrições para a Categoria 4.2 sobre o processo de indexação depois da implantação da linguagem de indexação

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (UNESP)	TRECHOS DA TRANSCRIÇÃO DAS COLETAS DE DADOS DO PV
Biblioteca A	<p><i>E outra coisa muito boa foi a questão de colocar, que a gente precisa colocar pelo menos três assuntos, que você precisa tentar buscar um certo nível de especificidade.</i></p> <p><i>Um outro ganho que a gente teve, por exemplo, nessa questão de fazer livros de literatura/é claro, é importante você conseguir dizer pro seu usuário se a literatura é italiana, se ela é brasileira ou inglesa, mas às vezes conseguir dar um pouco mais de informação, porque às vezes ele não sabe que livro ele quer ler, ele não vem aqui com o nome do livro em si, porque quando ele vem com o nome do livro é simples, ele procura e vai lá. Ele quer ter uma ideia e as vezes tem coisas que são obras clássicas e isso todo mundo conhece, mas livros muito novos, é lançado tanta coisa o tempo todo, então a gente tentar dar esse gostinho né, mas sempre apontando pra ele que aquilo ali é ficção, porque se a gente não coloca essa subdivisão pode cair na pesquisa de uma pessoa que tá procurando aquilo como assunto acadêmico e no momento pode ser que não seja interessante para a pesquisa dele. Ele precisasse mesmo do conteúdo acadêmico.</i></p> <p><i>Então foi um ganho muito grande tanto pra gente essa padronização como pros alunos e agora ainda mais com a disponibilização do tesouro né pra eles conseguirem começar a descobrir isso, porque também não adianta só a gente fazer e ficar com isso guardado só pra gente e eles continuarem usando o que vier na cabeça.</i></p>
Biblioteca B	<p><i>Eu acho que melhorou pro catalogador pra que ele consiga ter assuntos na base, porque às vezes eu tô procurando um assunto que eu não, sei lá, eu não sei muito bem se tem aquele assunto ou não tem, então eu vou pra base de autoridade, pra busca e pesquisa. E talvez aquele termo que tô procurando em si não exista, mas ele traz outros resultados. Então dentro dos resultados eu posso ver outros itens que se enquadram dentro do que eu tô procurando, então eu tenho mais possibilidades.</i></p> <p><i>Eu acho que nossa linguagem tá bem rústica, pra dizer o mínimo, tá bem precária ainda, eu acho ainda que a gente precisa de muita coisa, mas ela tá melhor do que tava antes, por exemplo.</i></p>
Biblioteca C	<p><i>A gente tem autonomia pra criar, então facilitou bastante, porque apareceu um assunto novo, eu tenho como inserir ele no tesouro. Vou salvar o registro e continuar. Então basicamente da catalogação e da atribuição de assunto {indexação}, seria dessa forma.</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora

A catalogadora da biblioteca A, no Quadro 10), alegou que a linguagem permitiu dar mais informações para os usuários sobre os livros de ficção. Acrescentou que a padronização foi uma conquista e, principalmente, a sua disponibilização para o usuário, indo de acordo com os seus propósitos estabelecidos pela norma ANSI/NISO z39.19 (2010, p. 11): realizar a tradução, a partir da linguagem natural, com o intuito de melhorar a indexação; indicar o relacionamento entre os descritores; uniformizar os formatos e a atribuição dos descritores, gerando consistências; fornecer hierarquias consistentes, para ajudar os usuários a localizar o conteúdo; e auxiliar o usuário a encontrar a informação, durante a recuperação, no catálogo *online*.

Em contrapartida, a catalogadora C alegou que os usuários, principalmente os que têm que fazer a ficha catalográfica e consultar o tesouro, possuem muitas dificuldades e não conseguem entender o seu funcionamento, necessitando de auxílio constante da biblioteca, podendo ser sanado com disponibilização de minicursos e capacitações para os alunos. Ela ressaltou a importância de as bibliotecárias passarem a ter autonomia, no processo de criar um termo novo para a linguagem de indexação.

A catalogadora B frisou que a linguagem é importante, porque, mesmo sem ter um conhecimento prévio do assunto, quando os termos são pesquisados, a própria base apresenta outros termos relacionados, ajudando o catalogador. Mesmo assim, ela aponta falhas que precisam sanadas, como o fato de a linguagem ser considerada rústica: ainda precisa ser desenvolvida mais, mas, de todo modo, ela afirma que, desde que foi implantada, melhorou. Ménard (2010) explica que a linguagem de indexação pode apresentar fragilidades, devido à cobertura artificial dos termos, em um determinado assunto, prejudicando a recuperação. Esse empecilho pode ocorrer, em virtude da falta de atualização do vocabulário controlado, por causa da evolução tecnológica, quando se tornam obsoletos mais rapidamente.

Mesmo com ressalvas quanto à linguagem de indexação, todas as catalogadoras enfatizaram que o sistema melhorou. Ainda é necessário aperfeiçoar e atualizar os detalhes, contudo, a qualidade da busca e recuperação da informação aumentou, os serviços dos bibliotecários melhoraram, condizendo com a importância que a qualidade de uma indexação possui, para a biblioteca, a qual somente é possível, segundo a UNISIST (1981), através de uma boa qualificação do catalogador e de um instrumento de indexação adequado e conciso, utilizado por ele. Dessa forma, a linguagem de indexação é considerada um componente-chave para os catálogos *online*, sendo um

contexto associado a informações complexas e de alta qualidade (VÁLLEZ *et al.*, 2015; GOLUB *et al.*, 2020).

Categoria 5 - Uso do manual de indexação e da política de indexação

A linguagem de indexação só consegue ser desenvolvida em função do estabelecimento de uma política de indexação bem definida. A política de indexação gera um manual de indexação, de sorte que o bibliotecário irá seguir as instruções nele definidas, no processo de indexação. Para realizar a análise dos dados, foram utilizados os trechos coletados das transcrições do PV e do ER.

No Quadro 11, são apresentados trechos transcritos do PV e do ER sobre o uso do manual de indexação e da política, observando como cada biblioteca os utilizam.

Quadro 11: Trechos das transcrições da Categoria 5 sobre o uso do manual de indexação e da política de indexação

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (UNESP)	TRECHOS DA TRANSCRIÇÃO DAS COLETAS DE DADOS DO PV E DO ER
Biblioteca A	<i>Olha, por mais que a gente faça isso durante, dependendo de épocas quando a gente recebe doações grandes ou compras ou a gente faça durante muito tempo, sempre tem aquela duvidazinha. Então, o que que a gente faz, os manuais estão sempre do lado na mesa, porque é tanta coisa e aí junta com o MARC e aí você lembra disso, lembra daquilo [...] – TRECHO DA TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA RETROSPECTIVA</i>
Biblioteca B	<i>Eu não tô com o padrão e eu não lembro o padrão pra colocar a data nesse campo de assunto. Deixa eu fazer umas buscas aqui pra ver o que eu acho. [...]” Então, o padrão a gente acaba decorando. – TRECHO DA TRANSCRIÇÃO DO PROTOCOLO VERBAL</i>
Biblioteca C	<i>É, o tesouro a gente consulta no dia a dia, né. Você insere o termo no campo, aperta o F3 e aí ele vai apresentar o que faz parte e o que não faz parte. Então é constante, né, e o que existe e o que não existe. Então, se não existe aquele termo, então eu sei que eu preciso criar pra poder indexar aquela obra. O manual ele é bem extenso, não sei se você já teve acesso, é que a gente vai sendo atropelado pela rotina, né, agora a gente tá em tele trabalho, trabalhando de casa, mas assim seria o momento de repassar e ver se realmente tem alguma coisa que pudesse ser melhorada ou atualizada, mas de uma forma geral a gente trabalha com a rede e o grupo de catalogação que são bibliotecários escolhidos de algumas unidades, eu não faço parte, mas a gente tem um canal direto de comunicação com esse grupo. – TRECHO DA TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA RETROSPECTIVA</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Foi perguntado para as catalogadoras, na entrevista retrospectiva, após a aplicação da coleta de dados, sobre o uso e a consulta do manual. Segundo o Quadro 11, a

catalogadora da biblioteca A ressaltou que consulta sempre que necessário, devido à grande quantidade de procedimentos para se lembrar – e o estava consultando, durante a coleta de dados.

A catalogadora da biblioteca B alegou que, pelo hábito de fazer o mesmo processo todos os dias, o padrão acaba sendo decorado. Contudo, durante o procedimento, a catalogadora reconheceu que esqueceu o padrão e que não o tinha ali, para consulta. A catalogadora desenvolve a função de supervisora, quase não fazendo mais registros desse tipo. Mesmo assim, essa ação não pode ser considerada justificável, visto que o manual de indexação está disponível para consulta de qualquer pessoa no *site* da Unesp. O livro indexado por ela não apresentava todas as informações essenciais, sendo necessário recorrer às páginas da internet, para se informar; mesmo assim, houve dificuldades em realizar esse procedimento.

A catalogadora da biblioteca C ressaltou que o tesouro é constantemente consultado, no dia a dia, porque é como eles verificam se o termo possui autorização para a sua utilização, na representação do livro. Quanto ao manual, foi apontado que ele é extenso e ela deu a entender que, às vezes, por causa da correria da rotina, não tem como consultá-lo. A catalogadora abordou um ponto relevante, o qual seria o momento de repassar o manual e verificar possíveis atualizações e melhorias, contando-se com o grupo de linguagem da Unesp, responsável pelo desenvolvimento e atualização da linguagem, para resolver isso. Ménard (2010) aborda esse tema, explicando que problemas podem ocorrer, se não for feita a atualização da linguagem de indexação; é necessário efetuar a avaliação periódica, observando a inclusão de novos termos que cubram totalmente o conceito encontrado, incluindo neologismos, pois, sem isso, o desempenho do sistema pode ser afetado, prejudicando a representação e a recuperação da informação.

A partir dos trechos apresentados no Quadro 11, ficou nítido que é importante fazer uso e consultar o manual de política de indexação, ainda que seja apenas para tirar dúvidas ou para recordar os procedimentos, porque é o que define as diretrizes para guiar a catalogadora, no momento de tomar decisões e tirar dúvidas, influenciando diretamente o seu trabalho, desde a leitura documentária até a última fase do processo de indexação. O uso do manual de indexação possibilita a formação de novos indexadores, da mesma forma que é considerado importante para a formação contínua de indexadores já experientes (TARTAROTTI, 2014, p. 59).

Categoria 6 - Uso de bases de dados e outros vocabulários controlados
--

A linguagem de indexação está constantemente em crescimento, sempre criando novos termos e atualizando o vocabulário. Mesmo assim, às vezes, pode acontecer de não haver o termo pesquisado e, por isso, torna-se necessário consultar outras bases de dados e verificar como outras bibliotecas estão usando o vocabulário controlado.

Na categoria 6 (Quadro 12), foi analisada a consulta em outras bases de dados e vocabulários controlados, com base nas transcrições do PV e do ER, pois a linguagem da indexação precisa ser alimentada para crescer, e nem sempre existem os termos de que o catalogador e o usuário precisam. Por isso, é instruído sempre consultar outras bases de dados.

Quadro 12: Trechos das transcrições da Categoria 6 sobre o uso de base de dados e outros vocabulários controlados

BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS (UNESP)	TRECHOS DA TRANSCRIÇÃO DAS COLETAS DE DADOS DO PV E DO ER
Biblioteca A	<i>A gente vai lá a Biblioteca Nacional pra ver, pra tirar dúvidas, às vezes, uma coisa que a gente olha, mas assim, só pra dar um norte, porque tem muitas que não servem pra muita coisa não. Já peguei muita ficha errada. E sempre dou uma olhadinha na ficha catalográfica, por exemplo, e nos livros de literatura costumam ser bem pobre.</i>
Biblioteca B	<i>E depois eu olho na internet pra ver se tem alguma coisa que passou batido, talvez, provavelmente, por falta de conhecimento. [...] vou pesquisar na base da LC [...] [...] nossa essa pessoa não existe aqui, nem na Biblioteca dos Estados Unidos. BN {a catalogadora abre a aba da internet e digita o endereço da Biblioteca Nacional}, vou pesquisar se ela existe na BN pra eu poder importar o registro. Se eles não tiverem eu vou fazer a catalogação original. [...]</i>
Biblioteca C	<i>Então quando eu vou criar um termo que não existe, eu vou pesquisar na LC, na Biblioteca Nacional, eu costumo consultar até outras bibliotecas de Agronomia da USP, da Unicamp, de Lavras. Procuro as bibliotecas universitárias públicas ou, até mesmo, as privadas pra ver se dão uma ideia de um termo que é mais usado, enfim, eu costumo consultar. Aliás, nós temos orientação pra consultar a LC e da Biblioteca Nacional também. E depois que o Bibiodata deixou de cooperar, então a gente tem essas outras fontes pra criar esses assuntos autorizados.</i>

Fonte: Elaborado pela autora

A catalogadora da biblioteca A, no Quadro 12, declarou que consulta a Biblioteca Nacional (BN), para ter um norte no assunto da catalogação, porque já aconteceu de encontrar ficha catalográfica com erros. A catalogadora da biblioteca B consultou a BN também e a LC, visto que não conseguia encontrar informações de que necessitava, sobre

a autora do livro e sobre o livro. Infelizmente, nenhum desses dois possuíam as informações precisas e ela acabou consultando a editora do livro. Por sua vez, a catalogadora da biblioteca C consulta diversas bases de dados, algumas voltadas para a área de Agronomia, mas, basicamente, são consultadas a BN, a LC, a Unicamp, a biblioteca de Lavras e bibliotecas particulares.

A necessidade de consultar outras bases de dados parte da possibilidade em visualizar como as outras linguagens tratam de um assunto determinado, servindo para se informar e empregar como complemento a própria linguagem utilizada. A combinação do uso de outras linguagens também favorece a visibilidade da área do conhecimento em ambientes internacionais, sendo relevante para que ocorra também a divulgação da literatura científica produzida no Brasil (FUJITA *et al.*, 2018).

Os resultados analisados permitiram fazer observações. Todas as catalogadoras alegam que a elaboração de uma política de indexação e a implantação de uma linguagem de indexação melhoraram os seus trabalhos e do sistema da biblioteca. De acordo com as três catalogadoras, o desenvolvimento da linguagem possibilitou a diminuição dos problemas, na representação dos livros e na recuperação das informações. Mesmo assim, a catalogadora da biblioteca B demonstrou certas preocupações com o futuro da rede, sobretudo com a linguagem (Apêndice F).

A preocupação com o futuro da linguagem de indexação, conforme a catalogadora da biblioteca B, está relacionada à elaboração da Taxonomia das áreas do conhecimento da Unesp, a qual está sendo feita pelo Grupo de Linguagem da Unesp, devido ao alto grau de complexidade no seu desenvolvimento e abarcamento de todas áreas do conhecimento. Estão sendo adotados os procedimentos da estrutura hierárquica do Tesouro Unesp, com a *Classification Web* da *Libray of Congress Subject Headings* (LCSH), a macroestrutura do Vocabulário da USP e a estrutura hierárquica da Terminologia de Assuntos da Biblioteca Nacional, para compatibilização de uso colaborativo para elaboração, manutenção e uso da linguagem de indexação para os catálogos *online* de bibliotecas (FUJITA *et al.*, s. d.).

A catalogadora da biblioteca C expressou preocupação quanto aos registros que ainda não foram corrigidos. É necessário contextualizar que, quando a linguagem foi implantada, havia milhares de registros já prontos. Apesar disso, a linguagem foi implantada sem corrigir esses registros, devido à inviabilidade, por causa da grande quantidade (Apêndice H). Depois que a linguagem foi implantada, os catalogadores têm

atualizado os registros antigos, conforme vão se deparando com eles. Porém, é importante ressaltar que esse processo pode gerar um problema, no sentido de que o usuário pode precisar de um livro que já está no acervo, e o catalogador pode nunca voltar a se deparar com esse. Por causa da falta de atualização, o usuário pode não conseguir encontrar a informação, principalmente se for de um livro com a catalogação antiga.

Ao tratar de bibliotecas que fazem parte de um mesmo sistema, pode-se notar que existem diferenças na forma como a indexação é realizada, especialmente nos detalhes dos processos, sendo mais perceptível quando colocadas uma ao lado da outra, para serem analisadas. Apesar de compartilharem os mesmos registros, podem ocorrer ocasiões em que as experiências do próprio indexador e o contexto em que ela se encontra influenciará o processo de indexação, sendo possível perceber que existem diversas variáveis que afetam esse processo.

Ao longo dos anos, alguns autores estudaram como o processo de indexação é feito em diferentes bibliotecas universitárias, ao redor do mundo, trabalhos nos quais é possível, assim como neste estudo, observar as variáveis que influenciam a representação e a recuperação das informações.

Ménard (2010, p. 436, tradução nossa), por exemplo, desenvolveu um estudo sobre a comparação entre dois vocabulários de indexação, sendo um controlado e outro não controlado, na recuperação de imagens. Chegou à conclusão de que eles são inerentemente diferentes um do outro. Ela levanta a hipótese de que, dependendo das circunstâncias, as duas abordagens podem coexistir, beneficiando-se do uso combinado de vocabulários e utilizando uma indexação colaborativa, por parte dos usuários e dos pesquisadores no assunto, de maneira a ressaltar que a linguagem não controlada não deve ser considerada como uma alternativa ou solução para substituir a linguagem controlada.

Mas, tratando-se da biblioteca universitária, especificamente, esse processo é mais complexo, porque, diferentemente da *web*, possui um vínculo com uma instituição que atende alunos, professores, funcionários, pesquisadores e, às vezes, a comunidade local, influenciando diretamente na formação profissional e acadêmica. Cruz, Fujita e Santos (2017, p. 222) constataram que existe necessidade de as bibliotecas investirem na construção de uma linguagem de indexação própria. Fujita *et al.* (2019, 219) desenvolveu um trabalho sobre o uso da linguagem de indexação em bibliotecas, no qual apontou a existência da falta de compreensão dos profissionais que realizam a mediação da linguagem de

indexação, na representação da informação, sublinhando também a necessidade de investimento em *softwares* de gestão e manutenção para o uso da linguagem.

Golub *et al.* (2020, p. 1210-1211) mostraram que os objetivos bibliográficos estabelecidos para se garantir o acesso do assunto, em artigo de periódicos em humanidades, não são suportados pela universidade e nem pela *Scopus*. Foi observado que as políticas de indexação, nos dois serviços, parecem não atender às necessidades acadêmicas de humanidades, na busca por termos na indexação de assunto, questão evidenciada pela falta de vocabulário controlado. Foi concluído que existem problemas relacionados à atribuição de termos do vocabulário controlado, em virtude da falta de treinamento dos autores, sugerindo orientações e treinamentos.

East (2007) observou que não havia vocabulário controlado para a área de humanidades, em dez bases de dados internacionais, e, quando existiam alguns artigos que utilizavam termos de linguagem de indexação, eram de vocabulário controlado de outras áreas, como EMTREE; MeSH e GEOBASE.

Ao longo dos anos, foram desenvolvidos diversos trabalhos, em diferentes países, estudando o uso da linguagem de indexação pelas bibliotecas universitárias, repositórios digitais que fazem parte de bibliotecas universitárias e bases de dados nacionais e internacionais. Cada um deles apresentou uma variável diferente, que influencia diretamente a representação e a recuperação da informação, afetando a qualidade da indexação: o *software* utilizado, já que é necessário ter um sistema de qualidade para suportar a linguagem de indexação (CRUZ; FUJITA; SANTOS, 2017, p. 222; GOLUB *et al.*, 2020, p. 1210-1211); o **indexador**, pelo qual toda a sua experiência de vida pode influir nas escolhas feitas, durante o processo de indexação (TARTAROTTI, 2014, p. 225; FUJITA *et al.*, 2019, p. 219; GOLUB *et al.*, 2020, p. 1210-1211); a **linguagem de indexação e linguagem natural**, porque é necessário elaborar uma linguagem que controle o vocabulário, a fim de amenizar problemas ocasionados pelos fenômenos presentes na linguagem (EAST, 2007; MÉNARD, 2010, p. 436; CRUZ; FUJITA; SANTOS, 2017, p. 222; SUNNY; ANGADI, 2017; FUJITA *et al.*, 2019, p. 219; GOLUB *et al.*, 2020, p. 1210-1211), e a **política de indexação**, que define como deve ser feito o processo de indexação e a escolha da linguagem de indexação (CRUZ; FUJITA; SANTOS, 2017, p. 222; FUJITA *et al.*, 2019, p. 219).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos resultados obtidos através das coletas de dados, foi possível chegar a algumas considerações sobre o uso da linguagem pelos catalogadores, durante o processo de indexação.

O desenvolvimento da fundamentação teórica, com base no levantamento da literatura, e a análise dos resultados permitiram retomar os objetivos propostos, que envolviam desde realizar um estudo teórico sobre a temática da linguagem de indexação utilizada pelas bibliotecas universitárias, a fase empírica, que consistiu em observar e analisar os procedimentos e dificuldades do uso da linguagem, durante o processo de indexação de livro, até gerar a possibilidade de elaborar recomendações, com o intuito de melhorar o processo, para os catalogadores.

A pesquisa promovida nas bases de dados nacionais e internacionais escolhidas e que compuseram a fundamentação teórica do estudo atingiu resultados discrepantes, na recuperação dos trabalhos. Mesmo usando estratégias de buscas e operadores booleanos, as bases apresentaram muita abrangência em relação à temática linguagem de indexação e suas variações de buscas, recuperando estudos que, muitas vezes, não tinham relação nenhuma com o assunto pesquisado, necessitando mais atenção e cuidado com a escolha dos trabalhos. É necessário investigar, mas foi possível observar que esse processo pode ter ocorrido por causa das bases, da indexação realizada por elas e a falta de disponibilização do vocabulário controlado para o usuário, assim como pode ter ocorrido devido aos descritores utilizados pelos autores.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada a técnica do Protocolo Verbal Individual, sendo necessário realizar adaptações devido a necessidade de distanciamento social causado pela pandemia do Covid-19, gerando o Protocolo Verbal Individual Online, uma nova categoria, que pode ser considerada inovadora para o Protocolo Verbal. Essa nova categoria possibilitou agilizar alguns processos da técnica, poupando tempo de deslocamento físico e garantindo uma qualidade maior para a coleta, pois, com a gravação da imagem, é possível analisar de forma mais detalhada o comportamento do sujeito.

O método introspectivo permitiu observar os pensamentos dos catalogadores, durante o processo de indexação, apresentando de forma natural as suas preocupações com a linguagem de indexação das bibliotecas e dúvidas com os processos que estavam realizando. Por ser um trabalho cotidiano, ele se torna automático, de sorte que esse

método possibilita que ele explicita os pensamentos, tendo uma consciência maior do trabalho que está executando.

Foi necessário criar duas categorias de análise novas e essenciais para efetuar o estudo: antes e depois do uso da linguagem de indexação pelas bibliotecas universitárias, pois possibilitou visualizar e analisar as diferenças e semelhanças de como eram realizados os procedimentos antes da implantação da linguagem e como depois passou a ser.

Os catalogadores da amostragem demonstraram satisfação com a implantação da política de indexação e da linguagem de indexação, pois melhoraram os seus trabalhos, assim como aperfeiçoaram a busca e a recuperação das informações, no catálogo *online*. Houve preocupação com os registros que ainda não passaram pela correção e atualização da linguagem, deixando o questionamento quanto à existência de interferências desses registros, afetando a qualidade do sistema, tendo sido levantada a necessidade em realizar a atualização da própria linguagem de indexação.

As catalogadoras efetuaram o processo de indexação, seguindo parcialmente as diretrizes estabelecidas pelo manual de política de indexação, faltando a consulta, nele, para esclarecimento de dúvidas que surgiram durante o processo, e não utilizando a quantidade de termos considerada adequada para a representação do livro, abrangendo o assunto de forma incompleta. Essas falhas podem gerar problemas quanto à recuperação da informação para o usuário, durante a busca.

De acordo com os dados coletados, antes da implantação da linguagem de indexação, o processo era feito por meio do vocabulário do Bibliodata, em que muitas vezes se usava a importação de registros, para concretizar a catalogação e a indexação. Quando o assunto não existia, era permitido acrescentar, no campo 690, o termo, mas, depois de um tempo, começaram a usar esse campo para colocar frases e expressões, sendo também empregadas variantes do termo atribuído no campo 650 de assunto, deixando o registro, muitas vezes, mais genérico do que o adequado, prejudicando o processo de representação e gerando imprecisão na recuperação da informação para o usuário.

Segundo os dados analisados e com os catalogadores, depois da escolha e implantação da linguagem de indexação, foi considerado que houve uma grande melhora nos procedimentos, justamente por possibilitar o controle do vocabulário, através de uma

linguagem elaborada e definida para esse uso, permitir a definição dos campos a serem preenchidos, a quantidade de atribuição de termos, e por disponibilizar o tesauro para o usuário poder consultar.

O problema da pesquisa se caracterizou em encontrar quais eram as dificuldades em se realizar o processo de representação temática do livro, utilizando a linguagem de indexação, em função do contexto onde foi possível observar, através de outras pesquisas (CRUZ, 2019; TOLARE; ALVES; FUJITA, 2019), que muitas bibliotecas não elaboraram completamente uma política de indexação e nem escolheram uma linguagem, deixando-as em um estágio de defasagem na representação e recuperação da informação.

Através deste estudo, percebeu-se que existem variáveis que influenciam diretamente a indexação, tornando os procedimentos dificultosos, os quais estão nas experiências de vida do indexador, que afetam as escolhas, durante o processo de indexação; na qualidade do *software*, para conseguir suportar o sistema da biblioteca; na elaboração de uma linguagem consistente e adequada ao contexto da biblioteca; na qualidade do uso do instrumento usado durante o processo pelo indexador e, depois, pelo usuário, na recuperação da informação, e no desenvolvimento de uma política de indexação, que guie o indexador para tomar as decisões. Cada variável representa uma parte que compõe o processo de indexação, formando um conjunto de procedimentos que exigem qualidade e eficácia, no seu desenvolvimento, uso e manutenção.

As variáveis apresentadas pelos autores elencados ao longo do trabalho, também foram encontradas no desenvolvimento deste estudo, sendo evidenciadas na busca por trabalhos nas bases de dados nacionais e internacionais, a fim de compor a literatura, ocorrendo discrepâncias e inconsistências nos trabalhos recuperados; apareceram igualmente na falta de atualização dos registros na linguagem atual, que pode estar influenciando a qualidade do sistema, na representação e recuperação da informação; nas escolhas dos catalogadores, onde não é feita a consulta do manual, para esclarecimento de dúvidas, e na escolha em não seguir as diretrizes estabelecidas pela política de indexação. Também houve questionamento acerca da necessidade em repassar o manual e fazer uma atualização.

Essas variáveis abrem a oportunidade para o desenvolvimento de novos trabalhos, a fim de investigar esses apontamentos de forma mais profunda. A partir da análise dos resultados, pode-se sugerir algumas recomendações. No manual de indexação é possível observar que o bibliotecário catalogador é responsável pela indexação. Contudo, uma das

catalogadoras mostrou que estagiários do curso de Biblioteconomia acabam fazendo esses procedimentos, muitas vezes, sem o conhecimento adequado para aquela função (Anexo F), podendo gerar problemas na indexação, devido à falta de familiaridade com o assunto, o sistema, a linguagem e a falta de experiência. Por isso, sugere a necessidade em aplicar capacitações antes de começar o estágio sobre como devem realizar esses processos, o uso da linguagem de indexação, do sistema utilizado e do próprio assunto em que terá contato.

Também é sugerido que façam um levantamento da quantidade de registros não atualizados para a linguagem de indexação atual, a fim de obter um panorama da situação atual deles e, dessa forma, poder elaborar um plano estratégico para que sejam verificados e atualizados. Uma forma de acelerar esse processo de atualização é utilizar estagiários capacitados do curso de Biblioteconomia para função.

Como recomendação final, é necessário que o grupo responsável pela Linguagem Unesp se reúna para abarcar esses apontamentos, de modo a revisar o manual de indexação, promovendo melhorias e, conseqüentemente, revisar a própria linguagem de indexação.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN NATIONAL STANDARDS INSTITUTE/ NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION. Z39.19-2005 (R2010). **Guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies**. Bethesda, Maryland: NISO Press, 2010. Disponível em: https://groups.niso.org/apps/group_public/download.php/12591/z39-19-2005r2010.pdf. Acesso em: 09 fev. 2021.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Anotações de leitura e resumos. *In*: MACEDO, N. D. de. (Org.). **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. São Paulo: Loyola, 1995, v. 1, p. 35-40.
- ARANO, S. Thesauruses and ontologies. **Hipertext.net online**, n. 3 2005. Disponível em: <https://www.upf.edu/hipertextnet/en/numero-3/tesauros.html>. Acesso 20 jan. 2021.
- ARAÚJO, W. J; LIMA, G. N. B. O; GOMES, R. F; FERNANDES, L. G. Desenvolvimento de sistemas de organização do conhecimento: partindo dos de estrutura simples para os complexos. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, XIX ENANCIB, Londrina, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103696>. Acesso em: 09 fev. 2021.
- ARBOIT, A.E. É possível uma organização e representação do conhecimento sem partidos? **P2P & Inov**. Rio de Janeiro: v.3, n.1, set./mar. 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/p2p/article/view/2339>. Acesso em 09 fev. 2021.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 12676**: métodos para análise de documentos - determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992. p. 1-4. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/372910/mod_resource/content/1/Norma%20Brasilena%20Indizacion%20Isidoro%20Gil%20Leiva.pdf. Acesso em 09 fev. 2021.
- BARITE, M. G. The notion of "category" its implications in subject analysis and in the construction and evaluation of indexing languages. **Knowledge Organization**, v. 27, n.1/2, p. 4-10, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/294654298_The_notion_of_category_Its_implications_in_subject_analysis_and_in_the_construction_and_evaluation_of_indexing_languages. Acesso em 09 fev. 2021.
- BOCCATO, V. R. C. Os sistemas de organização do conhecimento nas perspectivas atuais das normas internacionais de construção. **InCID: Revista Ciência da Informação e Documentação**. Ribeirão Preto, v. 2, n.1, p. 165-192, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42340>. Acesso em 01 fev. 2021.
- BOCCATO, V. R. C.; BISCALCHIN, R. Las dimensiones culturales en el contexto de la construcción de vocabularios controlados multilingües. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, v. 37, n. 3, p. 237-250, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/84309>. Acesso em 09 fev. 2021.
- CAMPOS, M. L. A. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Rio de Janeiro: EUFF, 2001. Disponível em: <https://bibliotextos.files.wordpress.com/2011/09/livro-linguagem.pdf>. Acesso em 09 fev. 2021.

CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E. Tesouro e normalização terminológica: o termo como base para intercâmbio de informações. **DataGramaZero**, v. 5, n. 6, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5688>. Acesso em: 09 fev. 2021.

CASTRO, I. R.; OLIVEIRA, M. Análise bibliométrica da produção científica sobre linguagens de indexação publicada nos anais de congresso do ENANCIB no período de 2012 a 2015. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 3, p. 48-60, jul./set. 2016. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/handle/123456789/3383>. Acesso em 08 fev. 2021.

CAVALCANTI, C. R. **Indexação e tesouro**: metodologia e técnicas. Ed. Preliminar. Brasília: Associação de Bibliotecários do Distrito Federal, 1978.

CAVALCANTI, M. C. **Interação leitor-texto**: aspectos de interação pragmática. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

CAVALCANTI, M.C; ZANOTTO, M.S. Introspection in applied linguistics: meta-research on verbal protocols. *In*: SCOTT, B. **Reflections on language learning**. Clevedon: Multilingual Matters, 1994. p. 148-156.

CERVANTES, B.M. N. **Contribuição para a terminologia do processo de inteligência competitiva**: estudo teórico e metodológico. 2004. 183 f. Dissertação (Mestra em Ciência da Informação, Unesp, Marília, 2004. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93723/cervantes_bmn_me_mar_prot.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 29 jan. 2021.

CERVANTES, B. M. N. **A construção de tesouros e a integração de procedimentos terminográficos**. 2009. 209 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103382>. Acesso em 09 fev. 2021.

CHAUMIER, J. Indexação: conceitos, etapas e instrumentos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.12, n. ½, p. 63-79, jan/jun. 1988. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000011407/247399c870111947e2009836ea74fb3e> . Acesso em 07 jan. 2021.

CHOWHURY, G. G. Knowledge organization or information organization? A key component of knowledge management activities. *In*: **INTERNATIONAL CONFERENCE ON DIGITAL LIBRARIES**, 2004. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/6bf8/7feb19c6dd73da8a309c199e95920410f557.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.

CINTRA, A. M. M. Estratégias de leitura em documentação. *In*: SMIT, J. W. (Org.). **Análise documentária**: a análise da síntese, Brasília: IBICT, 1987, p. 28-35.

CINTRA, A. M. M.; TÁLAMO, M de F. G. M.; LARA, M. L. G. de; KOBASHI, N. Y. **Para entender as linguagens documentárias**. São Paulo: Polis, 1994, p. 23. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/741960/mod_resource/content/1/64170110-LIVRO-Para-entender-as-linguagens-documentarias.pdf. Acesso em 09 fev. 2021.

CINTRA, A. M. M.; TÁLAMO, M. de F. G. M.; LARA, M. L. G. de; KOBASHI, N. Y. **Para entender as linguagens documentárias**. Rio de Janeiro: Polis, 2002.

CRUZ, M. C. A. C. **Linguagens de indexação em bibliotecas universitárias**: estudo analítico em território nacional. 2019. 86 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182528>. Acesso em 20 jan. 2021.

CRUZ, M. C. A.; SANTOS, L. B. P. dos; FUJITA, M. S. L. Linguagens de indexação em bibliotecas universitárias brasileiras: diagnóstico preliminar das regiões sul e sudeste. **X Asociación de Educación e Investigación en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe (X EDICIC)**, Belo Horizonte. 2016.

CRUZ, M. C. A.; FUJITA, M. S. L.; SANTOS, L. B. P. Linguagem de indexação no contexto da política de indexação: estudo em bibliotecas universitárias. *In*: PINHO, F. A.; GUIMARÃES, J. A. C. (org.). **Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento**. Recife: UFPE, 2017. p. 217- 224.

DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L. **Análise de assunto**: teoria e prática. Brasília. Thesaurus, 2007. Disponível em: <http://biblioteca.fespsp.org.br:8080/pergamumweb/vinculos/000008/000008f5.pdf>. Acesso em 09 fev. 2021.

DODEBEI, V. L. D. **Tesauro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto, 2002.

ELER, G. Qual a diferença entre cosmonauta e astronauta? **Super Interessante**, 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/oraculo/qual-a-diferenca-entre-cosmonauta-e-astronauta/>. Acesso em 20 jan. 2021.

ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. Verbal reports on thinking. *In*: FAERCH, C.; KASPER, G. (Eds.). Multilingual matters, n. 30. **Introspection in second language research**. Clevedon: Multilingual Matters, 1987, p. 24-53.

ERICSSON, K. A.; SIMON, H. Protocol analysis. **Verbal reports as data**. Cambridge: MIT Press, 1993. Disponível em: <https://direct.mit.edu/books/book/4763/Protocol-Analysis-Verbal-Reports-as-Data>. Acesso 09 fev. 2021.

EAST, J. W. Subject retrieval from full-text databases in the humanities. Portal: **Libraries and the Academy**, v. 7, n. 2, p. 227-241. 2007.

ELER, G. Qual a diferença entre cosmonauta e astronauta? **Super Interessante**, 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/oraculo/qual-a-diferenca-entre-cosmonauta-e-astronauta/>. Acesso em 20 ju. 2020.

FOSKETT, A. C. **A abordagem temática da informação**. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. São Paulo: Polígono, 1973.

FUJITA, M. S. L. Linguagem de indexação para bibliotecas na perspectiva da política de indexação. *In*: FUJITA, M. S. L.; MOREIRA, W. (Org.). **Manual do planejamento, construção e manutenção do Tesauro Unesp para bibliotecas**: do conceitual a práxis. [S. l.]. [S. d.], 185 p. No prelo.

FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação RDBC**. Campinas, v. 1, n. 1, p. 60-90, jul./dez. 2003. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2089>. Acesso em 09 fev. 2021.

FUJITA, M. S. L. Aspectos evolutivos das bibliotecas universitárias em ambiente digital na perspectiva da Rede de Bibliotecas da UNESP. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 15, n. 2, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/91372>. Acesso em 09 fev. 2021.

FUJITA, M. S. L. La enseñanza de la lectura documentaria en el abordaje cognitivo y sociocognitivo: orientaciones a la formación del indicador, **Anales de Documentación**, Murcia, n. 10, p. 397-412, 2007. Disponível em: <http://www.um.es/fccd/anales/ad10/ad1000.html>. Acesso em: 05 de jan. de 2021.

FUJITA, M. S. L. Abordaje cognitivo de la lectura documentaria en la formación inicial del indexador: uso del protocolo verbal en la investigación de estrategias de enseñanza. **Scire**. Zaragoza, v. 15, p. 1-12, 2009. Disponível: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3133069>. Acesso em 09 fev. 2021.

FUJITA, M. S. L. **Política de indexação para bibliotecas**. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2010 (Projeto em pesquisa do CNPq).

FUJITA, M. S. L. A representação documentária no processo de indexação com o modelo de leitura documentária para textos científicos e livros: uma abordagem cognitiva com o Protocolo Verbal Individual. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 7, n.1, p. 42-66, 2013. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/8135>. Acesso em 07 abr. 2020.

FUJITA, M. S. L. **Linguagem de indexação para bibliotecas na perspectiva da política de indexação**. Marília: UNESP; FAPESP, 2015. (Projeto de Pesquisa).

FUJITA, M. S. L. A linguagem documentária na negociação de uma política de indexação para bibliotecas universitárias: procedimentos e estratégias da pesquisa-ação integral. **Revista Conhecimento em ação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/3555>. Acesso em 02 fev. 2021.

FUJITA, M. S. L. (Coord.). **Manual de política de indexação para as bibliotecas universitárias da Unesp**. São Paulo: Unesp, 2017. 36 p. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/cgb/para-bibliotecarios/manual-de-politica-de-indexacao/>. Acesso em 02 fev. 2021.

FUJITA, M. S. L.; CRUZ, M. C. A.; PATRÍCIO, B. O. M. A construção de tesouros na perspectiva dos manuais de indexação. **XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)**, Marília, 2017. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/view/268. Acesso em 01 fev. 2021.

FUJITA, M. S. L.; CRUZ, M. C. A. C.; PATRÍCIO, B. O. M.; BRANCO, L. B. P. R. Linguagens de indexação em bibliotecas universitárias: estudo analítico. **Informação & Informação**. Londrina, v. 24, n. 1, p. 190-225, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31771>. Acesso em 01 fev. 2021.

FUJITA, M. S. L.; CERVANTES, B. M. N. Abordagem Cognitiva do Protocolo Verbal na confirmação de Termos para a Construção de Linguagem Documentária em Inteligência competitiva. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005.

FUJITA, M. S. L.; FAVATO, V. A. M.; ZANIBONI, M. M.; FAGUNDES, S. A. A elaboração da política de indexação para bibliotecas universitárias da Unesp. In: FUJITA, M. S. L. (Org.). **Política de indexação para bibliotecas**: elaboração, avaliação e implantação. Marília: Cultura Acadêmica, 2016. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/politicas-de-indexacao-para-bibliotecas_ebook.pdf. Acesso em: 09 fev. 2021.

FUJITA, M. S. L.; GIL LEIVA, I. As linguagens de indexação em bibliotecas nacionais, arquivos e sistemas de informação na América-latina. In: **SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 16., SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECAS DIGITAIS, 2.**, 2010, São Conrado. 2010. Anais [...]. São Conrado: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/15137/>. Acesso em 09 fev. 2021.

FUJITA, M. S. L.; GIL LEIVA, I.; BOCCATO, V. R. C.; INÁCIO, M de O; GUIM, V. L. R.; PIOVEZAN, L. B. Procedimentos de Indexação. In: FUJITA, M. S. L. (Coord.). **Manual de política de indexação para as bibliotecas universitárias da Unesp**. São Paulo: Unesp, 2017. 36 p. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/cgb/para-bibliotecarios/manual-de-politica-de-indexacao/>. Acesso em 09 fev. 2021.

FUJITA, M. S. L.; MOREIRA, W.; SANTOS, L. B. P. dos; CRUZ, M. C. A.; RIBAS, R. R. de B. Construction and evaluation of hierarchical structures of indexing languages for online Catalogs of Libraries: An Experience of the São Paulo State University (UNESP). **Knowledge Organization**, v. 45, n. 3. 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/180018>. Acesso em 01 fev. 2021.

FUJITA, M. S. L.; SANTOS, L. B. P. A estrutura lógico-hierárquica de linguagens de indexação utilizadas por bibliotecas universitárias. **Scire**, Zaragoza, v. 22, n. 2, p. 37-46, jul. dez. 2016. Disponível em: <https://www.iberid.eu/ojs/index.php/scire/>. Acesso em: 6 jun. 2020.

GAIO, R.; CARVALHO, R. B. de; SIMÕES, R. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. In: GAIO, R. **Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf. Acesso em 09 fev. 2021.

GIL URDICIAIN, B. **Manual de lenguajes documentales**. 2. ed. rev. e aum. Gijón: Trea, 2004.

GOLUB, K.; TYRKKÖ, J.; HANSSON, J.; AHLSTRÖM, I. Subject indexing in humanities: a comparison between a local university repository and international bibliographic service. **Journal of Documentation**, v. 76, n. 6, p. 1193-1214. 2020. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-12-2019-0231/full/html>. Acesso em 09 fev. 2021.

GOMES, H. E. O indexador face às novas tecnologias de informação. **Transinformação**, v. 1, n. 2, maio/ago. 1989. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1689>. Acesso em 01 fev. 2021.

GUIM, V. L. R. **O uso de linguagem documentária no âmbito da política de indexação em biblioteca escolar**. 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2016. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/guim_vlr_me_mar.pdf. Acesso em: 3 abr. 2020.

GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**. Brasília, v. 1, n. 1, 2008.

GUIMARÃES, J. A. C.; FERREIRA, G. M.; FREITAS, M. F. M. **Correntes teóricas do tratamento temático da informação**: uma análise de domínio da presença da catalogação de assunto e da indexação nos congressos de ISKO-Espanha. 2012. Disponível em: http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2014/09/181-194_Guimaraes.pdf. Acesso em 10 set. 2018.

GUINCHAT, C.; MENO, M. Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação. Brasília: IBICT, 1994. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1007>. Acesso em 08 fev. 2021.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 25964-1**: information and documentation- Thesauri and interoperability with other vocabularies - part 1: Thesauri for information retrieval. Genebra, 2011.

JASPERS, M. W. M; STEEN, T; VAN DEN BOS, C; GEENEN, M. The think aloud method: a guide to user interface design. **International Journal of Medical Informatics**, v. 73, p. 781-795, 2004. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15491929/>. Acesso em 03 fev. 2021.

JESUS, J. B. M. de. Tesouro: um instrumento de representação do conhecimento em sistemas de recuperação da informação. SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12., 2002, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife, 2002.

JUNG, C. F. **Metodologia científica**: ênfase em pesquisa tecnológica. 3. ed. 2003. Disponível em: http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/4490/material/Metodologia_Cientifica_4_Edicao_P_B.pdf. Acesso em 20 abr. 2020.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1996.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**. Brasília: Briquet de Lemos/livros, 1993.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. Brasília: Binquet de Lemos, 2004.

LARA, M. L. G. de. Linguagem documentária e terminologia. Transinformação, Campinas, v. 16, n. 3, p. 231-240, set./dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-37862004000300003>. Acesso em 04 fev. 2021.

MACGREGOR, G; MCCULLOCH, E. Collaborative tagging as a knowledge organisation and resource: discovery tool. **Library Review**, v. 55, n. 5, p. 291-300. 2006.

MACULAN, B, C. M. dos S. **Estudo e aplicação de metodologia para reengenharia de tesouro**: remodelagem do Thesagro. 2015. 343 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9ZKMUV>. Acesso em 03 jan. 2021.

- MAI, J. E. Actors, domains, and constraints in the design and construction of controlled vocabularies. **Knowledge Organization**, Edmonton, v. 35, n. 1, p. 16- 29, 2008.
- MARRONI, G. N. B. **Identificação e delimitação de relações associativas em tesouros**: um estudo de caso na área do direito do trabalho. 2006. 142f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4919>. Acesso em 15 jan. 2021.
- MENARD, E. Ordinary image retrieval in multilingual context: a comparison of two indexing vocabularies. **Aslib Proceedings: New Information Perspectives**, v. 62, n. 4/5, p. 428-437. 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/235314396_Ordinary_image_retrieval_in_a_multilingual_context_A_comparison_of_two_indexing_vocabularies. Acesso em 02 fev. 2021.
- MOURA, M. A; SILVA, A. P; AMORIM, V. R. de. A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da semiótica e da semiologia. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 12, n. 1, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/93116>. Acesso em 27 jan. 2021.
- NARDI, I. A. **As expressões metafóricas na compreensão de texto escrito em língua estrangeira**. 1993. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.
- NARDI, M. I. A. **A metáfora e a prática de leitura como evento social**: instrumentos do pensar a Biblioteconomia do futuro. 1999. 272 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999. Disponível em: <https://www.alleaula.fe.unicamp.br/a-metфора-e-a-pratica-de-leitura-como-evento-social-instrumentos-do-pensar-a-biblioteconomia-do>. Acesso em 03 fev. 2021.
- NOVELLINO, M. S. F. A linguagem como meio de representação ou de comunicação da informação. **Perspectiva em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 137-146, jul./dez. 1998. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/602>. Acesso em 04 fev. 2021.
- PEDRAZA-JIMÉNEZ, R; CODINA, L; ROVIRA, C. Metadatos en la Web semántica: lenguajes de marcado para la organización de sistemas de información”. In: CODINA, L; MARCOS, M.-C; PEDRAZA-JIMENEZ. (EDS.). **Web Semántica y Sistemas de Información Documental**, Trea, Gijón, p. 13-42. 2009.
- PINTO, V. B. Indexação documentária: uma forma de representação do conhecimento registrado. **Perspectivas em Ciência da Informação**. v. 6, n. 2. (2001). Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/423>. Acesso em 03 fev. 2021.
- REDIGOLO, F. M. **O processo de análise de assunto na catalogação de documentos**: a perspectiva sociocognitiva do catalogador em contexto de biblioteca universitária. (Mestrado em Ciência da Informação), Marília, 2010. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/redigolo_fm_me_mar.pdf. Acesso em: 07 set.2018.
- REIS, D. M. dos. **A importância da observação da estrutura textual durante a catalogação de assunto de livros científicos em bibliotecas universitárias**: uma análise realizada a partir da técnica do Protocolo Verbal. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação)

– Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93675>. Acesso em 02 fev. 2021.

REIS; E. dos; LÖBER, M. L.; BOLZAN, L. M. Discussão e aplicação do método do Protocolo Verbal *Think Aloud* em pesquisas sobre processo decisório. **IV Encontro de Administração da Informação (EnADI)**, Bento Gonçalves, 19-21 maio, 2013.

RUBI, M. P. Os princípios da política de indexação na análise de assuntos para catalogação: especificidade, exaustividade, revocação e precisão na perspectiva dos catalogadores e usuários. *In*: FUJITA, M. S. L. (Org.). **A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias**. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 83-93. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wcvbc/pdf/boccatto-9788579830150-06.pdf>. Acesso em 14 jan. 2021.

RUBI, M. P. Estratégias de leitura documentária para indexação: um estudo de caso com o Centro de Informações Nucleares (CIN). *In*: Mariângela Spotti Lopes Fujita, Dulce Amélia de Brito Neves, Paula Regina Dal'Evedove. (Org.). **Leitura documentária: estudos avançados para a indexação**. Marília; São Paulo: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2017, v. 1, p. 69-91. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/leitura-documetnaria---ebook.pdf>. Acesso em 15 jan. 2021.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 31. ed. Petrópolis: Vozes. 2003.

SALES, R.; CAFÉ, L. Diferenças entre tesouros e ontologias. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte: v. 14., 1, p. 99-116, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/646>. Acesso em 02 jan. 2021.

SCHIESSL, M.; SHINTAKU, M. Sistemas de organização do conhecimento. *In*: ALVARES, L. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4, 2012. 248p.

SILVA, R. C. da; BRITO, J. F. Proposta de um manual de indexação para bibliotecas universitárias. **Informação@Profissões**, v. 7, n. 1, p. 92-113, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/64054>. Acesso em 09 fev. 2021.

SILVA, M. dos R. da; FUJITA, M. S. L. A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas. **Transinformação**. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, v. 16, n. 2, p. 133-161, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/114455>. Acesso em 09 jun 2020.

SMIT, J. W. **O que é documentação?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

SØBAK, V; PHARO, N. Decentralized subject indexing of television programs: the effects of using a semicontrolled indexing language. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, n. 68, v. 3, p. 739-749, 2017. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.23700>. Acesso em 05 fev. 2021.

SUNNY, S. K; ANGADI, M. Evaluating the effectiveness of thesauri in digital information retrieval systems. **The Electronic Library**, v. 36, n.1, p. 55-70. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322139101_Evaluating_the_effectiveness_of_thesauri_in_digital_information_retrieval_systems. Acesso em 15 jan. 2021.

SVENONIUS, E. **The intellectual foundation of information organization**. Cambridge: MIT, 2000. Disponível em: <https://mitpress.mit.edu/books/intellectual-foundation-information-organization>. Acesso em 02 jan. 2021.

TARTAROTTI, R. C. D. E. **Atuação bibliotecária no tratamento temático da informação em unidades de informação**: estudo comparativo qualitativo, 2014. 277f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 2014. Disponível: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/1140/6320.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16 jan. 2021.

TARTAROTT, R. C. D; DAL'EVEDOVE, P. R; FUJITA, M. S. L. Protocolo verbal em grupo e a pesquisa brasileira em Organização e Representação do Conhecimento. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 22, n. 48, p. 41-58, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n48p41>. Acesso em 18 jan. 2021.

TEJEDA-LORENTE, Á; PORCEL, C; PEIS, E; SANZ, R; HERRERA-VIEDMA, E. A quality based recommender system to disseminate information in a university digital library. **Information Sciences**, vol. 261, p. 52-69. 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0020025513007731>. Acesso em 01 fev. 2021.

TESAURO UNESP. Disponível em: <https://www.biblioteca.unesp.br/tesauro/vocab/index.php>. Acesso em 20 jan. 2021.

TOLARE, J. B. **Política de indexação no contexto da biblioteca pública**: relatório. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2018. Bolsa do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico CNPq.

TOLARE, J. B.; ALVES, L. de S. S.; FUJITA, M. S. L. Estágios de desenvolvimento e formalização da política de indexação em bibliotecas: estudo analítico. **XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação CBBB**. Vitória, 2019. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/2395>. Acesso em 16 jan. 2021.

UNISIST. Princípios de indexação. Traduzido por Maria Cristina Mello Ferreira Pinto. **Revista Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 83-94, 1981. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>. Acesso em: 16 ago. 2018.

VÁLLEZ, M; PEDRAZA-JIMÉNEZ, R; CONDIA, L; BLANCO, S; ROVIRA, C. Updating controlled vocabularies by analysing query logs. **Online Information Review**, v. 39, n. 7, p. 870-884. 2015. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/OIR-06-2015-0180/full/html>. Acesso em 05 fev. 2021.

VAN DER LAAN, R. H. **Linguagens alfabéticas de indexação**: metodologia de elaboração em uma interface com a Terminologia. Porto Alegre: UFRGS / FABICO / DCI, 2002.

VAN SLYPE, G. **Conception et gestion des systèmes documentaires**. Paris: ED. d'Organisation, 1977.

VAN SOMEREN, M. W.; BARNARD, Y. F.; SANDBERG, J. A. C. **The think aloud method: a practical approach to modelling cognitive processes**. London: Academic Press. 1994. Disponível em: https://pure.uva.nl/ws/files/716505/149552_Think_aloud_method.pdf. Acesso em 20 jul. 2020.

VIEIRA, S. B. **Indexação automática e manual**: teoria e prática. 1988. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/298>. Acesso em 07 set. 2018.

WHITE, H. Examining scientific vocabulary: mapping controlled vocabularies with free text keywords. **Cataloging & Classification Quarterly**, vol. 51 No. 6, p. 655-674. 2013.

APÊNDICES

Apêndice A – Modelo de e-mail de contato

Marília, _ de _ de _.

Prezada Senhora, ,

Venho, por meio deste, solicitar a possibilidade de obter autorização para que eu, _____, aluna regularmente matriculada no curso de Mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP – Campus de Marília e bolsista de pesquisa CAPES, possa realizar coletas de dados mediante realização de entrevista gravada e coleta de documentação com catalogadores dessa biblioteca para discussão e coleta de dados sobre processos técnicos, especificamente, de elaboração, uso e manutenção de linguagens de indexação na representação documentária em função do desenvolvimento do Projeto de Pesquisa “Linguagens de indexação na representação de livros em bibliotecas universitárias: observação com Protocolo Verbal Individual” (conforme em anexo) que desenvolvo junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP – Campus de Marília.

Informo que o projeto em apreço está em avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciência, motivo pelo qual solicitamos esta autorização como parte do processo de análise e nos comprometemos a preservar a identidade de todos os informantes, assim como da instituição, em sigilo quando da divulgação dos resultados. Nesse sentido, esclareço que o trabalho não pretende avaliar essa biblioteca e seus serviços e sim obter um diagnóstico das atividades de organização da informação no que tange ao tratamento temático do acervo.

Posteriormente, após concessão de autorização, será feito contato para o agendamento da entrevista conforme vossa disponibilidade. Para tanto, solicito o encaminhamento do documento de autorização anexo, com a logomarca da instituição no cabeçalho e assinatura do responsável pela biblioteca.

No aguardo de uma manifestação, agradeço toda atenção dispensada.

Atenciosamente,



Profª. Mariângela Spotti Lopes Fujita

Apêndice B – Modelo de autorização de coleta de dados

BIBLIOTECA[favor colocar nome da instituição com logomarca]

AUTORIZAÇÃO

Título do projeto de pesquisa: Pesquisa “O uso de linguagem de indexação na representação temática de livros em bibliotecas universitárias: observação com Protocolo Verbal Individual”

Autora: Jéssica Beatriz Tolare

Eu, _____, diretora da Biblioteca “.....” da _____, portadora do RG nº _____, autorizo a realização de coletas de dados mediante entrevista com catalogadores para discussão e coleta de dados sobre processos técnicos, especificamente, de elaboração e manutenção de linguagens de indexação e projetos de interoperabilidade semântica como requisito para o desenvolvimento do projeto de pesquisa de doutorado intitulado “Pesquisa “Linguagens de indexação na representação de livros em bibliotecas universitárias: observação com Protocolo Verbal Individual”, de autoria de Jéssica Beatriz Tolare.

Local (cidade), de de .

Diretora da Biblioteca
Faculdade de “....” da .

Apêndice C – Transcrição da coleta de dados na Biblioteca A

Catalogador 1:

Então eu vou começar, vamos lá. Vou catalogar esse livro aqui. É um livro de literatura. Primeiro passo é eu descobrir se a gente já tem esse livro no nosso acervo na rede. O livro chama 'A retornada'. Vamos procurar aqui pelo título e pelo nome da autora. Apareceu resultado nenhum. Próximo passo eu vou tentar ver se a gente tem algumas das outras bibliotecas com quem a gente consegue compartilhar registro pra tornar mais fácil a questão da catalogação. Então vou ver aqui na busca multibase, vou procurar na USP, na LC, na biblioteca da British. {som de digitação no teclado} ...~~ deixa eu ver se ele vai encontrar algum registro aqui. Hã, ele encontrou um na LC, vamos ver se é um registro que eu possa aproveitar. não, não é da mesma autora. Deixa eu ver, ele também encontrou um registro na British, também não é da mesma autora que eu tô fazendo aqui e ele encontrou três na USP nenhum deles. Então, a saída que eu tenho é fazer uma catalogação original desse livro. Então eu preciso do meu padrão de catalogação e preciso do número de UEP. Deixa eu começar aqui, vamos lá. Tô conferindo os campos o número de UN da minha listinha 048123142, digita aqui {som de digitação no teclado} o campo 008, o tipo de data é simples, a data do livro é, da publicação dele é 2019 / nossa, um livro novo/. O lugar de publicação dele é em São Paulo, então vou procurar aqui na descrição {som de digitação no teclado} spb, vamos ver se está certo./ não, eu tenho que escrever, né?! Botei na descrição e deixei como se // **[auto interrupção do raciocínio do pensamento do catalogador quando ele encontrou a informação que procurava]** aqui são Paulo, vamos ver se ele tem algum tipo de ilustração ...~~ não, não tem nenhum tipo de ilustração. O idioma dele aqui tá em português, ok. ISBN, 9788595810570. Sigla da biblioteca {som de digitação no teclado}, nossa sigla da biblioteca FCLAr/ perai, que eu fiz errado aqui/ BAR. Ele é/ autora não é nacional, não é brasileira, é estrangeira, então ele é um livro que eu tenho tradução. Hã, aqui eu tô/ deixa eu só dar uma conferidinha aqui, é 1, se trata de uma tradução, a língua que eu tô aqui é em português e o original é em italiano. 045 e 043, eu não vou mexer agora, porque eu ainda não sei se eu vou ter subdivisões.// Aí vamos vir aqui, o nome da autora, deixa eu ver se essa autora tem o nome autorizado, senão também depois no final eu vou ter que criar o registro no nome dela/ Pietrantonio, Donatella di/ vou colocar assim por enquanto, porque pode ser que depois esse 'di' na verdade fique no começo./ Vamos lá, o título tem aqui despreza o 'A', {som de digitação no teclado} não tem subtítulo, tem só o nome da autora, 'Donatella di Pietrantonio' {som de digitação no teclado} e tem tradutor, também tem que colocar pra depois poder dar um 700 adequado, 'Mario Bresighello', um sobrenome italiano. Não tem edição, é a primeira edição brasileira, a gente não coloca./ Imprensa, São Paulo pela Faro editorial {som de digitação no teclado}, 2019./ ai, adoro quando a gente bota livro novo assim, nossa/. Vamos ver a descrição física, deixa eu ver quantas páginas tem: 176, coloquei que não tem ilustração nenhuma, então fica por isso mesmo. Tem alguma série, deixa eu dar uma checada aqui, não tem nada na capa, não tem na página de rosto, nem no verso, não tem nada no final. Como é um livro de literatura, ele não tem bibliografia, não tem nota de idioma. Agora vamos começar a indexar! Primeira coisa como é um livro de literatura primeiro assunto que eu preciso colocar é qual é a literatura, então eu já vi aqui tanto pelo nome da autora quanto pelas informações que tem aqui na orelha, onde ela vive e em que língua ela escreve, então a primeira coisa é {som de digitação no teclado} LITERATURA ITALIANA. Depois vou acrescentar mais um 650, agora eu vou colocar qual é o gênero, não é teatro e não é poesia, então é uma PROSA ITALIANA./ deixa eu checar aqui, tudo bem que eu já sei, mas é sempre bom checar pra ver se o assunto é autorizado./ LITERATURA ITALIANA é autorizada, está no

650. PROSA ITALIANA também é autorizado. Vamos ver aqui se é uma obra biográfica ou se é simplesmente uma ficção. Pelas informações que tem no livro, se trata só de uma ficção mesmo. Então vou colocar mais um 650 aqui {som de digitação no teclado} e vamos ver se FICÇÃO ITALIANA é autorizado. Tá, beleza. Então essa primeira visão geral do livro tá registrada aí. Agora, seguindo o treinamento que a gente fez em/Acho que a primeira vez que ele foi feito senão me engano, acho que foi em 2016. Depois a gente fez uma revisão. Vai ser interessante eu colocar alguns assuntos nesse livro, para que o meu usuário tenha uma ideia de/ um pouco da história, saber do que se trata. Tanto de acordo com o que está escrito aqui na primeira orelha, a história principal, o foco da história é que é uma garota, uma menina com 13 anos de idade, na verdade não mais uma criança, mas já uma pré-adolescente ou adolescente, que ela é tirada da família com quem ela vive e descobre na verdade que eles não eram a família de sangue dela, não era a família biológica. Ela é levada para viver com a família biológica, que ela nem fazia idéia que existia. /deixa eu dar uma olhada aqui, vê se tem um resumo maior do livro. Na capa ele tem um extrato muito pequeno, deixa eu dar uma olhadinha e ver o primeiro capítulo pra ver se eu consigo ter mais informações a respeito / [...] aos 13 anos eu ainda não conheci minha mãe. / ahh, aqui ela já começa contar quando ela foi levada para casa da família dela de sangue. Então, eu vou tentar aqui colocar algumas/alguns assuntos para o meu usuário que eu dê uma visão do livro, mas sem dar spoiler nenhum do livro. Então, uma questão é que se ela vivia com a família, mas ela tinha uma família de sangue / deixa eu ver se ADOÇÃO é um termo autorizado. Vamos lá, {som de digitação no teclado}. ADOÇÃO é o 150, mas será que/ deixa eu dar uma olhada, deixa expandir e ver que outros assuntos ele tem aqui. Não é uma adoção tardia, porque, na verdade, ela foi, mas, é, ela foi adotada, tá. Deixa eu dar uma olhada aqui, ADOÇÃO então vai ficar, pode ser subdividido geograficamente, mas aqui eu acho que aqui não vai ter muita relevância pra obra eu dizer que onde ela foi adotada, onde ela foi levada de um país para o outro, ficou dentro do mesmo país. Deixa eu dar uma olhada no 550 aqui pra ver se tem alguma coisa que possa me interessar pra verificar depois. Ó, tem aqui LARES ADOTIVOS, que é uma coisa interessante pra procurar depois, PAIS E FILHOS pode ser, mas eu acho que ainda está muito genérico e TUTELA, hum, ta, vou deixar ADOÇÃO, mas eu preciso esclarecer para o meu usuário que ADOÇÃO aqui não é, o livro não tá tratando dos processos jurídicos, de Direito. Eu tenho que colocar a subdivisão de ficção, não posso me esquecer disso sempre que eu colocar esses assuntos aqui nos livros. Vamos colocar mais de um aqui {som de digitação no teclado}/ela viveu com uma família por 13 anos e depois teve que voltar para a família dela de sangue. Deixa eu colocar um assunto geral aqui RELAÇÕES HUMANAS, porque tem tanto a relação dela com a família anterior, com a família que a criou, como a família de sangue e que tipo de relação que foi estabelecida entre a família dela biológica e a família que levou ela e porque será que quiseram devolver a garota {som de digitação no teclado}/ deixa eu ver, pensar em mais outra coisa aqui. É, eu acho que aqui, pelo que eu consegui perceber das coisas que eu vi aqui no livro, a maior parte da história vai se passar agora no lar pra onde ela voltou e não como se ela tivesse sido adotada e tivesse começando a conviver. Então acho que eu não vou colocar LARES ADOTIVOS não, mas PAIS E FILHOS eu acho que é um assunto interessante {som de digitação no teclado}/ PAIS E FILHOS, sempre me lembrando de colocar FICÇÃO. Já coloquei 1, 2, 3, deixa eu ver mais um aqui. Deixa eu procurar aqui e ver o que eu posso / vamos mudar aqui, limpar {momento em que a catalogadora filtra a busca na base de dados da Aleph}, vamos ver registros autorizados, vamos ver o que ele vai me mostrar aqui, tem 13 assuntos relacionados, ADOÇÃO eu já olhei ADOÇÃO, DIREITO HUMANO não, não tô tratando disso, LARES ADOTIVOS, vamos ver se tem mais alguma idéia aqui pra me dar, FAMÍLIA não, também não quero esse, queria alguma coisa mais, vamos ver aqui. Lá eu já coloquei PAIS E FILHOS. RELAÇÕES PAIS E FILHOS ele coloca como 450, não, não é isso

que eu quero. MADRASTAS; MÃES E FILHOS; PAIS E ADOLESCENTES, é, porque ela é uma garota adolescente, ainda mais ela ta aprendendo a conviver com pais que ela conheceu, veio a saber que eram pais dela depois que ela já tinha 13 anos de idade. Então, se a convivência de pai com adolescente é complicada ainda mais nesse caso. Então, eu acho que esse último que eu vou colocar isso aqui PAIS E ADOLESCENTES pra deixar um pouco mais marcado qual a fase da vida que a garota ta passando interessante {Som de digitação no teclado}/ PAIS E ADOLESCENTES. É 150 mesmo, vou colocar aqui um campo V, FICÇÃO. Eu acho que já ta bom de assunto. Agora, vamos passar pro 700, que já que eu coloquei o tradutor, agora eu preciso da uma entrada secundária pra ele. {som de digitação no teclado}. Aqui como eu não coloquei nenhuma subdivisão nem de data e nem de lugar, então eu não preciso voltar no 043 e nem no 045. Não tem nome corporativo, não tem evento. / Ah, esqueci de uma coisa importante, agora que lembrei, já que tem o tradutor, então, isso significa que eu tenho o título original. Eita, como que eu esqueci isso... preciso voltar aqui no 500, já tinha esquecido dessa parte. 500, título original {Som de digitação no teclado} (~~~) título original. Esse aqui agora eu preciso colocar no 740 pra da uma entrada secundária. / vamos lá, 740, são duas posições aqui que eu tenho que desconsiderar. Não tem nenhuma secundária. Deixa eu checar aqui se ta tudo certo com a catalogação. É, ele só ta me indicando que não, aqui o 100 e o 700 são não tem autorizado. Então, quer dizer que esses dois eu vou ter que posteriormente criar um registro de autoridade pra eles, mas isso é depois. Aqui na catalogação então, o 740 vai sempre dizer que não tem mesmo. Então pelo visto deixa eu salvar aqui, acho que não esqueci nenhum dado importante. Pronto, ta aqui. É, ta tudo certinho. Agora o próximo passo é criar os dois registros autorizados para a autora e para o tradutor / Ahh, aqui ó, como que eu não vi isso, escrevi o nome do tradutor com letra maiúscula. Prontinho, agora só preciso criar os dois autorizados e depois fazer o registro.

Apêndice D – Transcrição da entrevista retrospectiva com o bibliotecário catalogador da Biblioteca A

1. Pesquisador:

Então, você falou que tem os assuntos autorizados e aí quando não é autorizado o que acontece?

1. Catalogador 1:

Se for assim, um assunto essencial, que às vezes é simplesmente porque é uma mudança da maneira que a gente tem na linguagem natural pra maneira que tem que ser adotada na linguagem documental. Então, as vezes é só uma questão de você se readaptar se descobre, por exemplo, como eu queria usar lá, eu queria usar lá, por exemplo, assim, relação com a família, mas não tem e o próprio, a própria linguagem já me instrui que isso tem que ser só subcabeçalho, eu não posso colocar como cabeçalho principal, mas se acontecer, por exemplo, do assunto, em literatura é mais difícil, mas quando a gente tá tratando de obras acadêmicas, algum assunto que é essencial pra representar a obra, aí eu tenho que fazer o que? Eu tenho que procurar na BN se esse assunto se esse assunto existe. Aí eu procuro na LC se esse assunto existe e se em nenhum desses lugares que a gente coopera existiu autorizado para esse assunto, o próximo passo é: procurar um docente da área e tentar levantar com ele o maior número possível de informações e de outros materiais que corroborem que aquele termo tem ser usado exatamente daquele jeito. Aí a gente entra em contato com o grupo pra junto, com todas essas informações, principalmente, com esse apoio do docente da área pra aí a gente criar um assunto, porque já que não existe nada, então a gente vai ter que começar do zero, mas a gente precisa ter embasamento teórico e acadêmico pra estabelece que esse assunto é dessa maneira, com essa palavra mesmo que é a melhor forma de usar.

2. Pesquisador:

Sempre é complicado escolher termo na hora de catalogar ...

2. Catalogador 1:

Sim, sim, e as vezes a gente é assim, a gente tenta fazer o nosso melhor aqui, mas, por exemplo, quando é alguma área muito nova, e isso a gente percebeu que aconteceu há uns dois ou três anos atrás, alguns termos que são assim, mas de uma especificidade que eu nunca tinha imaginado que existisse nas ciências humanas que é na área de lingüística computacional, aí a gente teve que criar alguns termos e aí precisou do docente, aí ele entrou em contato com outros pesquisadores com quem ele partilhava a escrita de artigos que fazia grupos com eles pra gente poder levantar o maior número possível de informações pra aí decidir, não! Esse termo é melhor assim, é no plural ou é no singular, não tem que ser escrito desse jeito, tem que usar o termo estrangeiro mesmo, porque é o todo mundo usa, independente da língua, mas foi um aprendizado bem interessante.

3. Pesquisador:

Faz tempo que você trabalha com isso?

3. Catalogador 1:

Olha, na UNESP, eu completei 12 anos agora no começo de janeiro. E desde que eu entrei aqui eu faço basicamente, assim, as atividades que eu já fiz durante mais tempo é classificar, que no caso na FCLAr a CDD e desde o começo, desde que eu fiz o treinamento, eu faço catalogação. E aí eu participei de todos esses treinamentos, eu participei no começo, quando a professora Mariângela começou com a idéia de desenvolver, a gente ainda naquela época tinha reuniões presenciais. Aí a gente foi pra Marília, depois eu nunca fui membro efetivo do grupo, mas como bibliotecária, sempre que tem atualização, sempre que teve cursos, essas coisas a gente participa. E já participei das pesquisas das orientandas e orientandos da professora Mariângela várias vezes. Desde a, acho que a primeira pesquisa que participei, acho que foi da Deise, que se não me engano, hoje é professora em Ribeirão Preto. Na época ela ainda era bibliotecária em Tupã. Então eu já to nessa participando dessas pesquisas faz tempo.

4. Pesquisador:

E você acha que melhorou depois que foi implementado a política e a linguagem depois que passou por essa reformulação?

4. Catalogador 1:

Ahh, com toda a certeza. Quando eu cheguei aqui, o que a gente era instruído a fazer: como a gente operava com Bibliodata tanto na questão de importar os registros, a linguagem que a gente utilizava era a do Bibliodata só que aí tinha sempre aquela exceçãozinha, aquela saidinha e qual era: Ah, quando não existir, você coloca um campo 690 e aí nesse campo 690, você escrevia o que vinha a cabeça. A instrução era assim como a maioria dos termos que a gente usa, claro, tem termos que não tem como voce restringir a uma palavra só, tem coisa ali que são expressões, mas começou a chegar em um ponto que as pessoas escreviam frases no 690. E aí, no final das contas só prejudicava, só enchia a base com tudo e, as vezes, as pessoas estavam falando do mesmo assunto e usando palavras completamente diferentes, porque as vezes a gente acha que uma palavra, no nosso entendimento, na vivencia que a gente tem, é o mais correto pra expressão assunto e na verdade não é. E aí acabava tendo essa confusão, então, quando o usuário precisava e ele ia procurar algum registro na base e aí o bibliotecário tinha uma vivencia botava uma palavra, o usuário botava outra coisa e aí no fim você não encontrava nada, era tudo muito genérico. E outra coisa muito boa foi a questão de colocar, que a gente precisa colocar pelo menos três assuntos, que você precisa tentar buscar um certo nível de especificidade, um outro ganho que a gente teve, por exemplo, nessa questão de fazer livros de literatura/ é claro, é importante você conseguir dizer pro seu usuário se a literatura é italiana, se ela é brasileira ou inglesa, mas às vezes conseguir dar um pouco mais de informação, porque às vezes ele não sabe que livro ele quer ler, ele não vem aqui com o nome do livro em si, porque quando ele vem com o nome do livro é simples, ele procura e vai lá. Ele quer ter uma idéia e as vezes tem coisas que são obras clássicas e isso todo mundo conhece, mas livros muito novos, é lançado tanta coisa o tempo todo, então a gente tentar dar esse gostinho né, mas sempre apontando pra ele que aquilo ali é ficção, porque se a gente não coloca essa subdivisão pode cair na pesquisa de uma pessoa que ta procurando aquilo como assunto acadêmico e no momento pode ser que não seja interessante para a pesquisa dele. Ele precisasse mesmo do conteúdo acadêmico. Então foi um ganho muito grande tanto pra gente essa padronização como pros alunos e agora ainda mais com a disponibilização do tesouro né pra eles conseguirem começar a descobrir isso, porque

também não adianta só a gente fazer e ficar com isso guardado só pra gente e eles continuarem usando o que vier na cabeça.

5. Pesquisador:

Vocês usam o tesouro mais alguma coisa [vocabulário controlado] para o assunto?

5. Catalogador 1:

Não, não, a gente quando faz a catalogação a gente usa, porque o que tá disponível tanto no tesouro, tanto lá na página como quando eles fazem busca ou pra quem tá colocando o seu trabalho no repositório a gente a linguagem internalizada dentro do Aleph. Então quando a gente tá fazendo ou a gente vai naquele que eu coloquei lá da quando eu passei pra tela da busca ou às vezes quando é uma coisa que você já sabe muito, que você já tá ali no dia a dia fazendo vários do mesmo, quando a gente escreve o termo no campo 650, a gente dá um Ctrl +F3, aí ele vai abrir a caixinha e vai ter, aí você já tem algumas pistas: primeiro, se já apareceu 450, já sei que aquele eu não posso usar, se apareceu 150, Ok. Mas aí eu também tenho a possibilidade e isso vai do traquejo e do habito que a gente já tem e quanto tempo você faz, sempre clicar em expandir para saber se ele permite que você subdivida, se ele tem algumas outras opções no 550, porque o 550, a importância dele é fazer esse relacionamento, são termos relacionados aquele que podem ser mais ou menos específicos e aí dependendo do que você quer e do nível do usuário que você tá tratando, às vezes quando a gente tá fazendo a coisa acadêmica a gente quer que seja muito específico, mas, por exemplo, aqui na biblioteca a gente tem várias como se fosse bibliotecas dentro da mesma, porque a gente tem vários acervos especiais, inclusive um desses acervos que a gente tem a gente tem uma sala, a gente um acervo de literatura infanto juvenil, então as vezes pra literatura infanto juvenil é melhor ser menos específico / se bem que a maioria das vezes são os pais das crianças que procuram, mas mesmo assim a gente não precisa ir tao afundo em um assunto pra encontrar um livro infanto juvenil, mas por exemplo, quando a gente tá fazendo os livros da biblioteca e da professora Heleieth Saffioti então é uma coisa muito específica, então a gente tenta ir o mais específico que o assunto permitir, porque quem se interessa por aquela biblioteca são pesquisadores da área de violência de gênero, de feminismo. Então é interessante que a gente não coloque simplesmente feminismo no assunto, porque se a pessoa for procurar vai achar 3.000 registros. E aí vai ser muita coisa pro pesquisador conseguir refinando a pesquisa dele, o que ele quer. Então, se tiver aspectos que são mais relevantes dentro desse livro a gente sempre vai colocar pra facilitar a vida do usuário.

6. Pesquisador:

Aí os livros de ficção partem mais do geral mesmo ...

6. Catalogador 1:

É, aqui as vezes a gente, as vezes dependendo do livro, por exemplo, quando são obras clássicas e que são obras que fazem parte do currículo dos alunos aí a gente tenta ser um pouco mais específico colocar mais termos que tenham a ver com que eles estudam, mas sempre tomando cuidado pra que nenhum desses termos que a gente coloque acabe contando alguma coisa que seja muito relevante do livro, porque hoje em dia o pessoal não gosta muito de ficar sabendo das coisas antes e é meio chato, né? Você tira toda surpresa, principalmente, quando a gente tá

lidando com uma coisa que é muito emprestada aqui pro público em geral que são aqueles livros de suspense, de ficção policial, então você precisa tomar cuidado, porque se você contar uma parte importante tira toda a graça da leitura depois. Instigar, mas não contar tudo, só falar assim: 'olha que interessante esse livro, trata desses temas aqui', mas sem contar muita coisa.

7. Pesquisador:

Vocês consultam o manual de política de indexação com frequência ou já virou um hábito?

7. Catalogador 1:

Olha, por mais que a gente faça isso durante, dependendo de épocas quando a gente recebe doações grandes ou compras ou a gente faça durante muito tempo, sempre tem aquela duvidazinha. Então, o que que a gente faz, os manuais estão sempre do lado na mesa, porque é tanta coisa e aí junta com o MARC e aí você lembra disso, lembra daquilo e aí você fala assim: não, pêra, eu preciso dar uma olhada, aí você tira aquela dúvida, ah, não, mas isso pode, isso não pode, mas na maioria das vezes o 650, o que mais ajuda a gente, 650 não, toda a gama ali do 600 pra gente assunto, é sempre ler as instruções que tá na catalogação do assunto em específico é sempre abrir o expandir, é sempre ver todas as notas que tá lá. Por exemplo, uma vez, uma coisa que a gente sempre precisa tomar muito cuidado, aqui a gente tem o curso de pedagogia, então a gente tem muita legislação, muita coisa, então às vezes, você tá fazendo um livro e vai lá escrever: segundo grau, tá, é autorizado, mas aí você fica naquela dúvida, porque os níveis da educação no Brasil já mudaram de nome ao longo do tempo, segundo grau já chamou segundo grau, mudou pra ensino médio e aí as coisas mudam, já teve épocas que eram outras coisas, então aí o que a gente faz, aí você fala, não, é, mas aí você vai lá ler a notinha e fala assim, 'mas, ah, é só a partir de tal ano' aí você olha o livro e vê que ele é depois. Então, o assunto correto é tal, então a gente sempre precisa, mesmo que por mais que a gente conheça o assunto sempre abrir ali pelo expandir, quando a gente tá dentro da catalogação e quando a gente tá fora, a gente vai ler, aparece tudo embaixo, porque isso pode evitar que esses erros que a gente possa cometer, porque aquela palavra foi usada até determinado tempo e não é a mesma que é usada a partir de uma mudança de lei, por exemplo, como acontece na educação.

8. Pesquisador:

E vocês trabalham com livros, dissertações, teses e TCC's. Mais algum outro tipo de material?

8. Catalogador 1:

Ah, a gente trabalha com outros formatos também. Por exemplo: ebook, às vezes, a gente faz livros eletrônicos, às vezes, a gente faz livros que estão em CDs, a gente também faz filme. Então a gente faz uma gama bem variada de materiais.

9. Pesquisador:

Quando você vai fazer a indexação do livro você olha ele como um todo ou você chega a ler partes dele pra poder entender a história e conseguir condensar isso?

9. Catalogador 1:

Olha, eu tenho uma facilidade nesse ponto, porque eu sou uma leitora muito voraz, então eu leio muita coisa. Então, tem vários livros que eu já sei mais ou menos do que o livro é ou até li o livro, mas quando eu não conheço, eu aplico sim o que a gente aprendeu ou o que a gente é instruído a fazer que é a leitura técnica [leitura documentária] tem livros que ajudam e tem livro que não. Esse aqui, por exemplo, ele ajuda em certo sentido, porque o primeiro capítulo é bem pequeno, você consegue ali bater o olho e ler, mas tem uns que as coisas são muito escondidas. Aqui tem a facilidade de na orelha falar quem é a autora, onde ela vive, o que é o trabalho dela, o que ela lançou, o que ela não lançou, tem um pequeno resumo aqui nessa primeira orelha, mas quando o livro em si não ajuda muito, a saída que a gente tem é ir pra internet é procurar em sites de resenha, é procurar as vezes nem em só sites de resenha, mas na Amazon, por exemplo, na Livraria Cultura, porque é do interesse deles que as pessoas saibam da história do livro. Então tem sempre um resuminho ali, se você ir em jornais críticos de literatura sempre tem algumas coisinhas já salvas assim. Então você tem que ter esses macetes, porque tem livro que são muito herméticos e aí você acaba não conseguindo e passa o dia todo lendo o livro e ainda não vou conseguir descobrir. Então a gente tem que começar a apelar pra essas outras estratégias pra tentar conseguir chegar no ponto.

10. Pesquisador:

Normalmente é muito trabalho pra pouco tempo também

10. Catalogador 1:

Sim, sim, sim, então essa que é a grande questão, então as vezes, por exemplo, tem alguns livros assim que é tudo numa linguagem muito rebuscada, o livro é de literatura mas é tudo muito filosófico e aí é só a impressão pessoal do autor, o íntimo dele, aí você olha o livro não tem personagem, o livro não tem fala, não tem parágrafo, você fala “Meu Deus, e agora? Como que eu vou entender o que é isso aqui?” E esses são os que menos tem informação em capa, contracapa e orelha. Aí a saída é partir pra internet e tentar cavar e descobrir alguma coisa que possa ajudar na hora de colocar os assuntos.

11. Pesquisador:

Você consulta mais alguma base de dados?

11. Catalogador 1:

Sim, a gente vai lá a Biblioteca Nacional pra ver, pra tirar dúvidas, às vezes, uma coisa que a gente olha, mas assim, só pra dar um norte, porque tem muitas que não servem pra muita coisa não. Já peguei muita ficha errada. E sempre dou uma olhadinha na ficha catalográfica, por exemplo, e nos livros de literatura costumam ser bem pobres. Esse aqui, por exemplo, o único assunto que eles colocaram foi literatura italiana e só, mas também né, já ajuda com alguma coisa. Mas quando são livros acadêmicos, as vezes eles trazem alguns assuntos, pode ser que aqueles assuntos que tao na ficha, não sejam autorizados na nossa base, mas deem um norte por onde começar a procurar, mas sempre tomando muito cuidado, não é porque tem palavra lá, porque já aconteceu isso mais de uma vez da ficha catalográfica que ta no verso da página de rosto não ser do livro, como eles usam só o boneco e substitui as coisas, aí olhava pra ficha, olhava pro título do livro e falava: gente, mas ainda bem que o livro é em português. Quando

os livros são em português é mais fácil, mas quando são em outros idiomas, e aqui a gente tem muito, por exemplo, a gente tem o curso de letras, a gente tem cinco idiomas que os alunos estudam aqui, eles podem estudar inglês, espanhol, italiano, francês e alemão e mais duas línguas clássicas que são grego e latim. E tem horas que a gente faz livros em latim, que não tem nada em outra língua, então aí, hoje em dia, o nosso salvador nesse quesito é o Google Tradutor e aí a gente, pras bibliotecas especializadas da Europa, biblioteca da igreja católica, biblioteca do vaticano, biblioteca de Florença, de Milão e aí tem, já aconteceu de livro,, eu falo que os piores são os menoreszinhos, você pega um livro pequenininho e você fala “ah, esse livro rapidinho”, você fica lá pelo menos duas a três horas pra conseguir fazer um livro, porque você vai fingir? Você vai fazer de conta que o que eu vou colocar lá para o aluno? Eu preciso saber. Às vezes também já aconteceu da gente ter que ir procurar o professor, procurar o professor da área, pedir ajuda, aí tem a página de rosto do livro e aí a gente vai fazendo aqui, ele vai traduzindo e a gente vai anotando, porque senão como que depois a gente consegue fazer. Então quando os livros estão em português é bem mais simples, o problema é quando vai pro latim e o alemão, são os dois mais complicados pra gente fazer.

Apêndice E – Transcrição da coleta de dados na Biblioteca B

Catalogador 1:

Então aqui é uma interface pra busca, busca avançada, autor, título, biblioteca. Então a primeira coisa que a gente faz quando vai catalogar um material é fazer uma pesquisa se esse material já tem no Aleph. Se ele tiver, a gente vai buscar a catalogação, conferir os campos, fazer possíveis correções ou acréscimos e salvar o registro pra gente também. Nesse caso como você quer que eu comece do zero, eu nem vou pesquisar aqui, eu já vou abrir uma planilha direto e vou catalogar ele do zero. Então aqui eu abro uma planilha de livros, ele tem os campos MARC aqui. Não importa, mas aqui vou colocar o número de SpUE dele, nesse caso não vou colocar. Os códigos nesse caso aqui, eu tô com um livro chamado '50 grandes filósofos: da Grécia Antiga ao século XX', então aqui, nesse campo 008 é o campo de codificação, eu vou avaliar primeira coisa aqui que me pede é a data. Então, eu tenho uma data específica que é 2009, então ele é uma data simples. Não tem uma data final, porque ele não é uma obra com vários anos. Deixa eu / tô olhando as informações do livro autor, título {som de folha sendo passada}, a editora, ano, essa é uma terceira edição, segunda reimpressão desse material, então, geralmente, eu faço a parte técnica, vamos dizer assim, a parte mais específica, lugar de publicação é São Paulo, ele não é ilustrado, o público alvo a gente não costuma preencher, natureza do conteúdo também não, ele é uma publicação regular, uma publicação não governamental, aqui em baixo tem a visão dos campos com todos os itens, mas a gente meio que decora, a gente vai meio que direto. O idioma é português e pronto, aqui é o campo codificado, então aí fechou, ISBN da obra como ele não é uma obra volumada, eu não preciso desse subcampo aqui / ah, peraí, que eu errei o comando ... ~~/ Bauru, porque Bauru tá fazendo a catalogação original dele, o idioma, ele foi escrito inicialmente em inglês e feito uma tradução. Então, nesse caso {som de digitação do teclado}, deixa eu só conferir se é isso mesmo, o subcampo A, o idioma do texto e o G fiz errado, é ao contrário, aqui é português e aqui o idioma original. Cronológico, eu vou pular essa parte, mas ele é da Grécia Antiga até a atualidade, mas vai me dar / não vou fazer nesse caso. Aliás, eu nem sei quando é a Grécia Antiga aqui. {som de folha sendo passada} [...] 624 a. C. Indicador é que eu tô olhando o código em relação a data, de qual período é, período antes de Cristo ou período depois de Cristo. Nesse caso é 624 que começa então é d3 até século XX. Bauru não usa CDU, usa CDD, vou catalogar ele no geral, classificar ele no geral. Aqui é o autor, nesse caso 'Collison Diane', vou fazer a busca pra ver se tem ele autorizado, não tem esse autor autorizado na base. Então, vou ter que fazer o registro de autoridade para essa autora. Geralmente eu paro, mudo para UEP10, faço o registro de autoridade dele e volto (...). então, aqui eu troco de base e conecto com a UEP10 que é a base e autoridade. É que eu oriento os catalogadores muitas vezes a não fazer essa troca no meio do caminho, a primeiro consultar a autoridade, pra verificar se tem e depois começar a catalogação, porque acontece da pessoa troca pra UEP10, né, trocar pra base de autoridade e depois não conseguir, não lembrar de voltar pra UEPI e salvar o registro na base errada, então às vezes isso acontece. Então eu vou pesquisar aqui 'Diane Collison', não tem, vou pesquisar na base da LC, só que tem que ser ao contrário / nossa, tá certo esse nome?! é claro, tô digitando errado, é 'Daine' não tem não! ... ~~, nossa essa pessoa não existe aqui, nem na Biblioteca dos Estados Unidos. BN {a catalogadora abre a aba da internet e digita o endereço da Biblioteca Nacional}, vou pesquisar se ela existe na BN pra eu poder importar o registro. Se eles não tiverem eu vou fazer a catalogação original. ... ~~ Cadê serivços?/ se eu tivesse feito a catalogação dessa pessoa já tava pronta. O nome na página de rosto está escrito de um jeito e aqui atrás está escrito de outro, mas, de qualquer forma, é essa autora aqui. Eu vou fazer a catalogação dela como original, escolho o nome, aqui o número de SpUEP vem automático, Bauru, ... ~~ 'Collinson, Diane', Data de

nascimento e data de morte/ aparentemente ela não tem outros prenomes, então eu não preciso usar o campo 400 pra ter os .../ A BN não entrou/ entrou ...~~~ nossa, a BN tem! Bom, então a BN me trouxe, tem ela, eu poderia até ter importado, mas como eu já abri o registro lá, nesse caso, eu não vou fazer. Ela é autora desse livro, aqui na editora Contexto, que é editora dessa obra, diz que ela é professora da universidade e na contracapa também. Então essas são as informações que eu tenho sobre ela. Ela não tem outros prenomes e nem outras maneiras que é conhecida. Eu tenho o livro catalogado. Ela é autora de; “50 grandes filósofos: da Grécia Antiga ao século XX”. Nessa obra, eu tenho a referência de que ela é ‘Diane Collison’ é professora da Open University, no Reino Unido. Eu tenho a informação da BN, que me diz o nascimento dela em 1930, aqui eu tenho uma data de nascimento. Esse é o registro de autoridade, duas fontes encontradas com as informações que eu tenho dela./ vou conferir aqui ...~~, eu vou verificar se as informações estão corretas, não apareceu nenhum erro pra mim e eu salvo o registro. Nesse caso eu vou salvar, porque isso não é algo perdido. Então, agora eu já tenho ela, o registro de autoridade dela. Eu vou fechar e voltar pra UEP1 e agora eu tenho ela aqui. Bom, aqui eu já fiz um erro, porque eu pesquisei e não achei ela e agora eu tô vendo que esse registro já existe, eu salvei o registro com data e esse registro já existe sem a data. Então eu vou fazer um parênteses aqui só pra eu marcar e depois eu preciso arrumar isso ...~~ eu costumo deletar os campos que eu não estou usando, mas podem ficar. ...~~ {som de digitação do teclado} título, subtítulo, autor, tradução, ...~~ autores e tradutores de acordo com a página de rosto. Edição: eu tenho a informação tanto na capa quanto na ficha catalográfica que essa é uma terceira edição. Eu já preencho aqui também, como é uma reimpressão e pra evitar de esquecer eu já vou colocar aqui embaixo, no 590, a nota de que a biblioteca possui a 2ª reimpressão de 2009. aí pelo menos o campo edição e reimpressão eu não preciso me preocupar mais com ele./ São Paulo: Contexto, 2009./ Descrição física da obra: 277 páginas e não ilustrada. Não tem nenhuma série que eu já olhei. A nota é o título original, tem algumas coisas que são padrão UNESP, não necessariamente todo mundo faz, preenche os campos, que é o caso desse. ...~~. já pego esse título em inglês e coloco no 740 também, que é pra ter uma entrada secundária pra ele. Uma entrada pelo título em inglês e uma entrada pelo título em português com a descrição do numeral. Então já tenho todas as questões de títulos preenchidas. ...~ Eu excluí o campos 501, porque eu não tenho aquelas informações. Dessa obra é uma só. Tô preenchendo o campo que inclui bibliografia. Eu não tenho nota de conteúdo, porque não é uma nota volumada. Assunto-nome, eu vou fazer como costumo fazer, eu já vou excluindo esse monte de subcampo, porque eu sei que provavelmente não vou usar. Eu acho mais fácil quando eu consigo visualizar os campos melhor. Se lê fosse específico de um autor e tivesse avaliando Platão, eu colocaria um assunto pra esses filósofos. Nesse caso aqui, ele tem duas páginas de filósofos, uma página e meia de filósofo. Vai do Tales de Mileto até o Sartre. Eu não vou fazer uma entrada de assunto para cada um desses nomes. Então, não vou usar o campo 600. O campo 650 no padrão da biblioteca a gente, da Unesp, na verdade, foi definido que a gente precisa usar, no mínimo, três campos 600, então eu já deixo três campos 650 prontos. Se eu precisar de mais depois eu faço. Aqui vai ser uma entrada pro autor, pros tradutores. É que eu deixo o assunto por último, porque eu costumo fazer a parte técnica depois eu vou pensar sobre o livro em si, faço a parte física, né. Esse tradutor já tenho, então tá ok. ‘Costa, Bia’, ela também já tem. Os dois tradutores já possuem nomes autorizados, não vou precisar fazer pra nenhum {registro bibliográfico}. não tem nenhum nome de evento e também não é uma coleção. Aqui eu descrevi toda a parte física do material, a edição, editora, autor, título. Agora eu vou olhar pro assunto dele, pra eu preencher o campo 650. eu já vi que é filosofia, então um dos assuntos vai ser esse. E ele está falando especificamente dos filósofos. Então ele tem filósofo por filósofo, eu vejo por um sumário, vários filósofos começando na Grécia Antiga, tem filósofos do Modernismo, Maquiavel, Galileu, Kant. Então assim, ele não tá

especificando um filósofo de uma área específica, ele tá avaliando o todo. São vários filósofos. Então, no prefácio ele diz (←) “adotei como norma para cada filósofo incluído nesse livro um procedimento básico. Inicialmente, após um breve panorama dos elementos gerais da produção filosófica do autor em questão. Em seguida ofereci informações de cunho e aspectos que julguei mais relevantes, instigantes e relatores de sua obra. ” Ou seja, existe informação biográfica dos autores e existe uma análise crítica do material. (←) ‘Ao final das resenhas providenciei também uma série de informações de caráter didático pensando exatamente naquele leitor que esteja se iniciando na filosofia, mas desde já se mostram interessados em aprofundar os seus estudos.’ Acho que eu já vou colocar ‘FILOSOFIA’ E vou verificar se esse assunto está autorizado na web. Então sim, ele é um cabeçalho 150 e posso mantê-lo. ‘FILÓSOFOS’, FILÓSOFOS - ALEMANHA, não, ‘BIOGRAFIA’ como ele não tá especificando por país e eu também não vou especificar, mas vou acrescentar que tem aspectos biográficos aqui na obra e eu vou precisar dizer o período, porque é importante e está abrangendo desde a antiguidade até agora. Filosofia, subcampo y, subdivisão cronológica. Eu não lembro como é a definição aqui. Eu não tô com o padrão e eu não lembro o padrão pra colocar a data nesse campo de assunto. Deixa eu fazer umas buscas aqui pra ver o que eu acho. ...~~ {pesquisa na base do Aleph}. Essa obra tem ido de 624 a. C. até 1980 com a morte de Sartre. Então eu tenho ‘FILOSOFIA’ e o período cronológico que está abrangendo. ‘FILOSOFIA - BIOGRAFIA’, ‘FILOSOFIA - HISTÓRIA’. Bom, aqui tá o registro pronto. Ele segue as regras que a gente tem dos três assuntos. O período da filosofia, tem a parte biográfica dos autores e ele tá falando da história da filosofia. Então, esse livro aqui como é bem restrito, ele é muito específico eu não conseguiria.. até daria pra ver assuntos mais específicos, mas eu penso que não seja o caso, porque a ideia dele não é ser específico, é ter essa visão geral que coloca no início da obra, é uma visão geral para alguém que está começando o curso de filosofia, tá começando a estudar filosofia pra ter uma visão geral de todos os filósofos principais desse período, porque é um período muito extenso. Então, uma pincelada de cada um. Se fosse de algum lugar específico ou de alguma época específica aí eu abriria outro campo 650, além de três colocaria outros e iria especificar, é Filosofia Antiga, Filosofia Moderna, Filosofia da Alemanha, de que momento é isso, sei lá, Niilismo, iria pesquisar. Muitas vezes, às vezes, eu não conheço, no caso da Filosofia, não sei o que o Galileu falava, então eu vou pra internet, pesquiso sobre o Galileu, tenho uma noção de quem ele é, do que ele pesquisou e descubro que ele, sei lá, ah, não sei o que ele pesquisou, sei lá, ele tem uma vertente X da Filosofia. Então, eu venho pro registro novamente e insiro essa vertente. É, deixa eu pegar algum exemplo aqui, vou pegar um mais atual pra eu não viajar demais. ...~~ por exemplo, tem o Friedrich Nietzsche ...~~ {abre aba da internet e pesquisa} vou pegar no wikipedia para ver o que ele pensa. Por exemplo, vamos imaginar que esse livro fosse específico da filosofia e que ele abordasse dois ou três filósofos, dentre eles o Nietzsche. Então, colocaria os três filósofos no campus 600 e iria verificar o que cada um deles falam, nesse caso, alemão, ...~~ bom, eu poderia colocar que Nietzsche faz parte da Filosofia Moderna, que defendia o ateísmo e a morte de Deus, procuraria alguma coisa nesse sentido, que especificasse um pouco as ideias dele. seu estilo é aforismático, talvez procurasse esse termo, porque aparentemente é um estilo mesmo e isso pode ter no livro. Se eu vejo em um livro que isso existe e vejo em uma biografia que isso é importante, tá sendo citado, é um assunto que eu provavelmente vou colocar no registro, porque ele pode ser pesquisado ... ~~ então, por exemplo, se eu já avaliei o livro aqui, são três autores, não é esse o caso, tem vários autores nesse, mas vamos supor que tivesse vários, mas vamos supor que esse teria dois ou três autores, eu avaliaria os capítulos sobre cada um deles para verificar qual é a área de cada um deles pra colocar lá. E depois eu olho na internet pra ver se tem alguma coisa que passou batido, talvez, provavelmente, por falta de conhecimento. De repente tá no livro, mas eu não vi. Aí eu vejo na internet que isso aqui pode

ser importante, aí eu volto para o livro, verifico se isso tá no livro também de uma maneira que mereça ser citado e aí volto para o registro e acrescento mais campo 650. verifico se tem algum campo errado e salvo o registro. Então, basicamente o processo da catalogação é esse.

Apêndice F – Transcrição da entrevista retrospectiva com o bibliotecário catalogador da Biblioteca B

1. Pesquisador:

Depois disso, no caso, você salvaria o registro e ficaria na base, né?

1. Catalogador 1:

Sim, ele fica na base, depois vai pra pendurar item e fim de história.

2. Pesquisador:

Faz tempo que você trabalha com isso?

2. Catalogador 1:

Ó, eu entrei na biblioteca em 2008. Deve ter uns 10 anos que eu faço catalogação, que eu tô na parte de processamento técnico. Nos últimos 3 eu tô na supervisão, então eu não tenho mais feito catalogação assim. Esse material quem ficava eram os bibliotecários da seção. Eu tenho feito quando precisa, né, quando eu faço alguma coisa, mas não é um serviço que eu faça com frequência. Quando eu fazia eu tinha todos os campos, ajuda de campo, tudo já na cabeça, hoje o máximo que eu vou conseguir ter na cabeça é o de autoridade, porque normalmente quando eu faço são registros de autoridade, porque nem todos os bibliotecários são do grupo de linguagem, então, nem todo mundo tem permissão pra fazer registro de assunto. Eu tenho, então quando alguém da biblioteca precisa, então me passa o assunto e aí eu crio ou importo o registro se for o caso e confiro o registro de autoridade, não bibliográfico. Bibliográfico é raríssimo eu fazer.

3. Pesquisador:

E você recebeu treinamento quando começou a trabalhar na biblioteca?

3. Catalogador 1:

Treinamento pela CGB ou pela própria biblioteca?

4. Pesquisador:

Os dois.

4. Catalogador 1:

Bom, quando eu entrei que eu fui pra sessão de processamento técnico. Inicialmente eu fui pro atendimento e depois processamento técnico. É, na parte do processamento técnico, sim, digamos assim, eu ganhei um manual de serviços da rede Unesp, que é o AACR resumido. O AACR tem todos os campos e informações e tem algumas opções. Já o padrão da Unesp não, nesse campo você usa X, ele vai dizer que no campo 500 você vai usar o título original dois pontos “:” tradução de e vai mostrar quais campos precisam ser usados. A gente sempre tem isso, tive orientação da bibliotecária que era supervisora na época e depois a Zeza, que era uma bibliotecária da CGB de Marília, também andou dando alguns treinamentos em relação a isso.

Eu fui em alguns desses treinamentos até pra depois voltar e passar pra equipe. Então, como eu era solteira, mais disponível, então eu viajava pra depois poder passar pra equipe. Então sim, tive treinamento.

5. Pesquisador:

Então você pegou o processo de implantação da linguagem e como que tudo foi?

5. Catalogador 1:

Da linguagem sim, eu fiz parte, inicialmente, não sei te dizer em que ano foi isso, que já faz tempo já, mais de 7 anos. Inicialmente, começou algumas discussões sobre as áreas de conhecimento da Unesp e aí eu e a supervisora fomos para Marília na primeira reunião com outros bibliotecários da Unesp pra definir as áreas do conhecimento que tinham aqui. Foi antes do grupo de linguagem, antes de formar de fato o grupo de política inclusive. Faz bastante tempo isso, então houve esse momento. Depois disso, aí a professora Mariângela, nesse momento tinha todos os bibliotecários da rede, pelo menos um ou dois. No caso de Bauru por ser um campus muito grande com muitos cursos, tinha nós duas, eu e a Marlene, que era supervisora e depois ela pegou algumas pessoas desse grupo e formou um grupo de política de indexação, que foram as primeiras diretrizes, depois, quando foi formado grupo eu sai dessa parte ... ~-~ {interrupção externa do catalogador} / depois houve esse grupo de política de indexação, quando a professora Mariângela resolveu fazer esse grupo de linguagem já era um passo à frente, aí que eu voltei para esse grupo para fazer parte do grupo de linguagem, porque uma das coisas que a gente tinha desde o começo era que Bauru tem muitos cursos e tem cursos que só tem aqui: Design, Jornalismo, Arquitetura tem em Prudente também, mas Prudente tava começando naquele momento, então tinha muitos cursos que só tinha aqui e a gente que teria que providenciar a linguagem, nós estaríamos próximo ao pesquisador nesse momento, ao especialista. Então, eu e a Marlene, a Marlene continuou no grupo de linguagem e aí eu entrei no grupo de linguagem também. Mais recentemente tem uma outra pessoa que se formou em Biblioteconomia, ela é assistente, mas se formou em Biblioteconomia e é minha substituta, então, ela também tem colaborado com o grupo de linguagem por conta disso. Então, daqui de Bauru, nós temos 3 pessoas do grupo de linguagem. Mas eu tenho acompanhado o grupo de linguagem desde o princípio.

6. Pesquisador:

E você acha que depois disso melhorou a situação da catalogação e da indexação? Como você acha que isso ajudou ou não ajudou no caso?

6. Catalogador 1:

Melhorou, com certeza melhorou. Nós tínhamos muitos registros com assuntos repetidos e isso eu tenho visto agora que eu faço correção de registros de autoridade, às vezes a gente vai corrigir um registro e ele tem, é o mesmo termo com nome diferente ou, às vezes, o mesmo nome com a diferença de plural ou singular, então ele ficava muito repetido. Então eu penso que essa / depois que foi implantada a linguagem melhorou, eu acho que melhorou pro catalogador pra que ele consiga ter assuntos na base, porque às vezes eu tô procurando um assunto que eu não, sei lá, eu não sei muito bem se tem aquele assunto ou não tem, então eu vou pra base de autoridade, pra

busca e pesquisa. E talvez aquele termo que tô procurando em si não exista, mas ele traz outros resultados. Então dentro dos resultados eu posso ver outros itens que se enquadram dentro do que eu tô procurando, então eu tenho mais possibilidades. Eu enquanto catalogadora e eu acho que para o usuário também, não fiz nenhuma pesquisa em relação a isso, mas como usuário melhora, porque eu consigo ter uma especificidade melhor ali. Eu acho que nossa linguagem tá bem rústica, pra dizer o mínimo, tá bem precária ainda, eu acho ainda que a gente precisa de muita coisa, mas ela tá melhor do que tava antes, por exemplo.

7. Pesquisador1:

Você comentou que é comum importar registro e, no caso, quando você importa o registro feito por outra biblioteca e você encontra erros vocês podem mudar isso?

7. Catalogador 1:

Depende muito do campo. Quando eu percebo que existe um livro que eu tô ali, ele tá ali e se tem o registro é o meu registro. Eu tô com a obra na mão e eu tô vendo que a informação X tá errada, só que não fui eu que cataloguei, foi a biblioteca de outro lugar. Eu costumo fazer isso e oriento os bibliotecários, pelo menos os bibliotecários daqui de Bauru a fazerem isso, entrarem em contato com a biblioteca que fez o registro, pra que ela verifique na obra dela se aquela informação tá correta. Por exemplo, existe um registro lá, ele tá igualzinho o meu, só que lá tá 3ª edição e o meu é a 4ª, será que é 3ª mesmo, será que tá com alguma informação, será que de repente a pessoa duplicou o registro e esqueceu de alterar a edição ou uma data. Então, eu peço pra uma pessoa verificar esse tipo de coisa, pra não alterar o registro com as informações que são básicas dele. No campo de assunto, não, aí eu corrijo sem dó. Eu vejo que tá, assim, eu não costumo apagar nenhum assunto que esteja ali ao não ser que ele seja um assunto que não está autorizado. Se ele não estar autorizado aí eu vou verificar qual é o termo autorizado pra corrigir e deletar aquele. Dificilmente eu deleto um registro, geralmente, eu acrescento assuntos que eu localizei pra melhorar aquele registro. O assunto eu evito de deletar e de excluir, porque de repente tá falando de algo que também é importante pro meu usuário. Então eu acrescento esse assunto, mas não excluo o outro.

8. Pesquisador:

Vocês consultam o manual ou, de tanto fazer, acaba decorando? Mas tem dúvidas?

8. Catalogador 1:

Então, o padrão a gente acaba decorando.

9. Pesquisador:

E pra escolher algo pra melhorar a linguagem? O que você acha que poderia fazer na linguagem, na política e no sistema como um todo né?

9. Catalogador 1:

Uma das coisas que eu acho que a gente tá meio enrolada é a quantidade de pessoas. O grupo de linguagem quando começou tinha pessoas de vários campi, de vários campus, de várias áreas, tinha da odonto, tinha da medicina, tinha de Bauru e essas pessoas foram saindo, por conta de N outras demandas. Então assim, a gente tem um grupo pequeno de pessoas e eu acho isso uma coisa ruim. E essa demanda acaba, não sei se tem a ver com a linguagem, tem e não tem, mas os estagiários que estão trabalhando com esse lá em Marília são alunos ainda, então tem muitos termos que nós, apesar de estarmos aqui, já temos um tempo na biblioteca trabalhando, a gente fica em dúvida, a gente pergunta pro especialista coisas às vezes boba, por exemplo: a gente tava fazendo uns registros outro dia, corrigindo uns registros e aparecia ótica e óptica. Então tinha coisas muito parecidas, em alguns tava ótica e outros tava óptica. A gente liga pro professor da física e fala “então, tem assim, assim, assado, o que que é? ah, se tiver se referindo a luz é óptica, aliás, pode ser óptica ou pode ser ótica, se tiver se referindo a visão tem que ser ótica. Aí você olha para o assunto e às vezes o estagiário, não tô desmerecendo o trabalho do estagiário não, tá?!, mas às vezes, o estagiário acabou de passar por aquele registro e ele simplesmente olhou pro da LC ou ele viu, da LC não, da BN ou ele viu alguma outra coisa e ele fez um registro que não necessariamente dizia a respeito, tava correto. Uma que ele não tem a bagagem que a gente tem, que é absolutamente normal e outro que muitas vezes ele não tem um especialista pra perguntar. Às vezes nem a gente consegue falar com o professor, você liga e não consegue, mas às vezes você vê alguns termos assim, ainda estão duplicados na base, ainda estão, sei lá, poderiam estar melhor desenvolvido, ter mais qualidade, ter mais termos remissivas pra que ficasse melhor pra recuperação. uma coisa que precisaria ser melhorado, as pessoas que estão responsáveis pela linguagem hoje, precisaram ter uma capacitação maior, um treinamento maior não “aqui tá o registro, aqui tá o padrão, você vai olhar isso daqui, vai corrigir esses campos desse jeito, se você tiver dúvida, você olha na BN. Nem sempre tá certo, a própria bibliotecária da Biblioteca Nacional falou “a gente faz o Ctrl+c e Ctrl+v”, ela falou “a gente não importou esses registros, a gente vai copiando e colando, a gente N padrões diferentes ali, porque é tudo muito grande, você não consegue fazer retrospectiva”. Então, tem registro que são muito antigos que estão errados. E assim, eu, quando percebo alguma coisa que tá duplicado, tá errada, eu já mando e-mail pra BN pra arrumar também, mas você também tem que ter um pouco de conhecimento, não que eu não erre, eu também erro, mas você tem que ter um pouco mais de conhecimento às vezes pra poder analisar aquela informação e ver se aquela informação faz sentido de verdade. Será que ela tá correta mesmo?! Será que ela poderia ser revista? Será que ela poderia ser atualizada? E aí passar disso pra frente, mas são coisas que só experiência, só treinamento que é possível. Então, até lá, a gente não tem, as equipes das bibliotecas estão reduzidas, então eu duvido que outros bibliotecários vão aceitar participar, tem bibliotecas que tem um ou dois bibliotecários só, então não tem com quem discutir. Que nem eu falei, aqui em Bauru tem eu e mais duas pessoas no grupo de linguagem, então tem hora que a gente discute, discute um termo, vê se é isso, vê se é aquilo, porque às vezes não faz sentido e a gente não faz só replicar, a gente quer entender o que aquilo lá tá fazendo sentido e quais são as relações. Será que tá certo, será que não tá? Então, essa análise crítica precisaria ser feito um pouco mais na linguagem. E aí tem uma outra coisa que eu pensei agora e que não sei, apesar de estar no grupo de linguagem, não sei que fim vai ter isso. A gente importa os registros, a gente tem seguido uma estrutura da biblioteca dos Estados Unidos, da LC, termos gerais e termos específicos de lá. Não necessariamente esses termos ... ~~~ / dificilmente esses termos vão ter a mesma ordem, por exemplo, da estrutura da USP, do VOCAUSP, só que nós estamos fazendo uma macroestrutura baseada na estrutura da USP, dos termos gerais às especificidades da USP e acrescentando nisso daí termos da LC, que são necessários ali pra ficar uma estrutura mais completa. Mas o registro de autoridade não está com esses termos gerais, os termos gerais do registro de autoridade que

a gente tem na base tá seguindo a LC e estamos fazendo estrutura, uma macroestrutura do qual José Carlos tá organizando o TemaTrês de acordo com a USP, então, eu não sei ali como aquilo vai ser resolvido depois, talvez a gente tenha um problema muito grande depois, mas eu decidi que não vou entrar no mérito dessa questão antes da hora, porque não sei se eu tô, eu, a Marlene e a Mara que tamo viajando na maionese, que a gente não tá entendendo o pensamento da professora Mariângela, ou se é o contrário, então esse pode ser um problema futuro, que a gente tenha que refazer todos os registros já feito pra mudar o termo geral. Não sei se você já viu o VOCAUSP. Ele tem uma estrutura melhor, ele é mais estruturado, mas ele não tem muitos termos, ele não é muito extenso, a LC tem muitos termos só que um dia ela foi uma lista de cabeçalho e eles deram uma leve hierarquizada ali, mais ou menos. Então, tem muitos termos ali da LC que estão em vários níveis diferentes, em várias áreas diferentes ...

10. Pesquisador:

Então, estão tentando combinar os dois vocabulários?

10. Catalogador 1:

É, a ideia no início, a ideia de quando a gente começou a fazer essa análise era verificar essas estruturas pra ver qual seria melhor e, a partir dali, a gente fazer a linguagem Unesp baseado. E aí a gente começou a trabalhar e a gente percebeu que a USP é muito mais estruturada, a USP tem uma estrutura melhor, tem umas divisões melhores. Se é perfeita, se é correta, se é completa não sei, não sou especialista em nenhuma dessas áreas, mas a gente percebeu que ela é estruturadinha, que ela faz sentido, só que ela não tem tantos termos, ela não é tão extensa. Então a gente tem pego termos da LC completado essa linguagem da USP. Até aí isso faz sentido pra mim, não acho que seja errado, até porque a estrutura da USP é uma estrutura de conhecimento e muito mais próximo que a gente tem, se você pegar a estrutura de história da USP ou da LC, nossa, história são totalmente diferentes. Assim, não tem nada a ver a maneira como eles enxergam uma história e a maneira como nós no Brasil enxergamos. O que eu tô querendo dizer é uma coisa é a macroestrutura que a gente tá desenvolvendo ou coisa são os registro de autoridade que estamos fazendo, que, na minha opinião, deveria ter a mesma ordem, porque a hora que hierarquiza tudo isso no TemaTrês que é o que a gente tá fazendo estruturando, ele vai precisar, ele vai ter um termo geral, um termo específico, as áreas e subáreas, tudo mais. E aí, eu não sei isso enquanto / porque a USP não tem o registro de autoridade, ela só tem a estrutura, ela não tem nenhum registro. A gente primeiro precisa arrumar eles, pra depois pensar na macro. Então, pra mim aqui tem uma lacuna que pode vir a ter um retrabalho todo futuro, mas também não sei em que momento vai ser isso e como a gente vai fazer isso, se a gente tem como fazer isso automaticamente. Penso que não, mas são coisas que a gente vai ter que num futuro pensar, se for alterar o termo geral do registro de autoridade pra que ele fique de acordo com o TemaTrês, a estrutura que tá lá, a macroestrutura que tá sendo desenvolvida, ele vai ter que ser alterado e eu penso que essa alteração vai ter que ser feitas manualmente, mas aí eu tô divagando, coisa que nem sei se vai acontecer ou como vai acontecer. É um problema que eu acho que vai acontecer. Talvez, porque eu tenho uma visão, enquanto catalogadora, diferente da professora Mariângela, que tem uma visão de pesquisadora, diferente do José Carlos que tem uma visão de Sistema. A Mariângela não conhece um registro de autoridade assim de fazer né e o José Carlos também não. Então, são olhares diferentes pra coisa. Então, eu não sei até que ponto ali... Falta uma, tem uma lacuna.

11. Pesquisador:

Nossa, é bem complicado juntar todos os interesses. Cada um vê de uma forma diferente.

11. Catalogador 1:

Ah, inclusive você vai achar diferença no próprio catalogador. Se eu for pegar um livro que eu cataloguei a 10 anos atrás, talvez hoje eu vá olhar pra ele com outros olhos, com outros assuntos. Bem quando eu cheguei em Bauru, eu fui acompanhar uma vista orientada, porque eu era da Straudi, não tem nada a ver com o que você tá trabalhando, mas só pra ilustrar. E aí o Bibliotecário no dia ele foi fazer uma busca no sistema, no Aleph, pra mostrar pros alunos como fazia digitou Calculo, aí eu fui acompanhar uma segunda visita orientada, que eu ainda tava aprendendo com outro bibliotecário, bibliotecário pesquisou calculo e aí pensei que falta de imaginação, só cálculo. Hoje se eu for fazer uma visita o primeiro nome que vem na minha cabeça é cálculo, porque a gente tem, sei lá, 500 livros de cálculo e os 500 saem todo dia, eles não param na estante, eles rodam, porque a gente tem o curso de matemática, de física, de química, as engenharias, que usam esses livros, então o tempo inteiro é o livro chegando e saindo. É o que você guarda na cabeça. Então, hoje, eu consigo fazer uma catalogação, colocar assuntos e tudo mais em um livro de cálculo com o conhecimento muito maior do que eu tinha antes. Hoje eu já sei que tem calculo analítico, calculo isso, calculo aquilo. É tudo cálculo, mas tem várias especificidades. Então, você vai aprendendo daquela área, você vai conseguindo desdobrar, nesse aspecto, eu acho que experiência acaba fazendo diferença. Você tem uma biblioteca que é específica da área de odonto, só tem odonto, ele {o catalogador} vai saber afundo aqueles assuntos, mas só aquilo. Muitas vezes se abre algum outro curso ali que não tem nada a ver com odonto, nossa, a pessoa vai patinar, porque não sabe.

12. Pesquisador:

Você chegou a estudar esses assuntos pra tentar entender melhor?

12. Catalogador 1:

Sim, muitas vezes a gente tá catalogando um livro, eu vou falar a gente, porque penso que não seja só eu que faça isso, não sei se todo mundo faz isso, e a gente não tá identificando o assunto direito, aqui em Bauru, por exemplo, tem pós graduação em Ciência de Materiais, é outra língua. Eu fui assistir uma aula, só entendi o nome do aluno e o nome do professor. Eu não entendi nem o título do trabalho da pessoa. É outra língua. Então você começa a analisar aquilo ali, começa ver aqueles termos, e são termos que não fazem o menor sentido, que não tem ligação nenhuma. Então quando a gente pega um livro muito específico ou uma tese, a gente tem que parar o tempo inteiro pra ficar na internet pesquisando, entendendo minimamente o que é aquilo, qual a relação daquilo, porque às vezes o termo é tão específico que a gente não tem na linguagem, tem termos, que muitas vezes de tese, que nós não temos na linguagem, então você tem que entender o que é aquilo pra saber dentro do que aquilo tá, dentro de que área pra poder encontrar aquilo dentro da linguagem, porque senão é umas coisas muito estranhas. Se pegar as teses e dissertações da área de ciência de materiais, tem umas áreas que são mais fáceis, educação, mas mesmo Educação, vem uns termos de gameficação, quando começa a aparecer isso você pensa “o que isso?” e aí você tem que parar, ir pra internet, porque é o que tem, você vai lá e pesquisa e se você consegue entender minimamente, você volta pro trabalho pra achar um registro melhor. Um

assunto melhor pra ele ali dentro da linguagem, se não, você fica perdido, tem que ligar pro professor, tentar entender. Às vezes quando a gente a familiaridade com algum aluno de algum curso pergunta “vem cá, me explica isso daqui”. então assim, a gente tenta fazer essas coisas. Tem termos que você não acha. Só que você vai pra internet tem muita coisa, mas não tem na linguagem, então inclui na linguagem, mas tem alguns termos que são novos que você não acha na internet também, assim, tá começando, você acha artigos, mas não tem um livro, não tem nada mais conciso e às vezes você não consegue nem incluir aquele termo na linguagem. Você tem que achar um termo mais genérico pra poder colocar no material. Então, essas questões da linguagem e da especificidade dessa linguagem, eu acho que é outra coisa que a gente vai ter que olhar pra ela daqui a algum tempo, porque existem uma série de questões que precisa avaliar antes de incluir um termo novo. Em relação ao que melhorou, em relação ao bibliotecário, uma das coisas que facilitou pra gente vai buscar. Nesse campo de busca que tem a UEP10, então, às vezes, eu tô fazendo um termo que, sei lá, eu tô fazendo um livro sobre sexualidade, por exemplo, e eu já pesquisei lá e esse termo não existe. Sexualidade não é um termo autorizado. Só que hora que busco ele, ele me dá outras opções, então acho que isso, pro bibliotecário, pro catalogador é bom. Ele me dá outras opções de termos. Deixa eu pensar, engenharia, por exemplo, eu tô com um livro na mão que seja da engenharia civil de um assunto que não sei muito bem o que que é, ele tá meio obscuro, não sei aquele termo, não conheço aquela área, eu posso digitar o termo até onde eu sei, no caso de engenharia civil, eu tenho certeza que ele é e aí ele me traz muito outros termos que dentro disso daqui olhar pro meu livro e falar “ah, tá, esse livro é da engenharia civil e tá falando sobre deformações”. embora eu não tenha o termo específico, não tenho conhecimento pra identificar o termo no livro, eu consigo, de algumas maneiras, identificar outros termos aqui que estão relacionados com a engenharia civil, que é o que eu tava procurando que eu tenho certeza e percebo que determinado termo também vai ser bom. Então, volto pro registro bibliográfico e vou acrescentando outros termos, que eu não tinha pensado inicialmente, mas que eu consigo ver como sugestões de termos aqui. Então, pro bibliotecário eu acho que é uma das coisas que melhorou muito, ele me dá opções, mesmo que eu não saiba direito, ele me oferece as opções. Não sei se o usuário consegue ter essa noção. O que eu percebo do usuário de Bauru, salvo exceções. Ele vem com o autor e o título do livro que ele quer, que é o que vai cair na prova de graduação. Ele vem bem direcionado e, às vezes, mesmo de especialização que ele tem uma bagagem maior e tudo mais, o professor mesmo ou orientador já dá um direcionamento pra ele, dos autores que ele tem que buscar, porque é o autor que ele tá estudando, é a área de pesquisa do professor. Então o aluno já chega com o autor que ele quer. Eu não vejo muitos alunos pesquisando por assuntos, são poucos os que veem e o aluno quando vem é um aluno de pós ou é o aluno que tá perdido, que ele não sabe nem o que ele tá fazendo ali, o que ele precisa ou então é um aluno de pós já que ou ele já vem com autores definidos que o que ele já vem pesquisando ou ele vem com assuntos bem específicos que é o que ele quer. Ele tem uma noção, ele vai pra estante e pesquisa lá. Então, eu acredito que melhore para o usuário, mas o maior benefício que eu vejo é pro catalogador ainda.

Apêndice G – Transcrição da coleta de dados na Biblioteca C

Catalogador 1:

Eu fui pegar um livro na biblioteca ontem. Antes eu vou falar da Rede de Bibliotecas da Unesp, como que funciona, porque a gente trabalha em cooperação. Então vou contextualizar e o que não precisar você despreza. Até o ano de 2018 mais ou menos a gente trabalhava com o Bibliodata. Então, desde que eu entrei na biblioteca da Unesp a orientação que a gente tinha era verificar se ele não estava no nosso acervo ou no acervo da Unesp toda. Então acontece, por exemplo, esse livro que eu peguei hoje, se ele tivesse em outro campus eu iria aproveitar esse registro da catalogação e iria só talvez adequar o assunto pra minha área da Biblioteca onde eu trabalho de Ciências Agronômicas, Engenharia de Bioprocessos e Engenharia Florestal. Então, se não tivesse em nenhuma biblioteca da Unesp, eu consultaria o bibliodata e importaria esse registro de lá. Nas bibliotecas da Unesp a gente tem um grupo de catalogação e eles são responsáveis pela elaboração de um padrão de catalogação pra Unesp. Então, esse padrão, ele tem várias páginas né, foi um manual elaborado. Eu tenho instruções de catalogação original, de catalogação idêntica né, se eu achar um registro idêntico ao nosso, eu importaria esse registro e depois de 2018, mais ou menos, o Bibliodata deixou de ser cooperante com a gente. Então, era uma via de mão dupla. Tanto a gente importava registros deles, quanto de tempos em tempos, eles pegavam registros nossos e acrescentavam na base. Então hoje a gente não tem mais esse recurso e a gente trabalha em cooperação com as outras bibliotecas. Agora se é uma catalogação original, a gente segue o padrão, né, que tem as instruções para fazer essa catalogação. Então, o livro que eu peguei esse aqui {a catalogadora mostrou na tela o livro, 'Manual da Cultura do Tomate, Euclides Biggi'}. A primeira coisa que eu iria fazer é verificar se a gente tem no acervo ...~ então, eu entrei no Aleph, que é o nosso gerenciador. Eu tô no módulo de catalogação {UEP1}. Então, eu faria essa pesquisa em primeiro lugar pra ver se eu já tenho essa obra. {enquanto a catalogadora digital ela fala} 'Manual da cultura do tomate'. Vou escolher a biblioteca BLA, que é aqui de Botucatu. / a gente já tem é, então, como já existe, talvez, acho que até no lageado mesmo. já, ó, o nosso item é esse, 'Faculdade de Ciências Agronômicas'. Então, o que eu faria seria acrescentar um item nele, aproveitando a catalogação que foi feita e revisando um pouco se posso acrescentar algum assunto {enquanto isso, na tela a catalogadora abriu o registro e está conferindo os campos} ou se tem alguns desses campos que já não são mais usados, né, porque conforme vai passando o tempo, atualizando as versões dos programas, a gente vai adequando os campos. Então, esse aqui a gente vê que foi uma importação do Bibliodata. Deixa eu ver quando que ele foi feito. 2012, então é uma catalogação antiga de quando a gente ainda usava o Bibliodata. É, suponhamos que a gente não tivesse esse livro, então eu iria fazer uma catalogação original. {apesar da catalogadora falar livro, creio que a intenção tenha sido falar registro}. então, eu abro uma planilha de catalogação, vou escolher o BK, Book, e aí eu tenho os campos para serem preenchidos de acordo com o padrão. Depois vou te mandar o padrão, que você vai ver que tem detalhadamente campo por campo, né. Então, o título, {'Manual da cultura do tomate'}, o autor no campo 100 {'Euclides Biggi'}, o título no campo 245. Eu vou abrir a catalogação pronta e mostrar alguns detalhes só. Como você viu, aquela planilha é bem extensa, ela permite a entrada de vários campos, mas a gente usa mais esses que estão sendo mostrados aqui {a catalogadora mostra o registro pronto}. esse campo de Líder é gerado automaticamente o campo de 0001 é um campo que a gente atribui o número de sistema. Ctrl+F, então eu tenho uma tabela de numeração, que conforme eu vou atribuindo o número eu vou riscando, né, os números, porque eles são sequenciais. Isso acontece simultaneamente em todas as bibliotecas. Enquanto tô catalogando aqui, as outras pessoas estão catalogando juntos

e esse número vai sendo ocupado, né, eu vou usando uma numeração e aí eles vão usando. Então, a catalogação é basicamente preencher esses campos com as informações que eu tiro do próprio livro. A classificação eu classifico de acordo com o assunto, mas eu olho outros livros sobre a cultura do tomate da biblioteca pra ver se eles estão classificados juntos com esse, né, porque, às vezes, dependendo da pessoa que catalogou, ela deu outro enfoque pro assunto e colocou em uma classificação diferente. Então, ou eu vou adequar a minha classificação à essa que já existe ou vou adequar a que existe à minha, o que eu achar mais conveniente, pra que os livros do mesmo assunto fiquem agrupados juntos, né. Então acontece de quando o nosso acervo começou a ser formado, a gente aceitou muita doação de outras bibliotecas de livros bem antigos de obras assim que a gente precisava formar o acervo. Então, esse livro, por exemplo, é de 1938, então nessa hora eu já verifico se a gente tem obras mais recentes nesse assunto e talvez seja o momento de colocar esse livro pra descarte ou se tiverem muitos exemplares, eu deixaria um, descartaria os outros. Então, é o momento que a gente visita uma catalogação que existe faz tempo e vê se ela tá adequada e se ainda há interesse em manter esse livro no acervo, mas a gente tá trabalhando com a hipótese que ele seria uma catalogação original. O campo do assunto a gente tem uma política de indexação, que eu também já salvei em um material pra você ter aí, né, pra você consultar. Então, a gente já pode incluir o assunto e consultar se ele faz parte do nosso tesouro, que é uma linguagem controlada da Unesp, que a gente não tinha antes e foi criada em 2018 também. A prof^a Mariângela, na época que eu estudei aí em Marília, ela era coordenadora da rede de bibliotecas e professora do curso, então a gente tinha uma / ela mantinha com a rede de bibliotecas uma relação muito próxima, porque ela era coordenadora e muito das pesquisas que ela fez, muito dos artigos que ela publicou são relatos do que foi feito na rede da Unesp. Então, tudo o que eu tô falando foi ela que implantou então você vai ter acesso a muito desses materiais, porque a preocupação que eu tinha era de compartilhar o manual com você, porque ele tá em um intranet das bibliotecárias. Então eu iria consultar pra ver se poderia estar mandando esse material pra você. Pra saber o assunto do livro se fosse uma catalogação original, esse tá bem simples, porque tá no título, né, 'Cultura do Tomate', não tem que sair disso, mas a gente já, às vezes o título não quer dizer exatamente, o título é diferente do, tem um formato diferente assim, que não trata do assunto, mas, à princípio, a gente olha na folha de rosto, eu olho a folha de rosto, no título, nos livros que tem ficha catalográfica eu costumo dar uma olhada, mas a gente nem sempre pode confiar, porque, às vezes, as fichas são totalmente diferentes do que devia ser. O sumário é uma parte que eu olho para ver os assuntos que são tratados. Nesse aqui não tem sumário {barulho de página sendo folheada}. esse aqui é bem antiquinho, é, tem um prefácio, então, no lugar do sumário, eu olharia o prefácio falando, vendo sobre o que que trata o livro, quem escreveu. Depois tem uma nota aqui [...] 'Manual, como o próprio nome diz, não esgota o assunto, mas pretende ressaltar os pontos de um programa pra cultura do tomate'. aqui, então, a nota faria o papel sumário pra mim dizendo como que é tratado o assunto no livro, por aqui eu já teria condições de atribuir o assunto. Se não fosse suficiente eu poderia dar uma olhada nos capítulos, nos títulos dos capítulos. Então, tô vendo aqui que trata que abri a primeira página e fala [...] 'Aspectos técnicos da cultura do tomate', então não me trouxe muita coisa além, mas olhando aqui mais afundo [...] 'fungos no solo', aí já vai falar da parte de doenças, que aparentemente pelo título e pela nota não tava me mostrando que também tratava de doenças. Então, aqui tá falando [...] 'deficiências de elementos nutritivos no solo', então eu posso associar também [...] 'enriquecimento do solo' e aqui tá falando mais pro final bem das doenças, citando todas as doenças possíveis ou as mais comuns e as medidas pra solucionar essas doenças. Então, eu creio que eu posso colocar nessa descrição aqui CULTURA DO TOMATE mas também posso colocar TOMATE - DOENÇAS E PRAGAS, que é um descritor que a gente usa no padrão, né, pra recuperar o assunto e basicamente é isso. Não tem

muito mais o que colocar. Então, eu vou acrescentar nessa catalogação que já existe, vou aproveitar e acrescentar essa parte de doenças e pragas. Deixa eu compartilhar a tela com você. Então, eu vou mexer na catalogação. Então no campo 650 que é o assunto tópico, eu vou criar um campo. O campo 650 pode ser repetido várias vezes, né. Então eu vou colocar de novo. TOMATE e o subcabeçalho que é o X DOENÇAS E PRAGAS, pra confirmar se esse termo é autorizado no nosso tesouro eu vou teclar F3, ele vai aparecer lá TOMARE-DOENÇAS, TOMATE- DOENÇAS E PRAGAS, BELO HORIZONTE, SÃO PAULO. Então, eu tô usando um que é autorizado. Se os autorizados não atenderem a minha necessidade, eu posso criar um termo, né, porque esse tesouro vai crescendo. Então, um assunto que a gente não tinha antes e eu me lembro de ter criado foi NANOTECNOLOGIA, que é uma coisa nova e tal. Então, eu posso e depois vou te mostrar também como eu posso acrescentar esse termo no tesouro. Quando ele tava sendo formado, a gente não tinha essa autonomia de criar os termos, nós tínhamos que submeter esse termo a análise pelo grupo de catalogação, falar mais ou menos de onde que a gente tirou, né, qual que é a obra que apresentou esse assunto. Eles consultavam a LC {Library of Congress} e outros tesouros, tesouro da USP {VOCAUSP}, porque o nosso {tesouro} foi baseado no da USP, né, e aí eles aprovavam esse termo pra que eu usasse. Aí depois com o tempo, que a gente pegou prática assim de criar esses assuntos, a gente tem autonomia pra criar, então facilitou bastante, porque apareceu um assunto novo, eu tenho como inserir ele no tesouro. Vou salvar o registro e continuar. Então basicamente da catalogação e da atribuição de assunto {indexação}, seria dessa forma.

Apêndice H – Transcrição da entrevista retrospectiva com o bibliotecário catalogador da Biblioteca C

1. Pesquisador:

Então, faz muito tempo que você trabalha nessa biblioteca?

1. Catalogador 1:

É, aqui faz 12 anos, mas total na Unesp 25. eu comecei como auxiliar de biblioteca aqui em Botucatu, gostei do trabalho, fui pra Marília, fiz o curso, fiquei 7 anos aí, né, aí apareceu um concurso em Botucatu, minha família é daqui, então, prestei esse concurso e vim pra cá em 2008.

2. Pesquisador:

Então você pegou o Bibliodata, né?! Você acha que mudou muita coisa com essa mudança do Bibliodata para outra linguagem?

2. Catalogador 1:

Na verdade, a linguagem, assim, ela só cresceu, né. A gente continua / você vai ver que até 2017/2018, os registros todos foram baseados no Bibliodata. E aí, quando foi criado esse novo cabeçalho, a gente não fez uma revisão, uma retrospectiva do que já existia, porque é um volume enorme de publicações. Mas acontece assim, quando aparece e a gente tem que mexer em um registro que já existe, a gente melhora o registro, né, acrescenta, porque eu não acompanhei no começo, mas antes um termo era suficiente, se você colocasse um assunto tava bom, agora não, agora você tem que colocar pelo menos 3. Então hoje eu acrescentei mais um, então falta um termo nesse livro, que posso até pesquisar aqui, mas também a gente não vai colocar coisa que não é verdadeira, né. Não vou inventar um assunto. Se não tem mais assunto, eu não vou inventar um assunto pra formar 3. mas pela experiência que eu tenho a gente também não faz aquela atribuição de assunto muito específica, ao não ser que seja uma obra bem moderna, que não exista aquele assunto, aí a gente vai tentar aprofundar e especificar bem o assunto, mas um livro assim, com esse conteúdo, não teria necessidade de fazer muita especificidade no assunto, porque ele já é um assunto muito mais enxuto.

3. Pesquisador:

O que você acha que poderia melhorar?

3. Catalogador 1:

É, uma coisa que depende assim, depende até do raciocínio lógico de cada um seria uniformizar esses termos, como a gente tem feito, né, porque antes a gente tinha um campo 640 que era assunto livre, então, eu poderia usar na minha biblioteca um termo 'tomateiro', por exemplo, que eu não sei se é um termo autorizado, porque a gente tem que pensar, a gente é orientado a pensar como que o usuário vai procurar o assunto. Então, se ele não procurar cultura do tomate ou tomate - doenças e pragas, ele pode procurar de outra forma. Deixa eu ver se tomateiro é um termo que eu pudesse usar. ... ~-~{a catalogadora está procurando o termo na base}. ué, também

posso. Tá vendo? Apareceu! Posso até colocar TOMATEIRO, CULTURA, TOMATEIRO, DOENÇAS E PRAGAS, porque é como o meu usuário pode querer procurar. Então também é uma boa opção. Então aí dependente de conhecer o meu usuário, porque a gente não atende só os estudantes, a gente atende a comunidade também. Então é comum as pessoas, os pequenos agricultores ou mesmo quem tem horta em casa, frequentar a biblioteca atrás de material sobre adubação. Ah! Adubação também é uma coisa que com certeza eles estão tratando aqui, porque se a cultura engloba a parte de controle das doenças, adubação do solo. Então, assim, na verdade, é o momento que você tem que estar concentrado e as ideias vão surgindo né. E às vezes até depois, você faz a catalogação do livro, eu costumo fazer isso, acho que também muita gente faz, dá uma representada, ou você escuta um termo de um aluno que está passando ou você leu o conteúdo, né, TOMATEIRO, então naquele momento não me ocorreu a palavra. Mas depois pode ser que eu me lembre e volto e completo aquela catalogação. Então, eu acho que depois da criação do tesouro, facilitou bastante, porque a gente não pode mais usar esse termo livre. Não posso acrescentar termos que não estejam autorizados, ao menos que eu crie um termo que eu considero importante e que pode ser usado por outras pessoas, aí esse termo começa a fazer parte do tesouro e outras pessoas vão utilizar. Então, se você me perguntar o que pode ser melhorado, eu acho que já foi uma grande conquista, né, assim, a professora Mariângela ter elaborado essa política de descrição, de uso dessas palavras e a gente não pode usar outro termo, então isso aí fechou né, assim, padronizou e obrigou a gente a trabalhar dessa forma padronizada. Então, a forma como tá atende bem a nossa necessidade. E o problema que eu vejo são essas outras catalogações mais antigas que, na verdade, teriam que ser revisadas, né, porque tem muito catalogação com o campo 640, que não era autorizado e as pessoas colocavam frases assim, então se eu visito uma catalogação dessas antigas. Deixa eu te dar um exemplo: mais as pessoas colocavam “problemas de solo na cultura do tomate”, então isso não é uma palavra ou termo, né, é uma frase. Então isso, ao não ser que o usuário coloque essa frase exatamente dessa forma, ele não vai recuperar o assunto. Então, com a proibição ou com a convenção de que não seria mais usado esses termos livres, melhorou bastante, porque agora a gente tem que seguir aquele padrão. Então, eu acredito que da forma como tá hoje, tá atendendo né, as nossas necessidades, principalmente, da gente poder criar os termos novos, porque antes eram ‘Ah, eu tenho NANOPARTICULA, Aí eu não posso usar naquela hora, porque ele tem que ser criado, então como eu dependia de uma aprovação do grupo de catalogação, eu tinha que deixar anotado aquele livro pra depois voltar e completar, mas hoje eu tenho autonomia de criar esse termo. Então ele é feito bem assim consciente, né, de acordo com o manual, então eu mesmo já crio naquela hora e, a partir daquele momento, ele passa a existir pras outras bibliotecas utilizarem. Agora se uma outra bibliotecária vai fazer uma consulta e não acha aquele termo adequado, ela pode entrar comigo e falar: ‘olha, você criou NANOPARTICULA, mas eu tenho visto eles usarem de outra forma’. aí a gente se conversa e chega a um consenso de qual seria a melhor forma de criar esse termo no singular ou no plural, porque né, das duas formas a pessoa pode procurar. Então, eu acho que a criação do manual atendeu bem essa, era uma coisa que precisava e atendeu bem a necessidade. Nesse momento assim, não posso achar uma forma de melhorar.

4. Pesquisador:

E vocês consultam com frequência o manual, a política e o tesouro?

4. Catalogador 1:

É, o tesouro a gente consulta no dia a dia, né. Você insere o termo no campo, aperta o F3 e aí ele vai apresentar o que faz parte e o que não faz parte. Então é constante, né, e o que existe e o que não existe. Então, se não existe aquele termo, então eu sei que eu preciso criar pra poder indexar aquela obra. O manual ele é bem extenso, não sei se você já teve acesso, é que a gente vai sendo atropelado pela rotina, né, agora a gente tá em tele trabalho, trabalhando de casa, mas assim seria o momento de repassar e ver se realmente tem alguma coisa que pudesse ser melhorada ou atualizada, mas de uma forma geral a gente trabalha com a rede e o grupo de catalogação que são bibliotecários escolhidos de algumas unidades, eu não faço parte, mas a gente tem um canal direto de comunicação com esse grupo. Então, a gente imagina que esse grupo cuide dessa parte e as atualizações, as modificações eles repassam pra gente, mas, ao mesmo tempo, eu posso entrar em contato com eles e sugerir e falar 'olhar, tô vendo necessidade de fazer isso e eles vão discutir entre eles e repassar essa questão pra rede, então diferente de uma biblioteca particular, onde eu trabalho sozinha, vamos dizer assim, com autonomia, a gente trabalha orientado por esse grupo, por ser uma rede para que os procedimentos sejam padronizados. Então, a gente se sente protegido assim, ah, não preciso me preocupar com isso, porque o grupo de catalogação se reúne e estuda com frequência para detectar essas falhas, mas não que isso signifique que não possa partir dos bibliotecários para o grupo. A gente tem total liberdade pra sugerir e receber a resposta deles, se é possível fazer ou não. Então, eu acho que é uma relação boa, porque realmente tem que ter um grupo que centraliza essas informações pra repassar, senão eu faço de um jeito, Jaboticabal faz do outro, Marília faz do outro. Aí fica realmente o trabalho diferente e como nossos usuários podem usar todas as bibliotecas né, podem pedir obras emprestadas por empréstimos entre bibliotecas ou mesmo você quando você é de Botucatu e estuda em Marília, quando você estiver em Botucatu você pode frequentar a biblioteca daqui sem problemas, que é o usuário flex, que pode usar toda a rede. Então é importante que a gente fale a mesma língua pra que você não tenha dificuldades de utilizar essas bibliotecas sabendo que elas funcionam como um padrão. Então eu acho que é bem elaborado e bem coordenado né, por esses grupos de estudo.

5. Pesquisador:

Então, por ser uma biblioteca muito específica vocês têm que estudar sobre o assunto? Pra poder entender ou quando surgir dúvidas.

5. Catalogador 1:

É, a gente acaba / quando eu vim pra cá não sabia nada de agronomia, aí em Marília eu trabalhava na biblioteca do campus. Eu já trabalhei na biblioteca de Rubião, que é aqui em Botucatu também, que é medicina, enfermagem, biologia, mais a área de biológicas. Então lá eu fiquei 6 anos, então a gente começou a se familiarizar com os assuntos de medicina, né, de biologia. Mas assim, eu não era bibliotecária naquela época, era auxiliar, mas eu fazia os serviços de bibliotecária, eu orientava pesquisa bibliográfica e essas coisas. E quando eu vim pra agronomia foi a mesma coisa. No dia a dia, você vai conversando, atendendo usuário, você vai se, né, quando tem algum assunto você não domina e se pergunta, mas o que é isso? Aí a pessoa acaba tendo uma conversa informal e por ali você vai e nas correções das referências, no dia a dia mesmo, você vai se familiarizando com aquele assunto. Então você vai percebendo os termos que pessoa se refere pra falar sobre aquele assunto, os termos técnicos, né, porque a gente desconhece. E quando eu fazia ficha catalográfica, que agora a gente tem um sistema automático de gerar a ficha, antes o aluno defendia o mestrado ou doutorado, trazia o trabalho pra mim e

juntos a gente discutia quais seriam as palavras chave ideais pra colocar na ficha. E normalmente no resumo e eles colocam as palavras que eles consideram, mas pra colocar na ficha a gente já usava esse vocabulário controlado pra facilitar na hora da catalogação. Pessoa já chegava com a ficha pronta e já sabia que aqueles termos eram autorizados, então na hora de catalogar aquele trabalho não tinha o que pensar, porque já tinha sido feito de acordo com o padrão. Então, eu senti essa dificuldade agora, porque como a ficha é feita pelo aluno sozinho, ele mesmo entra em um link coloca os assuntos, a gente até tem uma janela pra consultar o tesouro, mas eles não tem facilidade pra utilizar, então eles ligam e falam assim “olha aqui tá dizendo pra eu usar o tesouro, mas eu não tô entendendo nada”. então, acabou ficando livre, então essa é uma dificuldade que eu acho que por um lado a geração da ficha facilitou, porque o próprio aluno senta lá e faz a ficha e não precisa ficar esperando, mas, por outro lado, na hora de catalogar, eu tenho que adequar as palavras dele pro nosso controlado e às vezes eu não entendo daquele assunto. Então ele usou ...~~ controle de nematoides no solo, hoje eu sei o que é nematoide, mas antes eu não sabia. Então pra mim também era difícil interpretar aquela palavra e aí eu tinha que procurar. Normalmente eu procurava no Google ou algum artigo científico sobre aquele assunto, que me explicasse mais o que era aquele termo ou no próprio trabalho do aluno, mas aí eu tenho que abrir o registro e ver o texto e assim, é uma coisa que dá mais trabalho e, de acordo com o que eu sei, às vezes eu não alcanço o significado que ele quis dar naquela frase. Então fica mais complicado, mas são avanços, o usuário tem mais autonomia pra fazer a ficha, então sobrecarregou um pouco o bibliotecário pra catalogar, mas nada que eu não possa ligar pro aluno ou mesmo pro orientador. Então, são os avanços que a gente tem que acompanhar. Por um lado, favoreceu, por outro dificultou, mas a gente tem que se adaptar e acabar ainda tendo esse contato, né, porque a gente tem a impressão que as bibliotecas vão acabar, mas acho que nunca essa relação do bibliotecário com o aluno, pesquisador, não pode acabar, ela pode se tornar assim, que nem a gente tá se falando hoje virtualmente. Mas é importante você ter a responsabilidade de atribuir um assunto pra um trabalho sem se comunicar com o autor. Tem hora que não precisa, mas tem situações que são necessárias aí. Só o autor sabe o que ele quis dizer e quis pesquisar. É impossível um bibliotecário ter conhecimento de todas as áreas. Embora a nossa biblioteca tenha um acervo específico, a gente tem um acervo de leitura pra lazer, então tem uma parte separada do acervo técnico, então a gente também cataloga obras de ficção, romance, enfim, todos os gêneros.

6. Pesquisador:

Então, além do tesouro da Unesp, você utiliza outros vocabulários controlados ou outras bases de dados pra consultar?

6. Catalogador 1:

Sim, então quando eu vou criar um termo que não existe, eu vou pesquisar na LC, na Biblioteca Nacional, eu costumo consultar até outras bibliotecas de agronomia da USP, da UniCamp, de Lavras. Procuo as bibliotecas universitárias públicas ou, até mesmo, as privadas pra ver se dão uma ideia de um termo que é mais usado, enfim, eu costumo consultar. Aliás, nós temos orientação pra consultar a LC e da Biblioteca Nacional também. E depois que o Bibliodata deixou de cooperar, então a gente tem essas outras fontes pra criar esses assuntos autorizados.

ANEXO A – Instruções aos sujeitos (familiarização) sobre a técnica do “Pensar Alto” ou Protocolo Verbal (adaptadas de Nardi, 1993³)

O que vamos fazer agora é uma atividade de familiarização com a técnica de coleta de dados que será usada em nossa pesquisa.

Tudo que você tem a fazer é ler o texto da mesma maneira que você costuma ler um texto para indexação/catalogação de assunto. É muito simples e natural.

Durante toda leitura você precisa “pensar alto”. Tente imaginar você sozinho num recinto lendo um texto. Em situações como essa, já não lhe ocorreu começar a falar espontaneamente em voz alta, exteriorizando seus raciocínios, seus mecanismos mentais para conseguir compreender? Neste processo, o indivíduo “pensa em voz alta” verbalizando espontânea e quase inconscientemente seus pensamentos, questionamentos, suas buscas para eventuais problemas de compreensão, sua maneira singular de extrair significado de um texto.

Um exemplo bastante claro de exteriorização do pensamento durante a realização de uma tarefa (e que ocorre com a maioria das pessoas) é o “pensar alto” espontâneo durante a realização de um problema matemático.

Dá pra você ter uma ideia de como funciona essa técnica? Corresponde à verbalização de sua fala interna, seu pensamento.

Agora, a tarefa que você vai realizar é a indexação/catalogação de um livro. Lembre-se de que é preciso “pensar alto” durante todo o processo.

Você provavelmente encontrará passagens muito claras e fáceis de compreender, outras poderão lhe obrigar a uma “paradinha” para pensar um pouco mais ... tudo depende do seu próprio estilo.

Lembre-se, que nesses momentos de parada para pensar um pouco mais ou resolver algum problema, você deve tentar exteriorizar tudo que passar pela sua cabeça.

Se em algum momento da leitura, você achar difícil falar e pensar simultaneamente, você poderá fornecer uma explicação de como você compreendeu uma

³ NARDI, M. I. A. As expressões metafóricas na compreensão de texto escrito em língua estrangeira. 1993. 260f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993.

determinada passagem ou de como você buscou a solução para um problema de compreensão.

Na medida do possível, tente fazer esforços para “pensar alto” durante o seu processo de leitura. É um processo único em que falar é pensar.

Tente esquecer a presença da pesquisadora. Ela estará presente apenas para lembrar-lhe que é preciso “pensar alto” o tempo todo. Tente agir tão naturalmente quanto possível, como se você estivesse sozinho. Atente apenas para a tarefa que você deve realizar.